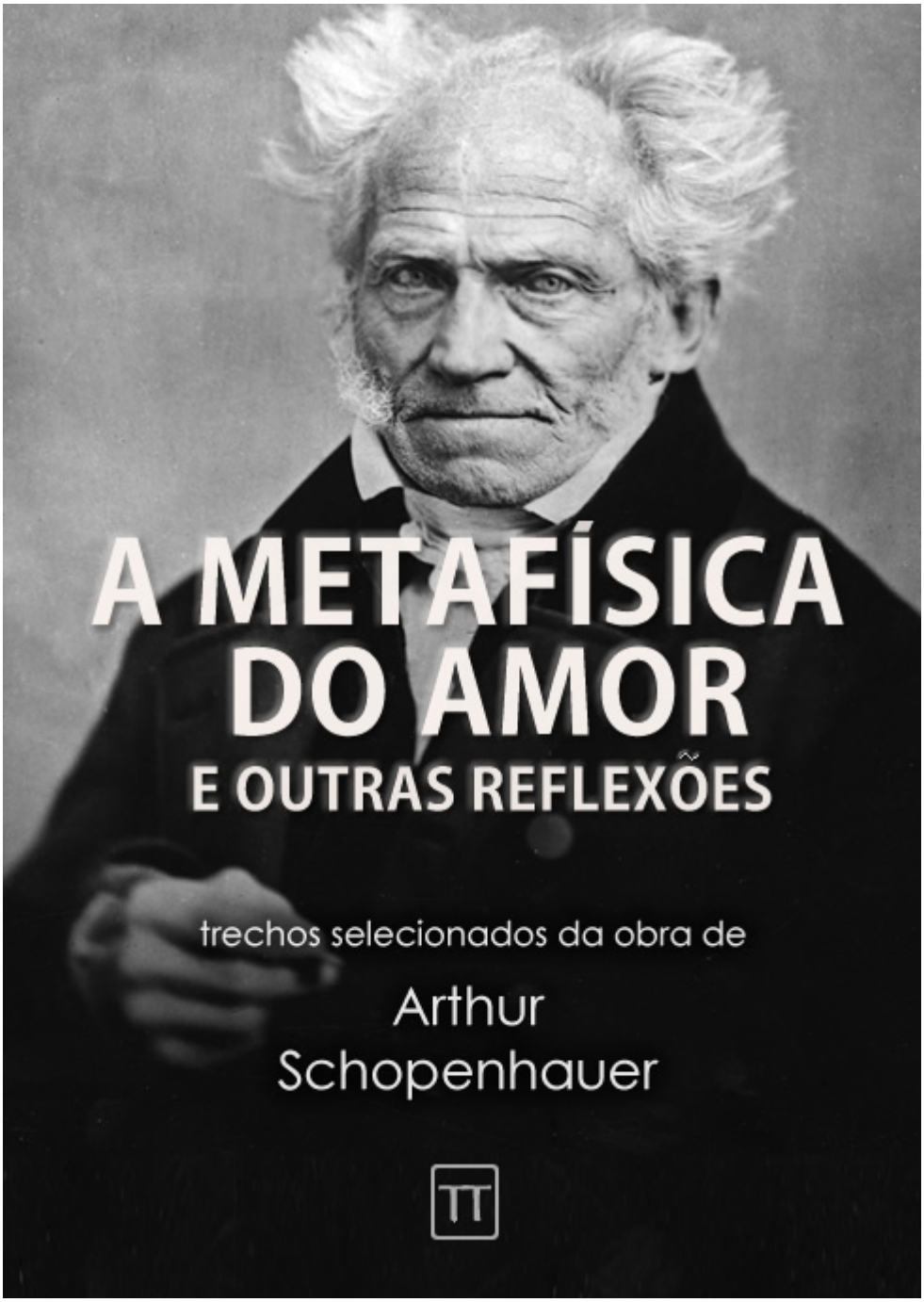


A METAFÍSICA DO AMOR

E OUTRAS REFLEXÕES

Schopenhauer


A METAFÍSICA DO AMOR
E OUTRAS REFLEXÕES
trechos selecionados da obra de
Arthur Schopenhauer
TT

Sumário

Prefácio
1. A Metafísica do Amor
2. Ensaio acerca das mulheres
3. A arte, o estilo, a literatura
4. Pensamentos acerca da religião
5. Pensamentos acerca da política
6. Pensamentos acerca do homem e da sociedade
7. O homem e os animais
8. Características dos diferentes povos
9. As dores do mundo
10. As misérias da vida
11. Resignação e libertação
Epílogo

Todo conteúdo original (em alemão) é de autoria de Arthur Schopenhauer e se encontra em domínio público. A tradução original é de Fernandes Costa (c. 1900), revisada e atualizada por Frater Sinésio (2017).

Texto revisado segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Prefácio e organização: Rafael Arrais

Esta é uma edição de Textos para Reflexão

Para conhecer outras obras, visite o blog:
textospararefleXao.blogspot.com

Design e diagramação: Ayon

Copyright © 2017 por Rafael Arrais (eBook para eReaders v1.1)

Todos os direitos reservados (apenas para a edição e o prefácio)

Prefácio

"O mundo é a minha representação. – Esta preposição é uma verdade para todo ser vivo e pensante, embora só no homem chegue a se transformar em conhecimento abstrato e refletido. A partir do momento em que é capaz de o levar a tal estado, pode se dizer que nele nasceu o espírito filosófico.

Possui então a inteira certeza de não conhecer nem um sol nem uma terra, mas tão somente olhos que contemplam este sol, mãos que acariciam esta terra; numa palavra, ele sabe que o mundo que o cerca existe apenas como representação, na sua relação com um ser que o perceber, que é o homem ele mesmo.

[…] Nenhuma verdade é portanto mais certa, mais absoluta, mais evidente do que esta: tudo o que existe, existe para o pensamento, isto é, o universo inteiro é tão somente um objeto em relação a um sujeito, apenas percepção, em relação a um espírito que o percebe. Ou seja, é pura representação.

Esta lei naturalmente se aplica a todo o presente, a todo o passado e a todo o futuro, tanto àquilo que está longe como ao que está próximo de nós, visto que ela também é verdadeira para o próprio tempo e o próprio espaço, graças aos quais as representações particulares se distanciam umas das outras.

Tudo o que o mundo encerra ou pode encerrar depende necessariamente do sujeito que o percebe, e existe exclusivamente para tal. Assim, o mundo é representação."

Apesar de haver muitas vezes dialogado com o velho Platão e com o seu conterrâneo e predecessor na linhagem dos grandes filósofos alemães, Immanuel Kant, foi na sabedoria

oriental que Arthur Schopenhauer encontrou sua fonte eterna – mais precisamente nos *Vedas* hindus, e no *Bhagavad Gita*, o ápice de toda a sua filosofia.

Não é o que a Academia gosta de lembrar, mas toda a obra de Schopenhauer, a começar pela sua obra-prima, *O mundo como vontade e representação* (do qual tiramos o trecho inicial deste prefácio), é nada mais do que um comentário dos *Vedas*, e em diversas passagens o autor não lhes economiza elogios.

Se o mundo é nossa representação, o mundo nada mais é do que *Maya* – a ilusão, a transitoriedade e a impermanência são, portanto, suas características primordiais. Neste mundo cheio de desejos que de fato nunca serão totalmente satisfeitos, tudo o que podemos experimentar é a dor e a angústia de uma grande insatisfação, um vazio no peito, uma sensação estranha de que nada tem realmente um sentido de ser. Foi por conclusões assim que Schopenhauer foi chamado de "o filósofo do pessimismo".

No entanto, há também a Vontade, a "coisa em si", a essência da realidade, a ânsia da vida por si mesma (como chamaria mais tarde o poeta Khalil Gibran). Perto dela, somos como marionetes, a cumprir o seu maior e mais grandioso objetivo: perpetuar a vida!

Para o pensador alemão, tudo o que fazemos em Maya é executar a vontade da própria vida de se reproduzir, e reproduzir, e reproduzir, infatigavelmente… No fundo, somos todos como espelhos apontados para uma só Vontade, comandados pelo instinto, e por conta de nossa razão e intuição empoeiradas, incapazes de observar e refletir a sua luz sagrada.

Schopenhauer encontrou nas tradições do hinduísmo, do budismo, e até mesmo do misticismo cristão, o caminho possível para vencer esta representação ilusória e impermanente, e nos voltarmos para a Eternidade, um pensamento de cada vez.

A grande questão é que, apesar de seus extraordinários esforços, o filósofo ainda foi limitado pelas palavras, pela

linguagem, pela racionalidade tão comum no Ocidente. Assim, talvez tenham sido poucos os que chegaram a compreender que o seu pessimismo era antes um chamamento, um incentivo a que nós mesmos nos arriscássemos também a abandonar Maya, rumo ao Nirvana, rumo a Vontade, rumo ao que em realidade existe, sempre existiu e sempre há de existir.

Mas isso ainda seria filosofia? Não sei bem. Fato é que Schopenhauer tampouco esteve preocupado com tais classificações. No fim das contas tudo pode ser resumido em algumas poucas reflexões:

O mundo é a minha representação, mas é possível transcender esta representação? E, em sendo, é possível descrever tal transcendência com palavras? Em suma, é possível relatar a face da Eternidade?

Talvez tais perguntas só possam mesmo ser respondidas pelo ser que se aventura neste caminho. E se forem de fato respondidas, temo que só mesmo ele, o caminhante, consiga compreender as respostas.

Então não custa nada tentarmos seguir neste caminho também. Talvez esta leitura, de trechos selecionados das grandes obras de Schopenhauer, *O mundo como vontade e representação* e *Parerga e Paralipomena*, seja já um vigoroso primeiro passo, ou quem sabe mais um proveitoso material de consulta para os aventureiros.

Boa viagem!

Uma breve nota sobre Schopenhauer e as mulheres

Muitos leitores, principalmente as mulheres, podem ficar até mesmo chocados com a forma grosseira com que Schopenhauer trata de alguns assuntos nos textos que se seguirão. É preciso considerar que cada escritor viveu em sua própria época, sob os seus costumes e preconceitos. Schopenhauer viveu numa Europa onde a maioria das mulheres ainda não haviam tido oportunidade de estudar e trabalhar, além de não terem acesso aos métodos anticoncepcionais modernos. Creio que o velho alemão ficaria muito surpreendido com as filósofas de hoje em dia, talvez tivesse mesmo que revisar muito do que supôs como certo.

Mesmo considerando a época em que viveu, entre os séculos 18 e 19, também é necessário lembrar que Schopenhauer não teve exatamente uma vida amorosa bem sucedida. Em 1821, aos 33 anos, ele conheceu uma mulher que gostou dele. Era uma cantora de 19 anos chamada Caroline Medon. Mas ele nunca quis formalizar a relação, provavelmente pela profunda descrença que nutria sobre a possibilidade de ser feliz num casamento. Após 10 anos de idas e vindas, este relacionamento findou, e é provável que ele nunca mais tenha chegado a amar alguém como a amou.

Schopenhauer talvez não fosse um homem fácil de se relacionar, mas isto por si só não invalida o fato de ter sido um dos pensadores mais geniais da história da filosofia. Não há que se levar a sua metafísica do amor como algo “escrito em pedra”, mas antes como as corajosas reflexões de um filósofo acerca da inquietante e extraordinária natureza das relações humanas.

E, finalmente, às mulheres deste nosso século que estejam lendo o restante desta edição: considerem o quanto avançamos, para o bem não somente de vocês, mas também dos próprios homens.

O editor.

1. A Metafísica do Amor

Vós, sábios de elevada e profunda ciência,
Vós que meditais e que sabeis,
Quando, onde e como tudo se une:
Por que todo esse amor e essas carícias?
Vós, grandes sábios, dizei-me!
Revelai-me o que sinto,
Revelai-me onde, como, quando
E por que tais coisas me sucederam.

Bürger (poeta alemão)

Geralmente estamos habituados a ver os poetas fazerem da sua principal ocupação, a de descrever o amor. É este o assunto principal de todas as obras dramáticas, trágicas ou cômicas, românticas ou clássicas, tanto na Índia como na Europa: é também, de todos os assuntos, o mais fecundo para a poesia lírica, bem como para a poesia épica; sem falar na quantidade inumerável de romances que, de alguns séculos para cá, se produzem todos os anos em todos os países civilizados da Europa, de modo tão regular como a fruta das

estações. No fundo, todas essas obras não passam de descrições variadas e mais ou menos desenvolvidas daquela mesma paixão. As pinturas mais perfeitas, *Romeu e Julieta*, a nova *Heloísa*, *Werther*, adquiriram glória imortal. Dizer, como La Rochefoucauld, que o amor apaixonado é como os fantasmas de que toda a gente fala, mas que ninguém viu; ou então contestar como Lichtenberg, no seu *Ensaio sobre a força do amor*, a realidade desta paixão e negar que ela seja conforme a natureza, é, em qualquer dos dois casos, cometer um erro grave. Porque é impossível conceber como sendo um sentimento estranho ou contrário à natureza humana, ou como sendo uma pura fantasia aérea, aquilo que o gênio dos poetas se não cansa de pensar, nem a humanidade se fatiga de acolher com simpatia inabalável; pois que, sem verdade, não há arte perfeita.

Ora, a experiência geral, embora não se renove todos os dias, prova que uma inclinação viva e ainda governável pode, sob o império de certas circunstâncias, crescer e ultrapassar pela sua violência todas as outras paixões, afastar todas as considerações, vencer todos os obstáculos com uma força e uma perseverança incríveis, a ponto de se arriscar sem hesitação a vida para satisfazer o próprio desejo, e mesmo até sacrificá-la, quando esse desejo é desacompanhado de esperança.

Não é simplesmente nos romances que se encontram Werther e Jacopo Ortis: todos os anos, a Europa poderia assinalar pelo menos meia dúzia deles: *sed ignotis perier unt mortibus illi* [tiveram, todavia, uma morte ignorada]; morrem ignorados, não tendo os seus sofrimentos outro cronista senão o empregado municipal que regista os falecimentos, outros anais senão as notícias diversas das folhas periódicas. As pessoas que leem os jornais podem atestar a exatidão do que afirmo. Mas é maior o número daqueles a quem esta paixão conduz ao hospital dos loucos.

Finalmente, observam-se todos os anos diversos casos, casos de suicídio duplo, quando dois amantes desesperados caem vítimas das circunstâncias exteriores que os separam. Por

minha parte, nunca pude compreender como é que dois entes que se amam e julgam encontrar nesse amor a felicidade suprema, não preferem romper violentamente com todas as convenções sociais e sofrer toda a espécie de vergonha, a abandonar a vida, renunciando a uma felicidade, para além da qual nada mais conseguem imaginar.

Quanto aos graus inferiores, aos ataques ligeiros desta paixão, cada qual os tem diariamente diante dos olhos, diante do coração.

Não é permitido, portanto, duvidar da realidade do amor, nem da sua importância. Em vez de se admirarem ao ver que um filósofo procura também tratar desta questão, tema eterno para todos os poetas, mais surpresos deveriam estar ao perceber que tal questão, que desempenha um papel tão essencial na vida humana, tem sido até o presente desprezada pelos filósofos, e está aqui, a nossa frente, ainda como matéria nova.

De todos os filósofos, foi Platão o que mais se ocupou do amor, sobretudo no *Banquete* e no *Fedro*. O que ele disse a este respeito pertence ao domínio dos mitos, fábulas e recreações do espírito, e é relativo sobretudo ao amor grego. O pouco que dele diz Rousseau, no *Discurso acerca da desigualdade*, é falso e insuficiente; Kant, na terceira parte do *Tratado sobre o sentimento do belo e do sublime*, encara um assunto, desta ordem, de um modo excessivamente superficial e por vezes, inexato como quem dele nada percebia. Platner, na sua antropologia, apenas nos apresenta ideias medíocres e sem elevação. A definição de Spinoza merece que a citemos por causa da sua extrema ingenuidade: *amor est titillatio, concometant idea causae externae* [o amor é uma cócega que vem junto da ideia de uma causa exterior]. Portanto, não tenho, nem que me servir dos meus predecessores, nem que refutá-los. Não foi pelos livros, foi pela observação da vida exterior que este assunto se impôs sobre mim e tomou por si mesmo o seu lugar no conjunto das minhas considerações sobre o mundo.

Não espero nem aprovação nem elogio dos apaixonados que procuram naturalmente expressar pelas imagens mais sublimes e mais etéreas a intensidade dos seus sentimentos; para esses, o meu ponto de vista há de parecer excessivamente material, por mais metafísico e transcendente que seja no fundo. Antes de me julgarem, deviam se lembrar de que, se exaltam hoje em canções e sonetos o objeto do seu amor, este apenas obteria deles um ligeiro olhar se houvesse nascido dezoito anos mais cedo.

Porque toda a paixão, por mais etérea que possa parecer, tem todas as suas raízes no instinto natural dos sexos; e até mesmo não é outra coisa senão esse instinto especializado, determinado, e inteiramente individualizado. Assim sendo, reflita que se se observar o papel importante que o amor em todos os seus graus e em todos os seus cambiantes desempenha, não somente nas comédias e nos romances, mas também no mundo real, onde é, com o amor da vida, a mais poderosa e a mais ativa de todas as molas; se se reparar que ele ocupa continuamente as forças da parte mais jovem da humanidade, que é o alvo definitivo de quase todo o esforço humano, que tem uma influência perturbadora sobre os negócios mais importantes, que a toda a hora interrompe as mais sérias ocupações, que muitas vezes desnorteia, por bastante tempo, os espíritos mais elevados, que não tem nenhuma cerimônia em intervir com as suas frivolidades nas negociações diplomáticas e nos trabalhos dos sábios, perturbando umas e outras, que é mesmo hábil em insinuar as suas cartinhas ternas e os seus aneizinhos de cabelo, até nas pastas dos ministros e nos manuscritos dos filósofos, o que não o impede de ser cada dia o promotor dos piores e mais confusos negócios, que rompe as relações mais preciosas, quebra os laços mais sólidos, tem por vítima ora a vida, ou a saúde, ora a riqueza, as normas sociais e a felicidade, que faz do homem honrado um homem sem honra, do fiel um traidor, que parece ser assim como um demônio malfazejo que se esforça por transtornar tudo, por embrulhar e por destruir tudo — há, então vontade, de exclamar: Para que é tanto barulho? Para que são todos estes esforços, estes arrebatamentos, essas

ansiedades e esta miséria? No fim de contas, trata-se apenas de uma coisa bem simples, trata-se somente de que cada João encontre a sua Maria!

Porque será que uma tal bagatela há de desempenhar um papel tão importante e lançar incessantemente a perturbação e o desarranjo na vida bem regulada dos homens?

Ora, para o pensador sério, o espírito da verdade desvenda pouco a pouco esta resposta: não se trata de uma ninharia; longe disso, a importância do negócio é igual à seriedade e ao empenho da pretensão. O fim definitivo de toda a empresa amorosa, quer ela penda para o trágico, ou para o cômico, é realmente o que há de mais importante nas diversas aspirações da vida humana, e merece a seriedade profunda com que cada um nela se empenha.

Com efeito, o que está em questão é nada menos do que *a composição da geração vindoura*. Os *dramatis personae*, os atores que hão de entrar em cena quando nós sairmos dela, serão assim determinados na sua existência e na sua natureza por esta paixão tão frívola. Do mesmo modo que o ser, a *existência* dessas pessoas futuras tem por condição absoluta o instinto do amor em geral: a natureza própria do seu caráter, a sua *essência*, depende absolutamente da escolha individual do amor dos sexos e acha-se assim em todos os respeitos irrevogavelmente fixada. Eis a chave do problema – nós o conheceremos melhor quando tivermos percorrido todos os degraus do amor desde a inclinação mais fugidia, até à paixão mais violenta: reconheceremos então que a sua diversidade nasce do grau de individualização na escolha.

Todas as paixões amorosas da geração presente não são portanto para a humanidade inteira senão a séria *meditatio compositionis generationais future* [meditação sobre a composição da geração futura], e que *iterum pendent innumerae generationes* [da qual dependem muitas gerações]. Não se trata já, efetivamente, como nas outras paixões humanas, de uma infelicidade ou de uma vantagem individual, mas da existência e da constituição especial da humanidade

futura: a vontade individual atinge, nesse caso, o seu poder mais elevado, se transforma em vontade da espécie.

É sobre este grande interesse que assenta o patético e o sublime do amor, os seus transportes, as suas dores infinitas, que os poetas, há milhares de séculos, não se cansam de representar em exemplos inumeráveis. Que outro assunto poderia exceder em interesse aquele que respeita ao bem ou ao mal da espécie? Porque o indivíduo é para a espécie o que a superfície dos corpos é para os próprios corpos. E isso faz com que seja tão difícil dar interesse a uma trama sem lhe intercalar uma intriga de amor; mas nunca se esgotando o assunto, apesar do uso cotidiano que se faz dele.

Quando o instinto dos sexos se manifesta na consciência individual de um modo vago e geral, e sem determinação precisa, é, fora de todo o fenômeno, a vontade absoluta de viver que se manifesta. Quando num ser consciente, o instinto do amor se especializa sobre um indivíduo determinado, não é no fundo senão essa mesma vontade que aspira a viver num ser novo e distinto, exatamente determinado. E, neste caso, o instinto do amor inteiramente subjetivo faz ilusão à consciência, e sabe perfeitamente se disfarçar com a máscara de uma admiração objetiva. Porque a natureza tem necessidade deste estratagema para alcançar os seus fins. Por desinteressada e ideal que possa parecer a admiração por uma pessoa amada, o alvo final é, na realidade, a criação de um ser novo determinado na sua natureza: o que prova que o amor não se contenta com um sentimento recíproco, mas exige a posse mesma, o essencial, isto é, o gozo físico.

A certeza de ser amado não poderia consolar da privação daquela que se ama; e em casos destes mais de um apaixonado tem feito saltar os miolos. Pelo contrário, sucede que, não podendo ser retribuídos, indivíduos muito apaixonados se satisfazem com a posse, isto é, com o gozo físico. É este o caso de todos os casamentos obrigados, dos amores venais ou dos obtidos por violência. A geração de algum filho, é esse o fim único, verdadeiro de todo o romance de amor, embora os

amorosos não o percebam conscientemente: a entrega que conduz ao desenlace é uma coisa acessória.

As almas nobres, sentimentais, ternamente enamoradas, bem podem protestar aqui contra o áspero realismo da minha doutrina; os seus protestos não têm razão de ser. A constituição e o caráter preciso e determinado de geração futura não serão um fim infinitamente mais elevado, infinitamente mais nobre do que os seus sentimentos impossíveis e as suas quimeras ideais? Ora, entre todos os fins a que mira a vida humana, pode haver algum mais considerável? Só esse explica as profundas ardências do amor, a gravidade do papel que ele desempenha, a importância que comunica aos mais ligeiros incidentes. Não se deve perder de vista este fim real, se se quiser ter a explicação de tantos manejos, tantos rodeios, tantos esforços, tantos tormentos infinitos para obter o ente amado, quando, à primeira vista, parecem tão desproporcionados. Pois é a geração do porvir na sua determinação absolutamente individual, que se impulsiona para a existência através destas penas e destes esforços.

Sim! É ela própria que já se agita na escolha circunspecta, determinada, pertinaz, com que se procura satisfazer esse instinto que se chama o amor; e já a vontade de viver do indivíduo novo, que os amantes podem e desejam gerar, já no entrecruzamento dos seus olhares carregados de desejos se ateia uma vida nova, se anuncia um ser futuro, criação completa, harmoniosa. Aspiram a uma união verdadeira, à fusão num ser único; esse ente que vão gerar será como que o prolongamento da sua existência, será a plenitude dela; nele continuarão a viver, fundidas e reunidas, as qualidades hereditárias dos pais. Pelo contrário, uma antipatia recíproca e obstinada entre um homem e uma mulher é indício certo de que não podiam gerar senão um ente mal constituído, sem harmonia e defeituoso. Foi por isso que Calderón, com um senso profundo, representou a cruel Semiramis, a quem chama um filho de ar, como fruto de um estupro, seguido pelo assassinato do marido?

Esta força soberana que atrai exclusivamente um para o outro dois indivíduos de diferente sexo é a vontade de viver manifestada em toda a espécie; procura se realizar, segundo os seus fins, na criança que deles deve nascer; herdará do pai a vontade ou o caráter; da mãe, a inteligência; de ambos a sua constituição física; reproduzindo as feições do pai, lembrando a estatura e forma da mãe. Se é difícil explicar o caráter inteiramente especial e exclusivamente individual de cada homem, não é menos difícil compreender o sentimento igualmente, particular e exclusivo que arrasta duas pessoas uma para a outra; no fundo, estas duas coisas são uma e a mesma. A paixão é implicitamente o que, individualmente, é explicitamente. O primeiro passo para a existência, o verdadeiro *punclum saliens* [ponto saliente] da vida, é na realidade o instante em que nossos pais começam a amar-se — *to fancy each other* [se entusiasmarem um pelo outro], segundo uma admirável expressão inglesa, e, como dissemos, é do encontro e da união dos seus ardentes olhares que nasce o primeiro gérmen do ente novo, gérmen frágil, pronto a desaparecer como todos os gérmens.

Este novo indivíduo é de algum modo uma nova ideia platônica; e, como todas as ideias fazem um esforço violento para chegarem a se manifestar no mundo dos fenômenos, ávidas de tomar a matéria favorável que a lei de causalidade lhes distribui em partilha, do mesmo modo esta ideia particular de uma individualidade humana, tende com uma violência e um ardor extremos a se realizar, num fenômeno. Esta energia, esta impetuosidade, é justamente a paixão que os dois pais futuros sentem um pelo outro. Tem graus infinitos, cujos dois extremos poderiam ser designados sob o nome do amor vulgar e de amor divino — mas, quanto à essência do amor, é em toda a parte e sempre a mesma. Nos seus diversos graus é tanto mais poderoso quanto mais individualista; por outros termos, é tanto mais forte quanto, por todas as suas qualidades e as suas maneiras de ser, a pessoa amada é mais capaz, com exclusão de qualquer outra pessoa, de corresponder ao voto particular e à necessidade determinada que fez nascer naquele que a ama.

O amor é, desde o seu primeiro movimento, arrastado para a saúde, para a força e para a beleza; para a mocidade que é a expressão destes três dons, porque a vontade deseja, antes de tudo, criar seres capazes de viverem com o caráter integral da espécie humana; o amor vulgar não vai mais longe. Vêm depois outras exigências mais especiais, que engrandecem e fortificam a paixão. Não há amor poderoso senão na conformidade perfeita de dois seres… E como não há dois indivíduos absolutamente semelhantes, cada homem deve encontrar numa certa mulher as qualidades que melhor correspondam às suas qualidades, sempre sob o ponto de vista dos filhos que hão de nascer. Quanto mais raro é este encontro, mais raro é também o amor verdadeiramente apaixonado.

É precisamente porque cada um de nós traz latente este grande amor, que compreende a pintura que dele nos faz o gênio dos poetas. Justamente porque esta paixão do amor visa de um modo exclusivo ao ser futuro e às qualidades que ele deve ter, pode suceder que, entre um homem e uma mulher jovens, aliás agradáveis e bem feitos, uma simpatia de sentimento, de caráter e de espírito, faça nascer uma amizade estranha ao amor; pode mesmo acontecer que, neste último ponto, haja entre eles uma certa antipatia. A razão disto está em que à criança que deles haveria de nascer faltaria harmonia intelectual ou física; numa palavra, a sua existência e a sua constituição não corresponderiam aos planos que se propõe a vontade de viver, no interesse da espécie. Pode acontecer, pelo contrário, que, a despeito da repugnância e até da aversão que daí resultam, o amor contudo nasça e subsista, por não deixar ver essas incompatibilidades. Se daí resultar um casamento, esse casamento há de necessariamente ser muito infeliz.

Vamos agora ao fundo das coisas. O egoísmo em cada homem tem raízes tão profundas, que os motivos egoístas são os únicos com os quais podemos contar com segurança para excitar a atividade de um ser individual. A espécie, verdade seja, tem sobre o indivíduo um direito anterior mais imediato e mais considerável do que a individualidade efêmera. Contudo, quando é necessário que o indivíduo atue e se sacrifique pela

conservação e desenvolvimento da espécie, a sua inteligência, toda dirigida para as aspirações individuais, tem dificuldade em compreender a necessidade desse sacrifício e em se lhe submeter logo.

Para alcançar o seu fim, é preciso pois que a natureza alucine o indivíduo por meio de alguma ilusão, em virtude da qual ele veja a sua própria felicidade naquilo que, realmente, não é mais do que o bem da espécie; o indivíduo se torna deste modo escravo inconsciente da natureza, no momento em que julga obedecer apenas aos seus desejos. Uma pura quimera, rapidamente desvanecida, flutua diante dos seus olhos e o faz atuar. Essa ilusão vem a ser o instinto. É ele quem, na maior parte dos casos, representa o sentido da espécie, os interesses da espécie perante a vontade.

Mas aqui, como a vontade se tornou individual, deve ser iludida de tal modo que perceba pelo sentido da espécie: deste modo, julga trabalhar em proveito do indivíduo, ao passo que, na realidade, apenas trabalha para a espécie, no seu sentido mais especial.

É no animal que o instinto desempenha o maior papel e que a sua manifestação externa pode ser melhor observada; mas quanto às vias secretas do instinto, como para tudo o que é interior, podemos aprender a conhecê-las, senão em nós mesmos. Imagina-se, em verdade, que o instinto tem pouco domínio sobre o homem, ou, pelo menos que se não manifesta, senão no recém-nascido quando procura pegar no seio de sua mãe. Mas, na realidade, há um instinto muito determinado, muito manifesto e sobretudo muito complexo, que nos guia na escolha tão fina, tão séria, tão particular da pessoa que se ama e cuja posse se deseja.

Se debaixo do prazer dos sentimentos, não estivesse oculta senão a satisfação de uma necessidade imperiosa, seriam indiferentes a beleza ou a felicidade do outro indivíduo. A procura apaixonada da beleza, o apreço que a ela se dá, o esmero com que se escolhe, não têm nada com o interesse pessoal daquele que escolhe, embora este o imagine, mas sim, evidentemente, com o interesse do ser futuro, no qual importa

manter o mais integral e puro, na medida do possível, o tipo da espécie. Com efeito, mil acidentes físicos e mil desgraças podem provocar a aberração da figura humana: no entanto, o verdadeiro tipo humano, em todas as suas partes, é sempre restabelecido de novo, graças ao sentido especial da beleza que domina sempre e dirige o instinto dos sexos, sem o que o amor seria apenas uma necessidade revoltante.

Deste modo, portanto, não há homem que não comece por desejar ardentemente e não prefira as mais belas criaturas, porque realizam o tipo mais puro da espécie; depois procurará sobretudo as qualidades que lhe faltam, ou às vezes as imperfeições opostas às que ele próprio tem e as achará belas: daí provém, para dar alguns exemplos, as mulheres grandes agradarem aos homens pequenos, os louros gostarem das morenas etc. O entusiasmo vertiginoso que se apodera do homem ao observar uma mulher cuja beleza corresponde ao seu ideal, e faz brilhar em seus olhos a miragem da felicidade suprema, imaginando a possibilidade de vir a se unir com ela, não é outra coisa senão o sentido da espécie que reconhece a sua característica brilhante e clara, e que gostaria de se perpetuar através dela…

Estas considerações derramam luz intensa sobre a natureza íntima de todo o instinto; como se vê aqui, o seu papel consiste quase sempre em fazer mover o indivíduo para o bem da espécie. Porque, evidentemente, a solicitude que um inseto emprega para encontrar uma certa flor, um certo fruto, um excremento ou um bocado de carne, ou então como o ichneumonídeo (*ichneumonidae*), a larva de um outro inseto para depor aí os seus ovos e não noutra parte, e a sua indiferença pela fadiga ou pelo perigo quando se trata de o conseguir, são muito análogos à preferência exclusiva do homem por uma certa mulher, por aquela cuja natureza individual corresponde à sua: ele a procura com um zelo tão apaixonado que, de preferência a não alcançar o seu fim, com desprezo de todo o raciocínio, sacrifica muitas vezes a felicidade da sua vida; não recua nem diante de um casamento insensato, nem diante de ligações ruinosas, nem diante da

desonra, nem diante de atos criminosos, adultério ou violação, e isso unicamente para servir os desígnios da espécie, sob a lei soberana da natureza à custa mesmo do indivíduo.

Efetivamente, em toda a parte, o instinto parece dirigido por uma intenção individual, quando de fato lhe é inteiramente estranho. Todas as vezes que o indivíduo entregue a si mesmo fosse incapaz de compreender os desígnios da natureza, ou fosse levado a lhe resistir, a natureza faz então surgir o instinto; eis o motivo por que o instinto foi dado aos animais inferiores mais destituídos de inteligência; mas o homem não lhe é submetido, senão no caso especial que nos ocupa. Não é porque o homem fosse incapaz de compreender a vontade da natureza, mas não o teria talvez servido com todo o zelo necessário à custa mesmo da sua felicidade particular.

Assim, neste instinto, como em todos os outros, a verdade se reveste de ilusão para atuar sobre a vontade. É uma ilusão de voluptuosidade que faz cintilar diante dos olhos do homem a imagem enganosa de uma felicidade soberana, nos braços da beleza que, a seus olhos, não é igualada por nenhuma outra criatura humana; ilusão ainda, quando imagina que a posse de um único ser no mundo lhe assegura uma felicidade incomensurável e ilimitada.

Assim lhe parece que sacrifica unicamente ao seu gozo o seu trabalho e os seus esforços, ao passo que, na realidade, trabalha apenas para a manutenção do tipo integral da espécie, para a criação de um certo indivíduo inteiramente determinado que tem necessidade dessa união para se realizar e chegar à existência. É de tal modo o caráter do instinto a atuar em vista de um fim de que não possui ideia, que o homem, impelido pela ilusão que o possui, tem algumas vezes horror ao fim a que é conduzido, que é a procriação dos seres; desejaria mesmo se opor a eles, e este é o caso de quase todos os amores, fora do casamento.

Uma vez satisfeita a sua paixão, todo o amante sofre uma decepção estranha; logo se admira pelo fato de que o objeto de tantos desejos apaixonados não lhe dê senão um prazer efêmero, seguido de um rápido desencanto. Este desejo é

efetivamente para os outros desejos que agitam o coração do homem, o que a espécie é para o indivíduo, o que o infinito é para o finito. A espécie, pelo contrário, só aproveita com a satisfação desse desejo, mas o indivíduo não tem consciência disso – todos os sacrifícios que a si mesmo se impôs, impelido pelo gênio da espécie, serviram para um fim, que não é o seu. Por isso, todo o amante, uma vez terminada a grande obra da natureza, se acha mistificado; porque se desvaneceu a ilusão que o tornava escravo da espécie. Disse perfeitamente Platão, traduzido por um latino: *voluptas omnitim maxime vaníloqua* [não existe nada mais presunçoso do que a volúpia].

Estas considerações derramam clarões novos sobre os instintos e o sentido estético dos animais. Também eles são escravos desta espécie de ilusão que faz brilhar a seus olhos a miragem enganadora do seu gozo próprio, ao passo que trabalham tão assiduamente e com um desinteresse tão absoluto pela espécie; assim a ave constrói o seu ninho, assim o inseto procura o lugar propício, onde há de depositar os seus ovos, ou se aplica a caçar uma presa de que ele por si mesmo não gozará, que deve servir de alimento às larvas futuras e que há de colocar ao lado dos ovos; assim a abelha, a vespa, a formiga trabalham nas suas construções futuras e tomam as suas disposições tão complicadas. O que dirige todos estes animais é evidentemente uma ilusão que põe ao seu serviço a máscara de um interesse egoísta. Tal é a única explicação verosímil do fenômeno interno e subjetivo que dirige as manifestações do instinto.

Mas se observarmos as coisas pelo exterior, notamos nos animais mais escravos do instinto, sobretudo nos insetos, um predomínio do sistema ganglionar, isto é, do sistema nervoso subjetivo sobre o sistema cerebral ou objetivo; de onde é forçoso concluir que os animais são impelidos, não tanto por uma inteligência objetiva e exata, como por representações subjetivas, excitando desejos que nascem da ação do sistema ganglionar sobre o cérebro, o que prova que estão sob o império de uma espécie de ilusão: e tal será a marcha fisiológica do instinto.

Como esclarecimento, menciono ainda um outro exemplo na verdade menos característico do instinto na espécie humana: é o apetite caprichoso das mulheres grávidas. Parece nascer de que o sustento do embrião exige muitas vezes uma modificação particular ou determinada do sangue que aflui para ele; então a alimentação mais favorável se apresenta imediatamente ao espírito da mulher grávida como objeto de um desejo vivo; é ainda uma ilusão. A mulher teria portanto mais um instinto do que o homem: o sistema ganglionar é também muito mais desenvolvido nela.

O predomínio excessivo do cérebro explica como é que o homem tem menos instinto que os irracionais e como é que os seus instintos podem algumas vezes se desvairar. Assim, por exemplo, o sentido da beleza que dirige a escolha na procura do amor, se desvaira quando degenera em vício contra a natureza; do mesmo modo uma certa mosca (*musca vomitoria*) em vez de pôr os seus ovos, segundo a conformidade do seu instinto, numa carne em decomposição, depõe-nos na flor do *arum dracunculus*, desvairada pelo cheiro cadavérico desta planta.

O amor tem, pois, sempre para fundamento, um instinto dirigido para a reprodução da espécie; esta verdade nos parecerá mais clara, até à evidência, se examinarmos a questão nos seus pormenores, como vamos fazer.

Em primeiro lugar deve-se considerar que o homem é por natureza levado à inconstância no amor, e a mulher, à fidelidade.

O amor do homem baixa de um modo sensível, a partir do instante em que obteve satisfação; lhe parece que todas as outras mulheres têm mais atrativos do que a que ele possui; aspira à mudança. O amor da mulher, pelo contrário, aumenta a partir desse instante. É esta uma consequência do fim da natureza, que é dirigido para a manutenção, e por consequência, para o acréscimo mais considerável possível da espécie. O homem, com efeito, pode facilmente gerar mais de cem filhos num ano, se tiver outras tantas mulheres à sua disposição; a mulher, pelo contrário, ainda que tivesse outros

tantos maridos, não poderia dar à luz senão um filho por ano, excetuando os gêmeos. Por isso, o homem anda sempre em busca de outras mulheres; ao passo que a mulher se mantém fielmente unida a um só homem: porque a natureza a incita, instintivamente e sem reflexão, a conservar junto dela aquele que deve sustentar e proteger a pequena família futura. Daí resulta que a fidelidade no casamento é algo artificial para o homem e natural na mulher, e por consequência, o adultério da mulher, tanto por causa das suas consequências, como por ser contrário à natureza, é muito mais imperdoável do que o do homem.

Quero chegar ao âmago da questão e acabar de convencer o leitor, lhe provando que o gosto pelas mulheres, por objetivo que possa parecer, não é contudo senão um instinto disfarçado, isto é, o sentido da espécie que se esforça por lhe manter o tipo. Devemos pesquisar de mais perto e examinar mais especialmente as considerações que nos dirigem na busca deste prazer, embora possa parecer estranho mencionar tais minúcias numa obra filosófica.

Estas considerações se dividem do seguinte modo: há primeiro, as concernentes diretamente ao tipo da espécie, isto é, a beleza; há as que visam as qualidades físicas; e enfim as considerações puramente relativas, a necessidade de corrigir e de neutralizar, umas pelas outras, as disposições particulares e anormais dos dois indivíduos. Examinemos separadamente cada uma destas divisões.

A primeira consideração que dirige a nossa inclinação e a nossa escolha é a da idade. Em geral, a mulher que escolhemos, se encontra nos anos compreendidos entre o princípio e o fim das menstruações; damos, no entanto, uma preferência decisiva ao período que vai dos 18 aos 28 anos. Nenhuma mulher fora das condições precedentes nos atrai. Uma mulher idosa, isto é, uma mulher incapaz de ter filhos não nos inspira senão um sentimento de aversão. A mocidade, sem beleza, tem sempre atrativo; a beleza sem mocidade não o tem.

Evidentemente, a intenção inconsciente que nos dirige não é outra senão a possibilidade geral de ter filhos: por consequência, todo o indivíduo perde em atrativo para o outro sexo, conforme está mais ou menos afastado do período próprio para a geração ou concepção.

A segunda consideração é a saúde; as doenças agudas não perturbam as nossas inclinações, senão de um modo passageiro; as doenças crônicas, as caquexias, pelo contrário, assustam ou afastam, porque se transmitem ao filho.

A terceira consideração é o esqueleto, por ser este o fundamento do tipo da espécie. Depois da idade e da doença, nenhuma coisa nos afasta tanto como uma conformação defeituosa; nem o rosto mais belo pode servir de compensação a uma figura tortuosa; pelo contrário, uma cara feia sobre um corpo direito terá sempre a preferência. É sempre um defeito do esqueleto que mais nos impressiona, por exemplo, um busto ossudo e achatado, pernas excessivamente curtas, ou ainda mesmo o coxear quando não é consequência de um acidente exterior. Pelo contrário, um corpo notavelmente belo compensa muitos defeitos, nos encanta.

A importância extrema que todos nós atribuímos aos pés pequenos também dialoga com estas considerações; são, com efeito, um caráter essencial da espécie, pois nenhum animal tem o tarso e o metatarso reunidos tão pequenos como o homem, que tem conexão com o seu andar vertical; é um plantígrado. A esse respeito diz *Jesus de Sirac* (26, 23, segundo a tradução correta de Kraus): “Uma mulher bem feita e que tem pés formosos faz lembrar colunas de ouro sobre bases de prata.” — A importância dos dentes também não é menor, porque servem para a nutrição e são muito especialmente hereditários.

A quarta consideração é uma certa abundância das carnes, isto é, o predomínio da faculdade vegetativa, da plasticidade; porque esta promete ao feto um sustento rico: é por isso que uma mulher grande e muito magra repele de um modo surpreendente. Seios bem arredondados e bem conformados exercem uma fascinação notável sobre os homens; porque,

encontrando-se em relação direta com as funções de geração da mulher, prometem ao recém-nascido alimentação abundante.

Pelo contrário, mulheres gordas além de toda a marca, excitam a nossa repugnância; porque este estado mórbido é um sinal de atrofia do útero, e por conseguinte uma prova de esterilidade. Não é a inteligência que sabe isto, é o instinto.

A beleza do rosto não se toma em consideração, senão em último lugar. Aqui também é a parte óssea que impressiona antes de tudo mais: procura-se sobretudo um nariz bem feito, ao passo que um nariz curto, achatado, estraga tudo. Uma ligeira inclinação do nariz, para cima ou para baixo, decide da sorte de uma infinidade de raparigas, e com razão: porque se trata de manter o tipo da espécie. Uma boca pequena, formada de pequenos ossos maxilares, é muito essencial, como caráter específico da figura humana, em oposição à goela dos animais. Um queixo recolhido e por assim dizer amputado, é particularmente repelente; porque um *mentum prominulum* [queixo proeminente] é um traço de caráter da nossa espécie. Consideram-se em último lugar os olhos bonitos e a testa que se ligam às qualidades físicas, sobretudo às qualidades intelectuais, as quais fazem parte da herança da mãe.

É natural não podermos enumerar com a mesma exatidão as considerações inconscientes a que se prende a inclinação das mulheres. Eis o que se pode afirmar de um modo geral. É a idade de 30 a 35 anos que elas preferem a toda outra idade, mesmo à dos rapazes, os quais todavia representam a flor da beleza masculina. A causa está em serem dirigidas não pelo gosto, mas pelo que reconhece naqueles anos o apogeu da força geradora. Em geral, consideram muito pouco a beleza, sobretudo a do rosto: como se elas só se encarregassem de a transmitir ao filho. São principalmente a força e a coragem do homem que lhes conquistam o coração, porque estas qualidades prometem uma geração de filhos robustos, e parecem lhes assegurar no futuro um protetor corajoso.

Todo o defeito corpóreo do homem, todo o desvio do tipo, pode a mulher suprimi-los para o filho, na geração, se as partes

correspondentes da sua constituição, defeituosas no homem, são nela irrepreensíveis, ou então exageradas em sentido contrário. É preciso excetuar somente as qualidades do homem, particulares ao seu sexo, e que a mãe por consequência não pode dar ao filho; por exemplo, a estrutura masculina do esqueleto, ombros largos, quadris estreitos, pernas direitas, força dos músculos, coragem, barba etc. Daí provém que as mulheres gostam muitas vezes de homens feios, mas nunca de homens efeminados, porque não podem neutralizar tal defeito.

A segunda ordem de considerações que tem importância no amor, diz respeito às qualidades físicas. Aqui veremos que são as qualidades do coração ou do caráter no homem que atraem a mulher, porque essas qualidades o filho recebe do pai. É acima de tudo uma vontade firme, decisão e coragem, e talvez também a retidão e bondade da alma, que conquistam a mulher. Pelo contrário, as qualidades intelectuais não exercem nela nenhuma ação direta e instintiva, justamente porque o pai as não transmite a seus filhos.

A pouca inteligência não é prejudicial diante das mulheres, pelo contrário: uma força de espírito superior, ou mesmo o gênio, por conta da desproporção tem muitas vezes um efeito desfavorável. Por isso, vê-se frequentemente um homem feio, estúpido e grosseiro atrair mais as mulheres do que um homem bem feito, amável, espirituoso. Veem-se, também, casamentos entre indivíduos dissemelhantes tanto quanto possível, sob o ponto de vista do espírito: ele, por exemplo, brutal, robusto, limitado; ela, meiga, impressionável, de pensamento refinado, instruída, cheia de gosto – ou então ele, muito sábio, cheio de gênio; ela, uma estúpida:

Sic visum Veneri; cui placet impares

Formas atgne animos sub juga aenea

Soevo msttere cum Joco

[Assim trabalha Vênus, se comprazendo

Em unir formas e almas desiguais, sob jugo brônzeo

E assim se diverte]

A razão disto é que as considerações que predominam aqui não têm nada de intelectual e se referem ao instinto. No casamento, o que se tem em vista não é uma conversação cheia de espírito, é a criação dos filhos. O casamento é um laço dos corações e não das cabeças. Quando uma mulher afirma que está apaixonada pelo espírito de um homem é pretensão vã e ridícula ou então é exaltação de um ser degenerado.

Os homens, pelo contrário, no amor instintivo, não são determinados pelas qualidades do caráter da mulher; é por isso que tantos Sócrates têm encontrado as suas Xantipas, como por exemplo Shakespeare, Albert Durer, Byron etc. Mas as qualidades intelectuais têm aqui uma grande influência, porque são transmitidas pela mãe. Contudo, a influência delas é facilmente suplantada pela da beleza corpórea, que atua mais diretamente sobre pontos mais essenciais. No entanto, sucede que muitas mães, instruídas pela própria experiência do que é essa influência intelectual, mandam ensinar a suas filhas belas artes, línguas etc., para as tornarem atraentes a seus futuros maridos; procuram assim auxiliar a inteligência por meios artificiais, do mesmo modo que, quando é preciso, procuram desenvolver os quadris e o peito.

Note-se bem que não se trata senão da atração instintiva e inteiramente imediata, única que dá origem à verdadeira paixão do amor. Que uma mulher inteligente e instruída aprecie a inteligência e o espírito num homem, que um homem razoável e refletido experimente o caráter de sua noiva e disso se preocupe, são coisas que nada têm a ver com a questão que se trata aqui: assim procede a razão no casamento quando é ela que escolhe, mas não o amor apaixonado, o único que nos ocupa.

Até agora, ainda não atendi senão a consideração absoluta, isto é, aquelas que são de um efeito geral; vou passar presentemente às considerações relativas, que são individuais, porque nestas o fim é retificar o tipo da espécie, já alterado, e corrigir os desvios do tipo que a própria que escolhe traz já consigo, e regressar desse modo a uma pura representação daquele tipo.

Cada um ama precisamente o que lhe falta. A escolha individual que assenta sobre estas considerações inteiramente relativas, é muito mais determinada, mais decidida e mais exclusiva do que a escolha que não atende senão às considerações absolutas; é destas considerações relativas que nasce ordinariamente o amor apaixonado, ao passo que os amores comuns e passageiros não são guiados senão por considerações absolutas. Não é sempre a beleza regular e completa que ateia as grandes paixões. Para uma inclinação verdadeiramente apaixonada é necessária uma condição que não podemos exprimir, senão por uma metáfora pertencente à química:

As duas pessoas devem neutralizar-se uma à outra, como um ácido e um álcali formam um sal neutro. Toda a constituição sexual é uma constituição incompleta; a imperfeição varia com os indivíduos. Num e noutro sexo cada ser não é senão uma parte do todo, incompleta e imperfeita. Mas esta parte pode ser mais ou menos considerável, conforme as naturezas. Assim, cada indivíduo encontra o seu complemento natural num certo indivíduo do outro sexo que representa de algum modo a fração indispensável do tipo completo, que o complementa, neutraliza os seus defeitos, e produz um tipo exato da humanidade, no novo indivíduo que deve nascer; porque é sempre à constituição deste ser futuro ao que tudo se dirige incessantemente.

Os fisiologistas sabem que a sexualidade no homem e na mulher tem graus inúmeros: a virilidade pode descer até ao horroroso ginantropo e à hipospadia; do mesmo modo que há entre as mulheres graciosos andróginos, os dois sexos podem atingir o hermafroditismo completo, e estes indivíduos que

ocupam o justo meio entre os dois sexos e não fazem parte de nenhum são incapazes de se reproduzir. Para a neutralização de duas individualidades uma pela outra, é necessário que o grau determinado de sexualidade num certo homem corresponda exatamente ao grau da sexualidade numa certa mulher, a fim de que estas duas disposições parciais se compensem justamente uma à outra.

É assim que o homem mais viril há de procurar a mulher mais feminina, e vice-versa. Os amantes medem por instinto esta parte proporcional necessária a cada um deles, e este cálculo inconsciente acha-se com as outras considerações no fundo de toda a grande paixão. Quando os amorosos falam, num tom patético, da harmonia das suas almas, deve se entender as mais das vezes, a harmonia das qualidades físicas próprias de cada sexo, e de natureza a dar origem a um ser completo, harmonia que importa muito mais do que o concerto das suas almas, o qual muitas vezes depois da cerimônia se resolve num flagrante desacordo.

Juntam-se a isso as considerações relativas mais remotas que repousam sobre este fato em neutralizar pela outra pessoa as suas fraquezas, as suas imperfeições e todos os desvios do tipo normal, com receio de que se perpetuem no filho futuro ou se exagerem e tornem deformidades. Quanto mais fraco é um homem sob o ponto de vista da força muscular, mais tem de procurar mulheres fortes: e a mulher procederá do mesmo modo. Mas como é uma lei da natureza que a mulher tenha força muscular mais fraca, está igualmente na natureza que as mulheres prefiram os homens robustos.

A estatura é também uma consideração importante. Os homens baixos têm uma inclinação decidida pelas mulheres altas e reciprocamente… A aversão de uma mulher alta por homens altos está no fundo dos planos da natureza, a fim de evitar uma raça gigante, quando a força transmitida pela mãe fosse excessivamente fraca para assegurar uma longa duração a essa raça incomum.

Se uma mulher alta escolhe um marido alto, entre outros motivos para fazer melhor figura na sociedade, os seus

descendentes é que terão de expiar essa culpa… Até nas diversas partes do corpo cada um procura um corretivo aos seus defeitos, aos seus desvios, com tanto mais cuidado quanto mais importante é essa parte. Assim as pessoas de nariz achatado contemplam com prazer inexprimível um nariz aquilino, um perfil de papagaio. Os homens de formas delgadas e esguias, de esqueleto comprido, admiram uma mulher roliça e baixa.

O mesmo sucede quanto ao temperamento, onde cada um prefere o oposto ao seu; e a sua preferência é sempre proporcional à energia do seu próprio temperamento. Isto não quer dizer que uma pessoa perfeita em qualquer ponto goste das imperfeições contrárias; mas as suporta mais facilmente do que outros as suportariam, porque os filhos acham nestas qualidades uma garantia contra uma imperfeição maior. Por exemplo, uma pessoa muita branca não sentirá repugnância por um tom amulatado; mas aos olhos de uma pessoa de cor amulatada um rosto de brancura deslumbrante há de parecer divinamente belo.

Há exceções em que um homem pode enamorar-se de uma mulher decididamente feia, em conformidade com a nossa lei de concordância dos sexos, quando o conjunto dos defeitos e irregularidades físicas é justamente o oposto e por consequência o corretivo dos do homem. Então a paixão atinge geralmente um grau extraordinário… O indivíduo obedece em tudo isto, sem o suspeitar, a uma ordem superior, à da espécie; daí a importância que ele liga a certas coisas, as quais, como indivíduo, poderiam e deveriam lhes ser indiferentes.

Não há nada tão singular como a seriedade profunda, inconsciente, com que dois indivíduos novos de sexo diferente, que se veem pela primeira vez, observam um ao outro; o olhar inquisidor e penetrante que trocam, a inspeção minuciosa que todas as feições e todas as partes das suas respetivas pessoas têm de sofrer. Esta investigação, este exame, é *a meditação do gênio da espécie* sobre o filho que poderiam criar, e a combinação dos seus elementos

constitutivos. O resultado desta meditação há de determinar o grau da sua inclinação e dos seus desejos recíprocos. Depois de ter atingido um certo grau, este primeiro movimento pode parar subitamente, pela descoberta de algum pormenor até aí despercebido.

Assim o gênio da espécie medita a geração futura em todos os que estão aptos a procriar, e a grande obra de Cupido, que especula e se intromete e atua sem cessar, é precisamente a de preparar a constituição dela.

Em face dos grandes interesses da espécie, toda a vantagem, presente e futura, dos indivíduos efêmeros pouco vale: o deus está sempre pronto a se sacrificar sem dó. Porque o gênio da espécie é relativamente para os indivíduos, como um imortal é para os mortais, e os seus interesses são para os dos homens como um infinito é para o finito. Sabendo portanto que administra negócios superiores a todos os que não dizem respeito senão a um bem ou a um mal individual, os conduz com uma impassibilidade suprema, no meio do tumulto da guerra, na agitação dos negócios, através dos horrores de uma peste, os executa até no retiro do claustro.

Vimos mais acima que a intensidade do amor aumenta à medida que ele se individualiza. Demonstramos que a constituição física de dois indivíduos pode ser tal que, para melhorar o tipo da espécie e lhe restituir toda a sua perfeição, um destes indivíduos deve ser completamente diferente do outro. Então um desejo mútuo e exclusivo os atrai; e só porque é fixado sobre um objeto único, e porque representa ao mesmo tempo uma missão especial da espécie, esse desejo toma imediatamente um caráter nobre e elevado. Pela razão oposta, o puro instinto sexual é um instinto vulgar, porque não é dirigido para um indivíduo único, mas para todos, e porque não procura senão conservar a espécie pelo número unicamente e sem se inquietar com a qualidade.

Quando o amor se fixa num ser único, atinge então uma tal intensidade, um tal grau de paixão que, se não pode ser satisfeito, todos os bens do mundo e a própria vida perdem o seu valor. É uma paixão de uma violência que nenhuma coisa

iguala, não recua diante de nenhum sacrifício, e que pode levar à loucura e ao suicídio. Às coisas inconscientes de uma paixão tão excessiva devem diferir das que esmiuçamos mais acima, e são menos aparentes. Precisamos admitir que não se trata somente aqui da adaptação física, mas que, ainda mais, a vontade do homem e a inteligência da mulher têm entre si uma concordância especial que faz com que eles só possam gerar um certo ser inteiramente determinado: é a existência deste ser que o gênio da espécie tem aqui em vista, por razões ocultas na essência da coisa em si e que não nos são acessíveis.

Noutros termos, o gênio visa um ser determinado de tal forma que não pode ser gerado senão por este pai unido a esta mãe. Este desejo metafísico da vontade em si não tem de início outra esfera de ação na procriação dos seres, senão nos corações dos pais futuros: tomados por este impulso, imaginam desejar por si mesmos o que não tem senão um fim ainda puramente metafísico, isto é, fora do círculo das coisas verdadeiramente existentes. Assim, da fonte original de todos os seres, brota esta aspiração de um ser futuro, que encontra a sua ocasião única de chegar à vida, e esta aspiração se manifesta na realidade das coisas pela paixão elevada e exclusiva dos pais futuros, um pelo outro; no fundo, uma ilusão inigualável impele um apaixonado a dar todos os bens da terra para se unir a esta mulher — e, no entanto, a verdade é que ela não pode lhe dar nada mais do que uma criança.

Tal é o único fim prosseguido; o que o prova é que esta sublime paixão, do mesmo modo que as outras, se extingue no gozo, para o grande espanto dos envolvidos. Extingue-se também quando na mulher, ao se ver estéril (o que segundo Hufeland pode resultar de 19 vícios de constituição acidentais), desaparece o fim da metafísica: milhões de germes desaparecem assim a cada dia, nos quais também o mesmo princípio metafísico da vida aspira, para o ser.

Para isto, não há outra consolação, a não ser nos lembrarmos de que a vontade de viver dispõe do infinito no espaço, no tempo e na matéria, e que lhe estará aberta uma ocasião inesgotável de regresso.

Teofastro Paracelso, que jamais tratou desse assunto, e para quem, aliás, toda esta minha concepção era totalmente desconhecida, tem de ser pensado, ainda que vagamente, naquilo que expressamos aqui, quando escreveu (embora em outro contexto, e à sua maneira):

"Estes são os que Deus uniu, como por exemplo aquela que foi de Urias e Davi, embora essa união (disso estava persuadido o espírito humano) esteja diametralmente em desacordo com um justo e legítimo matrimônio. Mas, por causa de Salomão, que não podia nascer de outros, e sim apenas de Batsheba e do sêmen de Davi, embora ela fosse meretriz, Deus os uniu" (*De vita longa*, I, 5).

O desejo de amor, que os poetas de todos os tempos se esmeram em exprimir sob mil formas, sem nunca esgotarem o assunto, nem mesmo o igualarem, esse desejo que une à posse de uma certa mulher a ideia de uma felicidade infinita, e uma dor inexprimível ao pensamento de não pode obtê-la — esse desejo e essa dor do amor não podem ter por princípio as necessidades de um indivíduo efêmero; esse desejo é o suspiro do gênio da espécie que, para realizar as suas intenções, vê aqui uma ocasião única para aproveitar ou para perder, e que produz profundos gemidos. Somente a própria espécie tem uma vida sem fim e só ela é capaz de satisfações e de dores infinitas. Mas estas se encontram aprisionadas no peito, que parece querer estalar e não pode encontrar nenhuma expressão para pintar o pressentimento de voluptuosidade ou de dor infinita que o invade.

É efetivamente este o assunto de toda a poesia erudita de um gênero elevado, e dessas metáforas transcendentes que pairam muito acima das cristas terrestres. Era isso o que inspirava Petrarca, o que agitava os Saint-Preux, os Werther e os Jacopo Ortis; sem isso, seriam incompreensíveis e inexplicáveis. Esse valor infinito que os amantes ligam um ao outro, não pode assentar sobre raras qualidades intelectuais, sobre qualidades objetivas ou reais; e isto simplesmente porque os amantes não se conhecem com bastante certeza um ao outro; tal era o caso de Petrarca. Só o espírito da espécie pode ver, num olhar

único, que valor os amantes têm para ele, e como podem servir os seus fins. Por isso as grandes paixões nascem em geral ao primeiro olhar.

Who ever lov'd not at first sight?

[Quem já amou que não tenha sido à primeira vista?]

(Shakespeare, *As You Like It*, III, 5)

Nesse sentido, merece ser citado aqui um trecho do romance, já famoso há 250 anos, *Guzman de Alfarache*, de Mateo Aleman:

"Não é necessário, para que alguém ame, que decorra muito tempo, que se faça reflexão e nem escolha; basta que, naquele primeiro e único olhar, ocorra certa correspondência ou consonância, ou aquilo que costumamos vulgarmente designar como uma simpatia de sangue, e que com um particular influxo move as estrelas."

Se a perda da bem-amada, quer pelo fato de um rival, quer pela morte, causa ao amoroso apaixonado uma dor que excede todas as outras, é justamente porque essa dor é de uma natureza transcendente, e não o atinge somente como indivíduo, mas o fere na sua *essentia aeterna*, na vida da espécie de que ele estava encarregado de realizar a vontade especial. Daí provém ser o ciúme tão cheio de tormentos e tão feroz; e a renúncia à bem-amada ser o máximo de todos os sacrifícios.

Um herói se envergonharia de soltar queixas vulgares, mas não queixas de amor; porque então não é ele, é a espécie que se lamenta. Na *Grande Zenóbia*, de Calderon, há no segundo ato uma cena entre Zenóbia e Décio em que este diz:

Cielos, luego tu me quieres?

Perdiera cien mil victorias,

Volviérame etc.

[Céus, também tu me amas?

Renunciaria a cem mil vitórias,

Retornaria etc.]

Aqui, portanto, a honra, que até agora estava acima de qualquer outro interesse, foi abatida e posta em fuga, logo que o amor, isto é, o interesse da espécie, entrou na cena e procurou tirar a vantagem decisiva. Diante deste interesse único cedem a honra, o dever e a fidelidade, depois de terem resistido a toda a outra tentação, mesmo à ameaça de morte.

Vemos, do mesmo modo, na vida privada, que em nenhum ponto a delicadeza da consciência é mais rara: as pessoas mais honestas e mais retas se colocam de lado nesta matéria, e cometem o adultério com desprezo de tudo, quando o amor apaixonado, isto é, o interesse da espécie, se apodera delas. Parece mesmo que creem ter consciência de um privilégio superior tal como os interesses individuais nunca poderiam conceder outro igual; justamente porque atuam no interesse da espécie.

Sob este ponto de vista, o pensamento de Chamfort é digno de nota: "Quando um homem e uma mulher têm um pelo outro uma paixão violenta, parece-me sempre que, quaisquer que sejam os obstáculos que os separam, um marido, parentes etc., os dois amantes são, por natureza, um do outro, se pertencem por direito divino, apesar das leis e das convenções humanas". Se se levantassem protestos contra esta teoria, seria o bastante recordar a admirável indulgência com que o Salvador, no Evangelho, trata a mulher adúltera, quando presume a mesma falta em todos os circunstantes.

A maior parte do Decâmeron parece ser, sob este mesmo ponto de vista, uma pura zombaria, um puro sarcasmo do gênio da espécie sobre os direitos e os interesses dos indivíduos que ele calca aos pés. Todas as diferenças de classe,

todos os obstáculos, todas as barreiras sociais são afastadas pelo gênio da espécie e por este aniquiladas sem esforço. Dissipa como uma palha leve todas as instituições humanas, não se preocupando senão com as gerações futuras. É sob o império de um interesse de amor que todo o perigo desaparece, tal como o ente mais covarde encontra coragem.

E na comédia e no romance com que prazer, com que simpatia, não seguimos nós os jovens que defendem o seu amor, isto é, o interesse da espécie, e que triunfam sobre a hostilidade dos pais unicamente preocupados com interesses individuais. Porque, tanto quanto a espécie é superior no indivíduo, tanto a paixão é superior em importância, em elevação e em justiça, a tudo o que a contraria. Por isso, o assunto fundamental de quase todas as comédias é a entrada em cena do gênio da espécie com as suas aspirações e os seus projetos, ameaçando os interesses dos outros personagens da peça e buscando os sepultar; e o desenlace, em conformidade com justiça poética, satisfaz o espectador, porque este último sente que os desígnios da espécie devem ter muita preferência aos dos indivíduos; depois do desenlace se retira consolado, deixando os amorosos com a sua vitória, se associando à ilusão de que eles fizeram a sua própria felicidade, quando realmente não fizeram senão dá-la em sacrifício ao bem da espécie, apesar da previdência e da oposição de seus pais.

Em certas comédias singulares, se tentou inverter o fato e encaminhar o bom fim para a felicidade dos indivíduos, à custa dos fins da espécie; mas neste caso, o espectador sente a mesma mágoa que o gênio da espécie, e a vantagem segura dos indivíduos não pode consolá-los. Como exemplo, me acodem ao espírito algumas pequenas peças muito conhecidas: *A rainha de dezesseis anos* e *O casamento de conveniência*. Nas tragédias em que se trata de amor, os amantes sucumbem quase sempre; não puderam fazer triunfar os fins da espécie de que eram apenas instrumentos – assim foi em *Romeu e Julieta*, *Tancredo*, *Don Carlos*, *Wallenstein*, *A noiva de Messina* e tantas outras.

Um apaixonado cai no cômico tão facilmente como no trágico, porque tanto num como noutro caso, está nas mãos do gênio da espécie, que o domina a ponto de o arrebatar a si mesmo; as suas ações são desproporcionadas ao seu caráter. Daí provém, nos graus superiores da paixão, essa cor tão poética e tão sublime de que os seus pensamentos se revestem, essa elevação transcendente e sobrenatural, que parece lhe fazer perder de vista o fim inteiramente físico do seu amor. É que o animam agora o gênio da espécie e os seus interesses superiores. Receberam a missão de fundar uma série indefinida de gerações dotadas de uma certa constituição e formadas de certos elementos que não podem se encontrar senão num só pai e numa só mãe: esta união, e só ela, pode dar existência à geração determinada que a vontade de viver exige expressamente.

O sentimento de que atua em circunstâncias de uma importância tão transcendente, transporta o amante a uma tal altura acima das coisas terrestres e mesmo acima dele próprio, e reveste os seus desejos materiais de uma aparência de tal modo imaterial, que o amor é um episódio poético, mesmo na vida do homem mais prosaico, o que o torna por vezes ridículo.

Essa missão que a vontade, ao cuidado dos interesses da espécie, impõe ao amante, se apresenta sob a máscara de uma felicidade infinita e antecipada que espera encontrar na posse da mulher que ama. Nos graus supremos da paixão esta quimera é tão cintilante que, se acaso não se puder atingi-la, a vida mesmo perde todo o encanto, e parece daí em diante tão despida de alegrias, tão desconsolada e tão insípida, que o desgosto que ela causa é superior mesmo ao temor da morte; muitas vezes o infeliz abrevia voluntariamente os seus dias.

Neste caso, a vontade do homem entrou no turbilhão da vontade da espécie, ou então esta última sobreleva de tal modo à vontade individual que, se o amante não pode proceder na qualidade de representante desta vontade da espécie, se recusa a proceder em nome da sua própria. O indivíduo é um vaso extremamente frágil para conter a aspiração infinita da

vontade da espécie concentrada sobre um objeto determinado. Depois disto não resta outra saída senão o suicídio, muitas vezes o duplo suicídio dos dois amantes, a não ser que a natureza, para salvar a existência, deixe sobrevir a loucura a qual cobre com o seu véu a consciência de um estado desesperado. A cada ano muitos casos análogos se encarregam de confirmar esta verdade.

Mas não é somente a paixão que tem muitas vezes um desenlace trágico e contrariado: o amor satisfeito também conduz mais vezes à desgraça da que à felicidade. Porque as exigências do amor, em conflito com o bem-estar pessoal do amante, são de tal modo incompatíveis com as outras circunstâncias da sua vida e com os seus planos de futuro, que minam todo o edifício dos seus projetos, das suas esperanças e dos seus sonhos. O amor não está somente em contradição com as relações sociais, também está muitas vezes contra a natureza íntima do indivíduo, quando se fixa em pessoas que, fora das relações sexuais, seriam odiadas pelo seu amante, desprezadas ou mesmo ignoradas. Mas a vontade da espécie tem tanto poder sobre o indivíduo, que o amante faz calar as suas repugnâncias e fecha os olhos perante os defeitos daquela a quem ama; passa superficialmente por tudo, desconhece tudo, e une-se para sempre ao objeto da sua paixão tão deslumbrado está por essa ilusão, a qual se desvanece logo que a vontade da espécie é satisfeita, e que deixa atrás de si para toda a vida uma companheira detestada.

Só assim se explica que homens razoáveis e mesmo distintos, se unam a harpias e casem com megeras, e não compreendam como é que fizeram semelhante escolha. É este o motivo por que os antigos representavam o amor com uma venda. Pode mesmo suceder que um apaixonado reconheça claramente os vícios intoleráveis do temperamento e do caráter na sua noiva, os quais lhe pressagiam uma vida tormentosa, que sofra amargamente com isso, sem ter coragem de renunciar:

I ask not, I care not,

If guilt's in thy heart;

I know that I love thee,

Whatever thon art.

[Não me pergunto, não me importo,

Se és culpada em teu coração;

Eu sei que te amo,

Não importa o que sejas.]

Porque, no fundo, não é o seu próprio interesse que ele procura, embora o imagine, mas sim o de um terceiro indivíduo, que deve nascer desse amor. Este desinteresse, que é em toda a parte prova de grandeza, dá aqui ao amor apaixonado uma aparência sublime e faz dele um digno objeto de poesia.

Finalmente, acontece que o amor se concilia com o ódio mais violento pelo ente amado, e assim Platão o comparou com o amor dos lobos pelas ovelhas. Este caso se dá quando um amante apaixonado, apesar de todos os esforços e de todas as rogativas, não pode por nenhum preço se fazer ouvir.

I love and hate her

[Eu a amo e a odeio]

(Shakespeare, *Cymb*, III, 5.)

O seu ódio contra a pessoa amada inflama-o então e vai tão longe que ele mata a sua amada, e depois dá a si próprio a morte. Todos os anos aparecem exemplos desta espécie, leem-se nos jornais. Quanta verdade há nestes versos de Goethe: "Por todo o amor desprezado! Pelos elementos infernais! Quisera conhecer algo ainda mais atroz para poder amaldiçoar!"

Em verdade, não é uma hipérbole quando um apaixonado chama crueldade à frieza da sua namorada, ou ao prazer que ela encontra em fazê-lo sofrer. Está efetivamente sob a influência de uma inclinação que, análoga ao instinto dos insetos, o obriga, apesar da razão, a seguir absolutamente o seu fim, e a desprezar tudo o mais. Mais de um Petrarca teve de arrastar o seu amor ao longo de toda a sua vida, sem esperança, com uma corrente, com uma bala de ferro ao pé, exalar os seus suspiros na solidão das florestas; mas não houve senão um Petrarca dotado ao mesmo tempo do tom de poesia; a ele aplicam-se os belos versos de Goethe: "Um deus me concedeu a arte de exprimir o quanto sofro, nas circunstâncias em que os outros homens se calam com a sua dor".

O gênio da espécie está sempre em guerra com os gênios protetores dos indivíduos, é perseguidor destes e seu inimigo, sempre pronto a destruir sem piedade a felicidade pessoal, para chegar aos seus fins; e se tem observado a salvação de nações inteiras depender muitas vezes dos seus caprichos. Shakespeare oferece-nos um exemplo disto em *Henrique VI* (parte 3, ato 3, cenas 2 e 3). Com efeito, a espécie em que o nosso ser cria raiz, tem sobre nós um direito anterior e mais imediato que o indivíduo, os seus negócios estão adiante dos nossos. Os antigos sentiram isto, quando personificaram o gênio da espécie em Cupido, deus hostil e cruel, apesar do seu aspeto infantil; um deus justamente acusado de ser um demônio caprichoso, despótico, e contudo senhor dos deuses e dos homens:

Tu, deorum hominumque tyranne, Amor!

[Tu, tirano de deuses e homens, Amor!]

Flechas mortíferas, uma venda e asas são os seus atributos. As asas caracterizam a inconstância, consequência ordinária da decepção que acompanha o desejo satisfeito.

Como efetivamente a paixão assentava sobre a ilusão de uma felicidade pessoal, em proveito da espécie, uma vez pago o tributo à espécie, a ilusão enganadora deve desvanecer. O gênio da espécie que tinha tomado posse do indivíduo, o abandona de novo à sua liberdade. Abandonado por ele recai nos limites estreitos da sua pobreza, e se admira de ver, depois de tantos esforços sublimes, heroicos e infinitos, nada mais do que uma satisfação vulgar dos sentidos: contra toda a expectativa, não se acha mais feliz do que dantes. Percebe que foi ludibriado pela vontade da espécie. Assim, regra geral, Teseu, depois de satisfeito, abandona a sua Ariana: se a paixão de Petrarca tivesse sido satisfeita, o canto teria cessado, como o da ave, logo que os ovos estão postos no ninho.

Note-se, de passagem, que a minha metafísica do amor há de desagradar, com certeza, aos apaixonados que se deixaram apanhar no laço. Se fossem acessivos à razão, a verdade fundamental que eu descobri os tornaria capazes, mais do que qualquer outra, de subjugarem o seu amor. Mas é forçoso nos submeter à sentença do velho poeta cômico: *Que res in se neque consilium, neque modum habet ullum, eam consilio regere non potes* [Aquilo que não tem em si nem razão nem medida, não pode ser regido pela razão].

Os casamentos de amor são concluídos no interesse da espécie e não em proveito do indivíduo. É verdade que os indivíduos imaginam trabalhar pela sua própria felicidade; mas o verdadeiro fim lhes é estranho, pois não é outro senão a procriação de um ser que só é possível vir a ser através deles. Obedecendo ambos ao mesmo impulso, devem naturalmente procurar se entenderem o melhor possível. Mas muitas vezes, graças a essa ilusão instintiva, que é a essência do amor, o casal formado se encontra, em tudo o mais, em absoluto desacordo. Isso logo se vê assim que a ilusão se desvaneceu, fatalmente.

Então, sucede que os casamentos de amor são bastante regularmente infelizes, porque asseguram a felicidade de geração futura, mas à custa da geração presente. *Quem se casa por amores, há de viver com dores*, diz o provérbio espanhol.

Sucede o contrário nos casamentos de conveniência, concluídos na maior parte conforme a escolha dos pais. As considerações que governam esta espécie de casamento, sejam quais forem, ao menos são reais, e não podem desaparecer por si mesmas. Tais considerações são capazes de assegurar a felicidade dos esposos, mas à custa dos filhos que deles devem nascer, e ainda essa felicidade é problemática. O homem que, quando se casa, se preocupa mais ainda com o dinheiro do que com a sua inclinação, vive mais no indivíduo do que na espécie, o que é absolutamente oposto à verdade, à natureza, e merece um certo desprezo.

Uma rapariga que, apesar dos conselhos de seus pais, recusa a mão de um homem rico e novo, e rejeita todas as considerações de conveniências para escolher segundo o seu gosto instintivo, faz à espécie o sacrifício da sua felicidade individual. Mas justamente por causa disso, não se lhe pode recusar uma certa aprovação, porque ela preferiu o que importa mais do que o resto, atua no sentido da natureza (ou mais exatamente, da espécie), ao passo que os pais aconselhavam no sentido do egoísmo individual.

Parece, pois, que na conclusão de um casamento seja preciso sacrificar os interesses da espécie ou do indivíduo. A maior parte das vezes é exatamente o que ocorre, tão raro é ver as conveniências e a paixão andarem de mão dadas. A miserável constituição física, moral ou intelectual da maior parte dos homens sem dúvida provêm, em parte, dos casamentos serem concluídos habitualmente, não por escolha ou inclinação pura, mas por considerações exteriores de toda a espécie e segundo circunstâncias acidentais.

Quando, ao mesmo tempo que as conveniências, a inclinação é respeitada até certo ponto, é como se fizesse uma transação com o gênio da espécie. Os casamentos felizes são, como se sabe, muito raros, justamente por ser da essência do casamento o não ter por fim principal a geração atual, mas sim a geração futura. Todavia, acrescentemos ainda para consolação das naturezas ternas e amantes, que o amor apaixonado se associa por vezes a um sentimento de origem

bem diferente; refiro-me à amizade fundada sobre o acordo dos caráteres; mas esta não se declara senão depois do amor se extinguir no gozo: o acordo das qualidades complementares, morais, intelectuais e físicas, necessário sob o ponto de vista da geração futura para fazer nascer o amor, pode também, sob o ponto de vista dos próprios indivíduos, por uma espécie de oposição concordante de temperamento e de caráter, produzir a amizade.

Toda esta metafísica do amor que eu acabo de tratar aqui, liga-se intimamente com a minha metafísica em geral [ver o Prefácio desta edição], a esclarece com uma nova luz, e vou dizer como.

Viu-se que, no amor dos sexos, a seleção atenta, se elevando pouco a pouco até ao amor apaixonado, assenta sobre o interesse tão alto e tão sério que o homem toma pela constituição especial e pessoal da raça vindoura. Esta simpatia extremamente notável confirma justamente duas verdades apresentadas nos precedentes capítulos [ver *O mundo como vontade e representação*, obra da qual este texto é somente um comentário de apêndice]:

Primeiro, a indestrutibilidade da própria essência do ente em si, que sobrevive nessas gerações futuras. Esta simpatia, tão viva e tão ativa, que nasce, não da reflexão e da intenção, mas das aspirações e das tendências mais íntimas do nosso ser, não poderia existir de um modo tão indestrutível e exercer sobre o homem um tão grande império, se o homem fosse absolutamente efêmero e se as gerações sucedessem realmente e absolutamente distintas umas das outras, não tendo outro laço, senão a continuidade do tempo.

A segunda verdade é que o ente em si reside mais na espécie do que no indivíduo. Porque este interesse para a constituição especial da espécie, que está na origem de todo o comércio de amor, desde o capricho mais passageiro até à paixão mais séria, é verdadeiramente para cada um o maior negócio, isto é, aquele cujo sucesso ou insucesso o afeta do modo mais sensível; donde lhe provém por excelência o nome de *negócio do coração*.

Assim, quando este interesse falou de um modo decisivo, todo e qualquer outro interesse concernente apenas à pessoa particular lhe é subordinado e em caso de necessidade sacrificado. O homem prova assim que a espécie lhe importa mais do que o indivíduo e que vive mais diretamente na espécie do que no indivíduo.

Qual é, pois, o motivo pelo qual o apaixonado se entrega com um completo abandono aos olhos daquela que ele escolheu, e está pronto a lhe fazer toda a espécie de sacrifício? Porque é a parte *imortal* do seu ser que suspira por ela; ao passo que outro qualquer dos seus desejos apenas se refere ao seu ser efêmero e mortal.

Esta aspiração viva, fervorosa, dirigida para uma certa mulher, é portanto um penhor da indestrutibilidade da essência do nosso ser e da sua continuidade na espécie. Considerar esta continuidade como uma coisa insuficiente, é um erro que nasce de que, pela continuidade da vida da espécie, se não entende outra coisa senão a existência futura de seres semelhantes a nós, mas de nenhum modo idênticos: e isto porque, partindo de um conhecimento dirigido para as coisas externas, se não considera senão a figura exterior da espécie, tal como nós a concebemos por intuição e não a sua íntima essência.

Esta essência interior é justamente, porque está no fundo da nossa consciência e forma o seu ponto central, o que é mesmo mais imediato que essa consciência: e, considerado como coisa em si, liberta do *principium individuations* [princípio de individuação], esta essência se acha absolutamente idêntica em todos os indivíduos, quer existam no mesmo momento ou quer se sucedam. É a isto que eu chamo, noutros termos, vontade de viver, isto é, aquilo que anseia pela vida e a sua continuidade.

É justamente esta força que a morte poupa e deixa intacta, força imutável que, no entanto, não pode nos conduzir a um estado melhor do que a situação presente. Pois que para todo o ente vivo, o sofrimento e a morte não são menos certos do que a existência. Podemos, contudo, nos libertar dos sofrimentos e da morte pela negação da vontade de viver, que tem por efeito

desprender a vontade do indivíduo do ramo da espécie, e suprimir a sua existência na espécie. O que se torna então essa vontade, não temos nós ideia e nos faltam todos os dados sobre esse ponto. Não podemos designar um tal estado senão como tendo a liberdade de ser vontade de viver ou de não o ser.

Este último caso é o que o budismo chama *Nirvana*; é precisamente o ponto que, pela sua própria natureza, permanece para sempre inacessível a todo o conhecimento humano.

Se agora, nos colocando no ponto de vista destas últimas considerações, mergulhamos os nossos olhos no tumulto da vida, vemos a sua miséria e os seus tormentos ocuparem todos os homens; vemos os homens reunirem todos os seus esforços para satisfazerem necessidades sem fim e se preservarem da miséria sob inúmeras formas, sem contudo ousarem outra coisa senão a conservação, durante um curto espaço de tempo, dessa mesma existência individual tão atormentada. E eis que em pleno turbilhão, vemos dois amantes cujos olhares se cruzam, cheios de desejos – mas por que tanto mistério, por que com tanto medo e às escondidas?

Porque todos os amantes apaixonados são traidores, que trabalham em segredo para perpetuar toda a miséria e tormentos que, sem eles, logo teriam um fim – um fim que eles querem impedir, da mesma maneira que, antes deles, seus pais fizeram.

***

Se o espírito da espécie, que dirige dois amantes sem eles o saberem, pudesse falar pela boca destes e exprimir ideias claras, em vez de se manifestar por sentimentos instintivos, a alta poesia desse diálogo amoroso, que na linguagem atual não fala senão por imagens românticas e parábolas, ideias de aspirações infinitas, de pressentimentos de uma

voluptuosidade sem limites, de inefável felicidade eterna, de fato assim se traduziria:

Dáfnis — Gostaria de fazer de um indivíduo a geração futura, e creio que tu poderias dar-lhe o que me falta.

Cloé — Também tenho a mesma intenção, e creio que poderias dar-lhe o que eu não possuo. Ora vejamos!

Dáfnis — Dou-lhe a estatura elevada e a força muscular: não tens nem uma nem outra.

Cloé — Dou-lhe formas graciosas e pés pequeninos: coisas que tu não tens.

Dáfnis — Dou-lhe pele branca e fina que tu não possuis.

Cloé — Dou-lhe cabelos pretos e olhos pretos: tu és loiro.

Dáfnis — Dou-lhe nariz aquilino.

Cloé — Dou-lhe uma boca pequena.

Dáfnis — Dou-lhe a coragem e bondade, que não podiam provir de ti.

Cloé — Dou-lhe uma bonita fronte, espírito e inteligência, que tu não podes dar-lhe.

Dáfnis — Estatura direita, bons dentes, sólida saúde, eis o que recebe de nós: na verdade, juntos ambos podemos dotar com perfeição o indivíduo futuro; por isso te desejo a ti mais do que a qualquer outra mulher.

Cloé — E eu também te desejo.

[Dáfnis e Cloé são personagens de um romance pastoril homônimo escrito pelo grego Longo (*Longus*) no século II ou III d.C. Schopenhauer obviamente faz uma brincadeira aqui.]

***

Laurence Sterne diz em *Tristram Shandy: there is no passion so serious as lust* [Não há nenhuma paixão tão séria como a luxúria.

Efetivamente, a voluptuosidade é muito séria. Imagine-se o par mais formoso, mais encantador, e veja como ele se atrai e se repele, como os dois que o constituem se desejam e fogem um ao outro, numa bela folia de amor. Chegando, porém, o momento da voluptuosidade, toda a brincadeira, toda a alegria graciosa e doce desapareceram subitamente. O casal tornou-se sério, por quê? Porque a voluptuosidade é bestial, e a bestialidade não ri. As forças da natureza atuam em toda a parte seriamente. A voluptuosidade dos sentidos é oposta ao entusiasmo que nos abre o mundo ideal. O entusiasmo e a voluptuosidade são graves e não comportam brincadeira.

***

Os caprichos que nascem do amor assemelham-se aos fogos fátuos: nos conferem as ilusões mais vivas, nos conduzem ao pântano e desvanecem.

2. Ensaio acerca das mulheres

O simples aspeto da mulher revela que ela não é destinada nem a grandes trabalhos da inteligência, nem aos grandes trabalhos materiais. Paga a sua dívida à vida, não pela ação, mas pelo sofrimento, pelas dores do parto, pelos cuidados inquietos da infância; deve obedecer ao homem, ser uma companheira paciente que o tranquilize. Não é feita nem para os grandes esforços, nem para as penas ou prazeres excessivos; a sua vida pode decorrer mais silenciosamente, mais insignificante e mais quieta que a do homem, sem que ela seja, por natureza, nem melhor nem pior.

O que torna as mulheres particularmente aptas para cuidarem e para dirigirem a nossa primeira infância é elas mesmas ficarem pueris, fúteis e limitadas; ficam toda a sua vida crianças grandes, uma espécie de intermediárias entre a criança e o homem. Observe-se uma rapariga nova brincando um dia inteiro com uma criança, dançando e cantando com ela, e imagine-se o que um homem, com a melhor vontade deste mundo, poderia fazer no lugar dela.

***

Nas raparigas, a natureza parece ter querido fazer o que, em estilo dramático, se chama teatro; adorna-as por alguns anos de uma beleza, de uma graça, de uma perfeição

extraordinárias, à custa de todo o resto da sua vida, a fim de que, durante esses rápidos anos de esplendor, elas possam se apoderar fortemente da imaginação de um homem e levá-lo a se encarregar lealmente delas, de um modo qualquer. Para o bom êxito desta empresa a pura reflexão e a razão não davam garantia suficiente. Por isso, a natureza armou a mulher, como todas as outras criaturas, com as armas e os instrumentos necessários para assegurar a sua existência e somente durante o tempo indispensável, porque a natureza atua neste ponto com a sua economia habitual: do mesmo modo que a formiga fêmea, depois da sua união com o macho, se torna mais frágil durante o período de incubação, assim também a maior parte das vezes, depois de duas ou três concepções, a mulher perde a sua beleza, sem dúvida, pela mesma razão.

Daí provém que as raparigas consideram geralmente as ocupações do lar ou os deveres do seu estado como coisas acessórias e puras bagatelas, ao passo que reconhecem a sua verdadeira vocação no amor, nas conquistas e em tudo o que dele depende, o vestuário, a dança etc.

***

Quanto mais nobre e completa é uma coisa, mais lenta e tardiamente se desenvolve. A razão e a inteligência do homem não atingem todo o seu desenvolvimento, senão próximo dos vinte e oito anos; na mulher, pelo contrário, a maturidade do espírito lhe chega aos dezoito anos. Assim, esta tem uma razão de dezoito anos estritamente medida. É por isso que as mulheres ficam toda a sua vida verdadeiras crianças. Não veem senão o que está debaixo dos seus olhos, se agarram ao presente, tomando a aparência pela realidade e preferindo as frivolidades às coisas mais importantes.

O que distingue o homem do animal é a razão; confinada no presente, reporta-se ao passado e pensa no futuro: daí a sua prudência, os seus cuidados, as suas frequentes apreensões. A razão débil da mulher não participa nem destas vantagens,

nem destes inconvenientes; ela é afetada por uma miopia intelectual que lhe permite, por uma espécie de intuição, ver de um modo penetrante as coisas próximas; mas o seu horizonte é limitado e o que é remoto permanece além das suas considerações.

Daí provém que tudo o que não é imediato, o passado e o futuro, atuam muito mais debilmente na mulher do que em nós: daí também essa inclinação muito mais frequentada pela prodigalidade, a qual muitas vezes chega a demência. No fundo da sua alma, as mulheres imaginam que os homens foram feitos para ganhar dinheiro e as mulheres para gastá-lo; se o não podem fazer durante a vida do marido, o realizam após a sua morte. E o que contribui para confirmá-las nessa convicção é o marido lhes dar dinheiro e incumbi-las de governar a casa.

Contudo, quantos lados defeituosos são compensados por uma vantagem: a mulher mais absorvida no momento presente, por pouco suportável que seja, goza-o mais do que nós; daí essa boa disposição que lhe é própria e que a torna capaz de distrair e às vezes de consolar o homem oprimido, com seus cuidados e carinhos.

Nas circunstâncias difíceis não se deve deixar de apelar, como outrora faziam os germanos, para os conselhos das mulheres; porque elas têm um modo de conceber as coisas, inteiramente diferente do nosso. Vão direitas ao fim pelo caminho mais curto, porque os seus olhares se fixam, em geral, naquilo que têm à mão: ao passo que a nós, pelo contrário, o nosso olhar ultrapassa, sem se deter nelas, coisas que nos ferem os olhos, e procura mais além; precisamos ser chamados a um modo de ver mais simples e mais prático. Acrescente-se a isto que as mulheres têm decididamente um espírito mais estável, e não veem nas coisas senão o que nelas há realmente; ao passo que, sob a impressão das nossas paixões excitadas, vemos aumentados os objetos, e imaginamos quimeras.

As mesmas aptidões nativas explicam a piedade, a humanidade e a simpatia que as mulheres testemunham pelos

infelizes, ao passo que são inferiores aos homens em tudo o que respeita à equidade, à retidão e à escrupulosa probidade. Em consequência da fraqueza da sua razão, tudo o que é presente, visível e imediato, exerce nelas um império contra o qual não poderiam prevalecer nem as abstrações, nem as máximas estabelecidas, nem as resoluções enérgicas, nem nenhuma consideração do passado ou do futuro, do que é afastado ou ausente.

Elas têm as qualidades primárias e principais da virtude, mas faltam-lhe as secundárias e as acessórias. Por isso, a injustiça é o defeito capital das naturezas femininas. Isto provém do pouco bom senso e da pouca reflexão que assinalamos, e o que agrava ainda este defeito é que a natureza, lhes recusando a força, deu-lhes para proteger a sua fraqueza, uma compensação na astúcia; daí a sua velhacaria instintiva e a sua insensível inclinação para a mentira. O leão tem os seus dentes e as suas garras; o elefante e o javali têm as suas defesas, o touro tem cornos, os chocos [moluscos marinhos] tem a sua tinta, que lhes serve para turvarem a água que lhe fica em derredor; a natureza não deu à mulher para se defender e se proteger senão a dissimulação; esta dificuldade supre a força que o homem encontra no vigor dos seus membros e na sua razão.

A dissimulação é inata na mulher, tanto na mais esperta como na mais tola. É-lhe tão natural usar dela em qualquer ocasião como a um animal atacado o defender-se com as suas armas naturais; e procedendo assim, ela tem até um certo ponto consciência dos seus direitos: o que faz com que seja quase impossível encontrar uma mulher absolutamente verídica e sincera. É justamente por isso que ela penetra tão facilmente no coração do homem, não sendo prudente tentar vencê-la pela dissimulação.

Deste defeito fundamental e das suas consequências nascem a falsidade, a infidelidade, a traição, a ingratidão etc. As mulheres também são perjuras perante a justiça, muito mais frequentemente do que os homens, e seria uma questão a tratar, saber se devem ser admitidas a prestar juramento.

Acontece, de tempos a tempos, que mulheres, a quem nada falta, são surpreendidas nas lojas de modas em flagrante delito de roubo.

Os homens novos, belos, robustos, são destinados pela natureza a propagar a espécie humana, a fim de que esta não degenere. Tal é a firme vontade que a natureza exprime pelas paixões das mulheres. É seguramente, de todas as leis a mais antiga e a mais poderosa!

Ai, portanto, dos interesses e dos direitos que se lhe oponham. No momento próprio, serão, suceda o que suceder, impiedosamente esmagados. Porque a moral secreta, não confessada e mesmo inconsciente, mais inata das mulheres, é esta: nós fundamo-nos no direito para enganar aqueles que imaginam poder, pelo fato de proverem economicamente à nossa subsistência, confiscar em seu proveito os direitos da espécie. É a nós que foram confiadas, é sobre nós que repousam a constituição e a salvação da espécie, a criação da geração futura; pertence-nos trabalhar para esse fim com toda a consciência.

Mas as mulheres não se interessam de nenhuma forma por este princípio superior, *in abstrato*, compreendem-no unicamente *in concreto*, e quando se apresenta ocasião para fazê-lo, não têm outro modo de o exprimir senão o seu modo de proceder; e a este respeito a sua consciência as deixa muito mais em repouso do que o que se pode crer, porque, no fundo mais obscuro do seu coração, sentem vagamente que, atraiçoando os seus deveres para com o indivíduo, preenchem-no tanto melhor para com a espécie que tem direitos infinitamente superiores.

Como as mulheres são unicamente criadas para a propagação da espécie e como toda a vocação delas se concentra neste ponto, vivem mais para a espécie do que para os indivíduos, e tomam mais a peito os interesses da espécie que os interesses dos indivíduos. É isto que dá a todo o seu ser e à sua conduta uma certa ligeireza e modos de ver opostos aos homens: tal é a origem dessa desunião tão frequente no casamento, que se tornou quase normal.

***

Os homens entre si são naturalmente indiferentes; as mulheres são, por natureza, inimigas. Isto deve provir de que o *odium figulinum* [ódio invejoso], a rivalidade que nos homens se restringe a cada corporação de ofício, abrange nas mulheres a espécie toda, porque todas elas não têm mais do que um mesmo ofício, a mesma ocupação.

Na rua, basta se encontrarem para deitarem umas às outras olhares de Guelfos e de Gibelinos [facções políticas rivais na Itália medieval]. Salta aos olhos que, numa primeira entrevista, duas mulheres têm mais constrangimento, mais dissimulação e reserva do que teriam dois homens em caso análogo. Pela mesma razão, os cumprimentos entre mulheres parecem mais ridículos do que entre homens. Note-se além disso que o homem fala em geral com algumas deferências e uma certa humanidade aos seus subordinados, mesmo os mais ínfimos; mas é insuportável ver com que altivez uma mulher da alta sociedade se dirige a uma mulher da classe inferior, quando esta não está ao seu serviço.

Isto pode provir de que, entre mulheres, as diferenças de hierarquia são infinitamente mais precárias do que nos homens e de que estas diferenças podem ser modificadas ou suprimidas facilmente; a hierarquia que um homem ocupa depende de mil considerações; para as mulheres só uma decide tudo: o homem a quem agradaram. A sua função única se põe num pé de igualdade muito mais acentuada, e por isso procuram criar entre si diferenças hierárquicas.

***

É preciso que a inteligência do homem tenha sido muito obscurecida pelo amor, para ele ter chamado belo a esse sexo de pequena estatura de ombros estreitos, de largos quadris e de

pernas curtas; toda a sua beleza reside efetivamente no instinto do amor. Em vez de chamar-lhe belo, teria sido mais justo chamar-lhe inestético. As mulheres não têm nem o sentimento, nem a inteligência da música, como não têm o da poesia ou o das artes plásticas; tudo nelas não é mais do que uma pura imitação, um puro pretexto, uma pura afetação, explorada pelo seu desejo de agradar.

São incapazes de tomar uma parte desinteressada seja no que for, e eis a razão: o homem se esforça em todas as coisas por dominar diretamente ou pela inteligência, ou pela força; a mulher, pelo contrário, é sempre e em toda a parte reduzida a uma dominação absolutamente indireta, isto é, não tem poder independente do homem, é sobre ele só que ela exerce uma influência imediata.

Por consequência, a natureza leva as mulheres a procurarem em todas as coisas um meio de conquistar o homem e o interesse que elas parecem tomar pelas coisas exteriores, é sempre um fingimento, um artifício, isto é, puro enfeite e pura macaquice. Rousseau bem o disse: “As mulheres em geral não gostam de nenhuma arte, não percebem nenhuma e não têm nenhum gênio”.

Aqueles que não se detêm unicamente nas aparências, já devem tê-lo notado. Basta observar, por exemplo, o que ocupa e atrai a sua atenção num concerto, na ópera ou na comédia. Ver a sem-cerimônia com que, nos mais belos trechos das maiores obras primas, elas continuam a sua tagarelice. Se é verdade que os gregos não admitiam as mulheres no espetáculo, tinham bastante razão; nos seus teatros, ao menos, podia-se perceber alguma coisa; hoje, seria bom acrescentar ao *mulier taceat in ecclesia* [a mulher deve ficar em silêncio na igreja], um *taceat mulier in theatro* [o mesmo, no teatro], ou então substituir um preceito ao outro, e suspender este último em grandes letras sobre o pano da boca.

Mas o que melhor se pode esperar da parte das mulheres, se se reflete que no mundo inteiro, este sexo não pode produzir um espírito verdadeiramente grande, nem uma obra completa e original nas belas artes, nem no que quer que seja uma única

obra de um valor duradouro! Isto é frisante na pintura; são tão capazes como nós de adquirir o lado técnico desta arte e a cultivam assiduamente, sem poderem se vangloriar de uma única obra prima, porque lhes falta justamente a objetividade de espírito que é sobretudo necessário na pintura; não podem sair de si mesmas.

Assim, as mulheres ordinárias não são mesmo capazes de lhe sentir as belezas, porque *natura non facit saltus* [a natureza não dá saltos]. Huarte, na sua obra célebre *Examen de ingenios para las ciencias*, que data de 300 anos, nega às mulheres toda a capacidade superior. Exceções isoladas e parciais não alteram nada as coisas; as mulheres são, e ficarão, tomadas no seu conjunto, as ignorantes mais completas e mais incuráveis. Graças à nossa organização social absurda no supremo grau, que lhes faz compartilhar o título e a situação do homem, por mais elevados que estes sejam, elas excitam com encarniçamento as suas ambições menos nobres, e por consequência natural deste absurdo, a sua dominação, o tom que elas impõem, corrompem a sociedade moderna.

Deveria se tomar como regra esta sentença de Napoleão I: "As mulheres não têm classe". Chamfort diz também com muito acerto: "Elas são feitas para comerciarem com as nossas fraquezas, com a nossa loucura, mas não com a nossa razão. Existem, entre elas e os homens, simpatias de epiderme, e muito poucas simpatias de espírito, de alma e de caráter". As mulheres são o *sexus sequior* [sexo inferior], o segundo sexo sob todos os aspectos, feito para se conservar aparte, e no segundo plano. É certo que se deve poupar a sua fraqueza, mas é ridículo lhe tributar homenagem, e isso mesmo nos degrada a seus olhos.

A natureza, separando a espécie humana em duas categorias, não fez quinhões iguais. Foi isto o que, em todos os tempos, pensaram os antigos e os povos do Oriente; faziam uma ideia muito mais clara do papel que convém às mulheres, do que nós fazemos com a nossa galantaria à antiga moda francesa e a nossa estúpida veneração, a qual é a expansão mais completa da tolice germano-cristã. Isto não serviu senão para torná-las

tão arrogantes e tão impertinentes como são: muitas vezes me fazem pensar nos macacos sagrados de Benares [ou Varanasi, cidade indiana onde os macacos são venerados e andam livremente pelas ruas], os quais têm tanta consciência da sua dignidade sacrossanta e da sua inviolabilidade, que julgam que tudo lhes é permitido.

A mulher no Ocidente, aquilo a que se chama *a dama*, encontra-se numa posição inteiramente falsa, porque a mulher, o *sexus sequior* dos antigos, não é de nenhum modo feita para inspirar veneração e para receber homenagens, nem para levantar a cabeça mais alta do que o homem, nem para ter direitos iguais aos destes. As consequências desta falsa posição são evidentíssimas. Seria para desejar que, na Europa, se colocasse no seu lugar natural este número dois da espécie humana e que se suprimisse a dama, objeto das gozações de toda a Ásia, e do qual a Roma e a Grécia teriam zombado igualmente. Esta reforma seria sob o ponto de vista político e social um verdadeiro benefício.

O princípio da lei sálica [lei do século quinto que, dentre outras coisas, consagrou exclusivamente a homens a ordem de sucessão no poder monárquico] é tão evidente, tão indiscutível, que parece inútil formulá-lo. O que se chama propriamente falando, a dama europeia, é uma espécie de ente que não deveria existir. Não deveria haver no mundo senão mulheres domésticas, aplicadas ao dever do lar, e raparigas aspirando a sê-lo e que se formariam não para a arrogância, mas para o trabalho e para a submissão. É precisamente por haver *damas* na Europa que as mulheres da classe inferior, isto é, a grande maioria, são infinitamente mais dignas de lástima do que no Oriente.

As leis que regem o casamento na Europa supõem a mulher igual ao homem, e têm assim um ponto de partida falso. No nosso hemisfério monógamo, casar-se é perder metade dos seus direitos e ver duplicados os seus deveres. Em todo o caso, como as leis concederam às mulheres os mesmos direitos que aos homens, deveriam também ter-lhes conferido uma razão viril. Quanto mais as leis conferem às mulheres direitos e

honra superiores ao seu marido, mais elas limitam o número das que têm realmente parte nestes favores, e tiram às outras os seus direitos naturais na mesma proporção em que os deram excepcionais a algumas privilegiadas.

A vantagem que a monogamia e as leis que dela resultam concedem à mulher, proclamando-a igual ao homem, o que ela não é, sob nenhum ponto de vista, produz por consequência que os homens sensatos e prudentes muitas vezes hesitam em se deixarem arrastar a tamanho sacrifício, a um pacto tão desigual!

Entre os povos polígamos, cada mulher encontra alguém que se incumbe dela. Entre nós, pelo contrário, o número das mulheres casadas é bastante restrito e há um número infinito de mulheres que ficam sem proteção, *donzelonas*, vegetando tristemente nas classes elevadas da sociedade; e pobres criaturas submetidas a trabalhos penosos e rudes, nas classes inferiores. Ou então se tornam miseráveis prostitutas, arrastando uma vida vergonhosa e levadas pela força das coisas a formarem uma espécie de classe pública e reconhecida, cujo fim especial é preservar dos perigos da sedução, as mulheres felizes que acharam maridos ou que os podem esperar.

Só na cidade de Londres há 80 mil mulheres públicas: verdadeiras vítimas da monogamia, cruelmente imoladas sobre o altar do casamento. Todas estas infelizes são a compensação inevitável da dama europeia, com a sua arrogância e as suas pretensões. Deste modo, a poligamia é um verdadeiro benefício, para as mulheres consideradas no seu conjunto. Além disto, sob o ponto de vista racional, não se vê por que, quando uma mulher sofre de alguma doença crónica, ou quando não tem filhos, ou quando, com o andar do tempo, tenha envelhecido excessivamente, o marido dela não há de tomar outra.

O que fez o êxito dos Mórmons foi exatamente a supressão desta monstruosa monogamia. Concedendo à mulher direitos da sua natureza, lhe impuseram igualmente deveres superiores à sua natureza; daí deriva para ela uma fonte de desgraças.

Estas exigências de classe e de fortuna são, com efeito, de tão grande peso, que o homem que se casa comete uma imprudência se não faz um casamento brilhante; se este deseja encontrar uma mulher que lhe agrade perfeitamente, há de procurá-la fora do casamento, e se contentará em assegurar a sorte dela e dos filhos.

Se pode fazê-lo de um ponto, de um modo justo, razoável, suficiente, e a mulher cede, sem exigir rigorosamente os direitos exagerados que só o casamento lhe concede, perde então a honra, porque o casamento é a base da sociedade civil, e prepara para si uma triste vida, porque é da natureza do homem preocupar-se excessivamente com a opinião dos outros. Se, pelo contrário, a mulher resiste, corre o risco de casar com um marido que lhe desagrada ou de mirrar-se a um canto, ficando solteirona; porque tem poucos anos para se decidir.

É sob este ponto de vista da monogamia que é bom ler o profundo e sábio tratado de Thomasius, *De concubinatu*. Aí se vê que, entre todos os povos civilizados de todos os tempos, até à Reforma, o concubinato foi uma instituição admitida, até certo ponto legalmente reconhecida e de nenhum modo desonroso. Foi a reforma luterana que o fez descer da sua categoria, por encontrar nele uma justificação do casamento dos padres, e a igreja católica não pôde se deixar ficar para trás da reforma luterana.

É inútil debater sobre a poligamia, pois que de fato ela existe em toda a parte e não se trata senão de organizá-la. Onde se encontram verdadeiros monógamos? Todos nós, pelo menos durante um certo tempo, e a maior parte quase sempre, vivemos na poligamia. Se todo o homem tem necessidade de muitas mulheres, é inteiramente justo que ele tenha a obrigação de se encarregar de algumas delas; estas serão, por esse mesmo fato, reduzidas ao seu verdadeiro papel, que é o de um ente subordinado, e então veremos desaparecer deste mundo a dama, esse monstro da civilização europeia e da tolice germano-cristã, com as suas ridículas pretensões ao respeito e à honra; acabavam as damas, mas também

acabavam essas infelizes mulheres, que enchem agora a Europa!

***

É evidente que a mulher é por natureza destinada a obedecer. E a prova está em que aquela que se vê colocada neste estado de independência absoluta, contrário à sua natureza, liga-se imediatamente a qualquer homem por quem se deixa dirigir e dominar, porque tem necessidade de um amo. Se é nova, toma um amante; se é velha, um confessor.

***

O casamento é um laço que a natureza nos arma.

***

Entre os filósofos e os poetas, os que são casados tornam-se, somente por esse fato, suspeitos de procurarem a sua própria vantagem, e não a vantagem da ciência e da arte.

***

A honra das mulheres, assim como a honra dos homens, é um *espírito de corporação* bem entendido. A primeira é muito mais importante do que a segunda; porque na vida das mulheres as relações sexuais são a grande questão. A honra para uma menina consiste na confiança que inspira a sua inocência, e para uma mulher na sua fidelidade a seu marido. As mulheres esperam dos homens e exigem deles tudo o que é necessário e tudo o que elas desejam. O homem, no fundo, não

exige da mulher senão uma coisa única. As mulheres devem pois arranjar-se de modo tal, que os homens não possam obter delas essa coisa, senão em troca do cuidado que eles se comprometem a tomar delas e dos filhos futuros; é desse modo de se arranjarem que depende a felicidade de todas as mulheres.

Para obtê-la é indispensável que se amparem umas às outras e deem provas e espírito de corporação. Por isso, marcham todas como uma mulher só e em fileiras serradas em frente do exército dos homens, os quais, graças ao predomínio físico e intelectual, possuem todos os bens terrestres; eis o inimigo comum que se trata de vencer e de conquistar a fim de chegar, por esta vitória, a possuir os bens da terra.

A primeira máxima da honra feminina, é portanto a de que é preciso recusar impiedosamente ao homem todo o comércio ilegítimo, a fim de o constranger ao casamento como a uma espécie de capitulação; único meio de prover toda a gente feminina. Para alcançar este resultado, a máxima precedente deve ser rigorosamente respeitada; por isso, todas as mulheres velam pela execução dela, com um verdadeiro espírito de corporação.

Uma rapariga que fraquejou, tornou-se culpada de traição para com todo o seu sexo, porque, se essa ação se generalizasse, o interesse comum seria comprometido; expulsam-na da comunidade, cobrem-na da vergonha; e assim, ela vê que perdeu a sua honra. Toda a mulher deve fugir dela como de alguém que foi infectado por uma pestilência. A mesma sorte espera a mulher adúltera porque faltou a um dos termos da capitulação consentida pelo marido. O seu exemplo pode levar os homens a desviar de assinarem semelhante tratado, e daí depende a salvação de todas as mulheres. A adúltera perde também a honra civil, porque a sua ação é uma burla, uma falta grosseira à fé jurada.

Pode dizer-se com alguma indulgência *uma rapariga enganada*. Não se diz uma mulher enganada. O sedutor pode perfeitamente, pelo casamento, restituir a honra à primeira; não pode restitui-la à segunda, mesmo depois do divórcio.

Observando claramente as coisas, reconhece-se logo que um espírito de corporação útil, indispensável, mas bem calculado e fundado sobre o interesse, é o princípio da honra das mulheres; não se pode negar a sua importância extrema no destino da mulher, mas não se deveria lhe atribuir um valor absoluto, além da vida e dos da vida, e merecendo que lhe sacrifique a própria existência.

O que provaria de um modo geral que a honra das mulheres não tem uma origem verdadeiramente em conformidade com a natureza, é o número das vítimas, infanticídios, suicidas das mães. Se uma rapariga que toma um amante comete uma verdadeira traição para com o seu sexo, não esqueçamos que o contrato feminino tinha sido aceito tacitamente sem compromisso formal da sua parte. E como na maior parte dos casos ela é a primeira vítima, a sua loucura é infinitamente maior que a sua depravação.

3. A arte, o estilo, a literatura

Na moral, a boa vontade é tudo; mas na arte não é nada.

***

É preciso tratar uma obra de arte como se trata um alto personagem; ficar de pé diante dela é esperar pacientemente que ela se digne a nos dirigir a palavra.

***

No rosto do Apolo do Belvedere [escultura de mármore de autor desconhecido, exposta nos museus do Vaticano desde 1511], leio a justa indignação profundamente sentida do deus das Musas contra a perversidade lastimável, absoluta e incurável dos pedantes. Foi contra eles que arremessou as suas flechas, para aniquilar a raça dos eternos ineptos.

***

Se a antiguidade nos deixou clássicos, isto é, espíritos cujos escritos brilham com imortal juventude através dos séculos,

isto provém de que entre eles escrever livros não era uma questão de comércio.

***

As humanidades — expressão muito justa para exprimir o estudo dos escritores da antiguidade, porque é por eles que o estudante começa a se fazer homem, penetrando num mundo ainda puro de todos os trejeitos da Idade Média e do romantismo. Ora, jamais imagine que a nossa sabedoria moderna possa substituir aquela viril iniciação.

Não somos, como os gregos e os romanos, entes livres por nascimento, filhos independentes da natureza: somos primeiramente os filhos e herdeiros da grosseira loucura da Idade Média, da vergonhosa impostura do clero e da cavalaria, metade força brutal, metade vaidade imbecil. Embora uma e outra venham a desaparecer, não ficaríamos por isso mais firmes em nossos pés, porque, sem o estudo dos antigos, a nossa literatura está destinada a degenerar em tagarelice vulgar e em chato pedantismo.

***

Um romance é de uma ordem tanto mais nobre e elevada quanto mais penetra na vida íntima e menos aventuras tem. Esta verdade encontra-se como sinal característico em todos os graus do romance, desde *Tristram Shandy* até ao romance da cavalaria ou as histórias de salteadores, mais grosseiras, mais fecundas, em façanhas heroicas e não heroicas. *Tristram Shandy*, por assim dizer, não tem ação, e veja como esta é pequena na nova *Heloísa* e em *Wilhelm Meister*! *Dom Quixote* tem uma ação relativamente fraca, sobretudo divertida e muito insignificante: e estes quatro romances são o ideal no gênero.

Assim, a tarefa do romancista não é a de nos contar grandes acontecimentos, mas sim a de tornar interessantes as coisas pequenas.

***

O falso caminho em que a nossa música se meteu é análogo àquele em que se perdia a arquitetura romana nos tempos dos últimos Césares, quando o excesso dos ornamentos ocultava a bela simplicidade das proporções essenciais e até mesmo as desventuras: do mesmo modo a música nos oferece efeitos ruidosos, muitos instrumentos, muita arte, mas quão poucos pensamentos profundos, claros, penetrantes e absorventes!

***

O estilo é a fisionomia do espírito. E esta engana menos do que a do corpo. Imitar um estilo estranho é pôr máscara. Por formosa que esta seja, a sua expressão morta torna-se dentro em breve insípida e insuportável, a tal ponto que o rosto mais feio seria preferível, contanto que fosse animado.

***

Nenhuma prosa se lê tão fácil e tão agradavelmente como a prosa francesa. O escritor francês encadeia os seus pensamentos na ordem mais lógica e geralmente mais natural, e submete-o assim sucessivamente ao seu leitor, que pode apreciá-lo à vontade, e consagrar a cada uma a sua atenção sem partilha. O alemão, pelo contrário, entrelaça-os num período embrulhado e *arquiembrulhado*, porque quer dizer seis coisas ao mesmo tempo, em vez de as apresentar umas depois das outras.

***

O verdadeiro caráter nacional alemão é ser pesado; isto eles revelam na sua maneira de andar, no seu modo de estar e de proceder, na sua língua, nas suas narrações, nos seus discursos, nos seus escritos, na sua forma de compreender e de pensar, mas muito especialmente no seu estilo. Eles são reconhecidos no prazer que encontram em construir longos períodos, pesados e emaranhados. A memória é obrigada a trabalhar sozinha e com paciência, durante cinco minutos, para reter maquinalmente as palavras como uma lição, que se lhe impõe, até ao momento em que, no fim do período, o sentido se esclarece, a inteligência toma a sua expansão e o enigma é resolvido.

É nesta ginástica que eles estimam serem hábeis, e quando podem acrescentar o gênero precioso, enfático e um grave cheio de afetação, os autores nadam então em verdadeira alegria. E o que devemos pedir a Deus é que dê paciência ao leitor.

Além disso, capricham especialmente em encontrar sempre as expressões mais indecisas e mais impróprias, de modo que tudo aparece como num nevoeiro: o seu fim parece ser o de prepararem em cada frase uma porta falsa, depois o de se darem ares de aparecer e dizer mais do que aquilo que pensaram; enfim, são estúpidos e aborrecidos como gorros de dormir; e é justamente isto o que torna odiosa a todos os estrangeiros a maneira de escrever dos alemães, porque não gostam de andar às apalpadelas na escuridão; ao passo que, pelo contrário, isto é entre nós um gosto nacional.

***

Os alemães se distinguem das outras nações pela sua negligência no estilo, do mesmo modo que no vestuário, e o

caráter nacional é que é responsável por esta dupla desordem. Do mesmo modo que um traje abandonado revela o pouco apreço que se dá à sociedade que se frequenta, assim um mau estilo, desleixado, mostra um desprezo ofensivo pelo leitor, que se vinga com todo o direito não os lendo. O que é sobretudo picante é ver os críticos julgarem as obras alheias no seu estilo desleixado de escritores pagos. Isto produz o efeito de um juiz que estivesse no tribunal com roupão e chinelos.

***

É só no nosso século que há escritores de profissão. Dantes não havia escritores senão de vocação.

***

Acontece na literatura como na vida; para qualquer lado que a gente se volte, encontra-se imediatamente por toda a parte o populacho incorrigível; uma legião; enche tudo, macula tudo, como as moscas no estio. Daí esse número infinito de livros ruins, esse joio que pulula, que se nutre à custa do bom trigo e que o mata.

***

Xerxes, no dizer de Heródoto, chorava à vista do seu numeroso exército, lembrando-se de que no fim de um século, de tantos milhares de homens nenhum sobreviveria; e quem não havia de derramar lágrimas, à vista dos volumosos catálogos dos livreiros, se refletisse que, entre tantos livros, ao fim de dez anos não há de restar nenhum?

4. Pensamentos acerca da religião

Fé e ciência não podem conviver em harmonia num mesmo espírito, do mesmo modo que lobo e ovelha na mesma gaiola; e a ciência é que é o lobo e ameaça comer a ovelha.

***

As religiões são como os vaga-lumes; precisam da escuridão para dar luz. Um certo grau de ignorância geral é a condição de todas as religiões, é o único elemento em que elas podem viver.

***

Talvez esteja próximo o momento tantas vezes profetizado em que a religião há de se separar dos Estados europeus, como uma babá da criança já crescida demais para os seus cuidados, e nas condições de passar para as mãos do educador.

***

Templos e igrejas, pagodes e mesquitas, em todos os tempos, pela sua magnificência e grandeza, dão testemunho da necessidade metafísica do homem, que, forte e indestrutível, segue passo a passo a necessidade física.

É verdade que poderíamos, se estivéssemos em maré de sátira, acrescentar que a primeira necessidade é uma rapariga modesta que se contenta com pouco. Fábulas grosseiras, contos e lendas para adormecer crianças, quando impressas demasiado cedo no espírito do homem, tornam-se explicações suficientes da sua existência e sustentáculos da sua moralidade.

Considere-se, por exemplo, o Alcorão: este livro medíocre foi suficiente para fundar uma religião que, espalhada pelo mundo, satisfaz a necessidade metafísica de milhões de homens há 1.200 anos, serve de fundamento à sua moral, lhes inspira um grande desprezo pela morte e o entusiasmo pelas guerras sanguinolentas e pelas vastas conquistas. Achamos neste livro a mais triste e a mais miserável figura do teísmo. É possível que ele tenha perdido muito com as traduções, mas não pude descobrir em todo ele um único pensamento de algum valor filosófico. O que prova que a capacidade metafísica não anda a par com a necessidade metafísica.

Na realidade, toda a religião positiva é usurpadora do trono, que pertence à filosofia. Por isso, os filósofos hão de estar sempre em hostilidade com ela; mesmo quando devam considerá-la como um mal necessário, umas muletas para a fraqueza mórbida do espírito da maior parte dos homens.

***

Não contente com os cuidados, com as aflições e com os embaraços que lhe impõe o mundo real, o espírito humano cria ainda para o seu uso um mundo imaginário sob a forma de mil superstições diversas. Estas o ocupam de todos os modos; consagra-lhes o melhor do seu tempo e das suas forças, desde

que o mundo real lhe concede um repouso que ele não é capaz de saborear. Pode se verificar este fato na origem, entre os povos que, colocados debaixo de um céu brando e sobre um solo clemente, têm uma existência fácil, tais como os hindus, depois os gregos, os romanos, posteriormente os italianos, os espanhóis etc.

O homem inventa demônios, deuses e santos à sua imagem; estes exigem a todo o momento sacrifícios, orações, adornos, votos formados e executados, peregrinações, adorações, quadros e enfeites etc. Ao seu serviço, se enlaçam a ficção e a realidade, e a ficção obscurece a realidade; todo o acontecimento na vida é aceito como uma manifestação do seu poder. As relações místicas com estas divindades preenchem metade dos dias, sustentam sem cessar a esperança; o encanto da ilusão as torna muitas vezes mais interessantes do que a convivência com os entes reais.

Que expressão e que sintomas da miséria inata do homem, da urgente necessidade que ele tem de socorro e auxílio, de ocupação e de passatempo; e, embora ele perca forças úteis e instantes preciosos em preços vãos e em vãos sacrifícios, em vez de se ajudar a si mesmo, quando os perigos imprevistos surgem, de repente, não deixa contudo de se ocupar e de se distrair nessa conversação fantástica com um mundo de espíritos que ele imagina; é essa a vantagem das superstições, vantagem que se não deve desprezar.

***

Para domar as almas bárbaras e desviá-las da injustiça e da crueldade, não é a verdade que é útil: porque não podem concebê-la; é portanto, o erro, um conto, uma parábola. Dai a necessidade de ensaiar uma fé positiva.

***

As religiões são necessárias ao povo, e são para ele um benefício inestimável. Mesmo quando elas querem se opor ao progresso da humanidade, no conhecimento da verdade, é preciso afastá-las com todas as atenções possíveis. Mas querer que um grande espírito, um Goethe, um Shakespeare, aceite com convicção implícita, *bona jide et sensu próprio* [de boa vontade], os dogmas de uma religião qualquer, é querer que um gigante calce o sapato de um anão.

***

Quando se compara com a prática dos fiéis a excelente moral que prega a religião cristã e mais ou menos todas as religiões, e quando se imagina o que seria dessa moral, se o braço secular não impedisse os crimes, e o que nós teríamos que recear, se por um dia só se suprimissem todas as leis, temos de confessar que a ação, com certeza que a culpa é da fraqueza da fé. Teoricamente, e tanto quanto nos cingimos às meditações piedosas, cada qual se julga firme na sua fé. Mas a ação é a dura pedra de toque de todas as nossas convicções.

Quando chega o momento de proceder por atos e é necessário demonstrar a fé com grandes abnegações e duros sacrifícios, é então que se vê aparecer toda a fraqueza. Quando um homem medita seriamente um delito, já faz uma brecha na moralidade pura. A primeira consideração que o detém em seguida, é a da justiça e da polícia. Se passa por cima dela, o segundo obstáculo que então se apresenta é a questão de honra. Se se transpõem estas duas muralhas, há muito a apostar que depois de ter triunfado destas duas resistências poderosas, qualquer dogma religioso será insuficiente para evitar a ação. Porque se um perigo próximo, seguro, não atemoriza, como é possível que seja refreado um perigo remoto e que apenas se firma na fé?

***

A confissão foi um pensamento feliz; porque na verdade cada um de nós é um juiz moral perfeito e competente, que conhece exatamente o bem e o mal, e até mesmo é um santo, quando ama e tem horror ao mal. Isto é a verdade de cada um de nós, contanto que o inquérito se exerça sobre as ações de outrem e não sobre as nossas próprias, e que se trate unicamente de aprovar e de desaprovar, sendo os outros encarregados da execução. Assim, o primeiro que apareça pode como confessor tomar absolutamente o lugar de Deus.

5. Pensamentos acerca da política

O Estado não é mais do que uma mordaça [ou focinheira], cujo fim é o de tornar inofensivo este animal carnívoro, o homem, dando-lhe as aparências de herbívoro.

***

Por toda a parte e em todos os tempos tem havido muito descontentamento contra os governos, as leis e as instituições públicas; isto provém de se estar sempre pronto para torná-los responsáveis pela miséria inseparável da existência humana, porque esta tem por origem, segundo o mito, a maldição que Adão recebeu e com ele toda a sua raça.

E, todavia, nunca esta tendência injusta foi explorada de modo mais mentiroso e mais impudente do que pelos nossos demagogos contemporâneos. Estes, com efeito, por ódio ao cristianismo, se proclamam otimistas: aos olhos deles, o mundo não tem nenhum fim fora de si mesmo, e, pela sua própria natureza, lhes parece organizado na perfeição; uma verdadeira casa da felicidade. E só aos governos que eles atribuem as misérias colossais do mundo, que bradam contra esta teoria; parece-lhes que, se os governos fizessem o seu dever, existiria o céu na terra, isto é, todos os homens

poderiam sem fadiga e sem cuidados comer à vontade, beber até cair, procriar ao bel prazer, porque é isto que eles entendem quando falam do progresso infinito da humanidade, de que fazem o sentido da vida e do mundo, e que não se cansam de anunciar em frases pomposas e enfáticas.

***

A organização da sociedade humana oscila como um pêndulo entre dois extremos, dois polos, dois males opostos: o despotismo e a anarquia. Quanto mais se afasta dum, mais se aproxima do outro. Então nos acode o pensamento de que o termo médio seria o ponto conveniente; que erro! Estes dois males não são igualmente maus e perigosos; no primeiro há infinitamente menos motivos para receio: primeiro os golpes do despotismo não existem senão no estado de possibilidade, e quando se manifestam em atos, não ferem em geral, senão um homem entre milhões de homens. Quanto à anarquia, possibilidade e realidade são inseparáveis: os seus golpes ferem todos os cidadãos e isto todos os dias. Por isso, toda a constituição deve se aproximar muito mais do despotismo que da anarquia: deve mesmo conter uma ligeira possibilidade do despotismo.

***

Reis e criados não são designados senão pelos seus nomes de batismo; eis os dois extremos da sociedade.

***

As repúblicas são em geral fáceis de estabelecer, mas difíceis de manter: quanto às monarquias, é exatamente o

contrário.

***

Aqui temos planos utópicos: a única solução do problema político e social seria o despotismo dos sábios e dos nobres de uma aristocracia pura e verdadeira, obtida por meio de gerações, pela união dos homens de sentimentos mais generosos com as mulheres mais inteligentes e mais finas. Esta proposição é a minha República de Platão.

***

A raça humana é por natureza voltada à miséria e à ruina; ainda mesmo quando, pelo socorro do Estado e da história, se pudesse remediar a injustiça e a miséria, a ponto de que a terra se tornasse uma espécie de país da fartura, os homens haviam de guerrear entre si por puro aborrecimento e cairiam uns sobre os outros, ou então o excesso da população originaria fome e esta os destruiria.

***

É extremamente raro que um homem veja toda a sua espantosa malícia no espelho das suas ações. Ou por acaso vocês julgam em verdade que Robespierre, Bonaparte, o imperador de Marrocos, os assassinos, sejam os únicos tão maus entre todos? Não percebem que muitos fariam outro tanto, simplesmente se o pudessem?

***

Bonaparte não é, propriamente falando, pior do que muitos homens, para não dizer que a maior parte dos homens. Não tem senão o egoísmo inteiramente comum que consiste em procurar o bem próprio à custa dos outros. O que o distingue é unicamente uma força maior para satisfazer essa vontade, uma inteligência maior, uma razão maior e maior coragem; e o acaso lhe oferecia, além disso, um campo favorável. Graças a todas estas condições reunidas fez para o seu egoísmo o que mil outros gostariam bastante de fazer, mas não podem. Todo o gaiato velhaco que, pela sua malícia, procura para si uma ligeira vantagem em detrimento dos seus camaradas, por pequeno que seja o prejuízo que faça, é tão mau como Bonaparte.

***

O homem é, no fundo, um animal selvagem, um animal feroz. Não o conhecemos senão domado, domesticado neste lado que se chama civilização, por isso recuamos de espanto diante das explosões acidentais da sua natureza. Caiam, não importa como, os ferrolhos e as cadeias da ordem legal, rebente a anarquia, e então é que se vê o que é o homem.

***

O exagero em todo o gênero é tão essencial ao jornalismo como à arte dramática: porque se trata de tirar de cada acontecimento o maior partido possível. Assim todos os jornalistas são alarmistas de profissão: é o seu modo de se tornarem interessantes. Por isto se assemelham aos cães de guarda, os quais, logo que se faz o menor movimento, ladram de tal forma que parece vir o mundo abaixo. Deve-se regular por aqui a atenção que convém prestar ao seu apito de alarme, a fim de que eles nos não perturbem a digestão.

6. Pensamentos acerca do homem e da sociedade

As coisas se passam no mundo como nos dramas de Gozzi, em que as mesmas pessoas aparecem sempre, com as mesmas intenções e a mesma sorte: os motivos e os acontecimentos diferem seguramente em cada peça, mas o espírito dos acontecimentos é o mesmo e as personagens de uma peça também não sabem nada do que se passou na outra, todavia eram atores: assim, depois de todas as aparências das peças precedentes, Pantalone não ficou sendo mais hábil nem mais generoso, nem Targaglia mais honrado, nem Brighella mais corajoso, nem Columbina mais virtuosa.

***

O nosso mundo civilizado não passa de um grande baile de máscaras. Encontram-se nele cavaleiros, frades, soldados, doutores, advogados, padres, filósofos, que mais sei eu? Mas não são o que representam ser: são simples máscaras debaixo das quais se ocultam a maior parte das vezes especuladores e amantes do dinheiro.

Um toma assim a máscara da justiça e do direito com o socorro de um advogado, para melhor ferir o seu semelhante; outro, com o mesmo fim, escolheu a máscara do bem público e

do patriotismo; um terceiro, a da religião, da fé imaculada. Para toda a espécie de fins secretos, mais de um se ocultou sob a máscara da filosofia, como também sob a da filantropia etc.

As mulheres escolhem menos: servem-se a maior parte das vezes da máscara da virtude, do pudor, da simplicidade, da modéstia. Há também máscaras gerais, sem caráter especial, como os domínios nos bailes, e que se encontram por toda a parte; estas representam a rígida honestidade, a polidez, a simpatia sincera e a amizade fingida.

A maior parte das vezes, não há, como já disse, senão puros industriais, comerciantes, especuladores debaixo de todas essas máscaras. Sob este ponto de vista, a única profissão honesta é a dos comerciantes, porque só eles se apresentam com aquilo que são, e passeiam de rosto descoberto: em compensação nos puseram no mais baixo da escala.

***

O médico vê o homem em toda a sua fragilidade; o jurista o vê em toda a sua maldade; o teólogo, em toda a sua imbecilidade.

***

Assim como basta uma folha a um botânico para reconhecer a planta inteira, assim como um osso único bastava a Cuvier para reconstruir todo o animal, assim uma única ação característica da parte de um homem pode permitir que se chegue a um conhecimento exato do seu caráter, e por consequência reconstituí-lo até certo ponto, ainda mesmo que se trate de uma coisa insignificante; até a ocasião é mais favorável porque nos negócios mais importantes, os homens estão em guarda; nas coisas pequenas, pelo contrário, seguem a sua natureza sem reparar muito.

Se alguém, a propósito de uma ninharia, mostra pela sua conduta absolutamente egoísta, sem as menores atenções para com os outros, que o sentimento de justiça é estranho ao seu coração, não se deve lhe confiar o mínimo valor, ao menos sem tomar as garantias suficientes…

Pelo mesmo princípio, é necessário quebrar imediatamente com esses que se dizem bons amigos, mesmo pelas menores coisas, quando revelam um caráter mau, falso ou vulgar, a fim de prevenir desse modo as más partidas que eles poderiam fazer em negócios graves. Outro tanto direi dos criados: antes só que no meio de traidores.

***

Deixar transparecer cólera ou ódio nas palavras ou no rosto, é inútil, perigoso, imprudente, ridículo, comum. Não se deve revelar a cólera ou o ódio senão por ações. Os animais de sangue frio são os únicos que têm veneno.

***

Polidez é prudência; impolidez é imbecilidade: criar inimigos tão inutilmente e por gosto próprio é delírio, como quando se deita fogo à casa em que se vive. Porque a polidez é, como os dados, moeda notoriamente falsa; ser avaro dessa moeda é falta de espírito; prodigalizá-la é, pelo contrário, dar mostras de bom senso.

A nossa confiança nos outros não tem muitas vezes outras causas senão a preguiça, o egoísmo e a vaidade. A preguiça, quando o tédio de refletir, de velar, de atuar, nos leva a desconfiar dos outros; o egoísmo, quando a necessidade de falar dos nossos negócios nos excita a lhes fazer confidências; a vaidade quando temos qualquer coisa vantajosa a dizer a

nosso respeito. E não exigimos, por isso, nada menos que tomem por honra a nossa confiança.

***

É prudente fazer sentir, de tempos a tempos, às pessoas, homens e mulheres, que se pode muito bem passar sem elas: isto fortifica a amizade e mesmo perante a maior parte dos homens, não é mau insinuar de vez em quando na conversação um tom de desdém a respeito deles: fazem assim muito mais caso da nossa amizade: *chi non stima vien stimato* [quem não estima é estimado], diz um provérbio italiano.

Se alguém tem muito valor real aos nossos olhos, é necessário ocultar-lhe, como se fosse um crime. Estas coisas não são precisamente consoladoras, mas são assim. Aos próprios cães custa a suportar a grande amizade; muito mais custa aos homens.

***

Os amigos se dizem sinceros, mas são os inimigos que o são; assim devíamos tomar a crítica destes como um remédio amargo, e aprender com eles a nos conhecermos melhor.

***

Pode suceder que lastimemos a morte dos nossos inimigos e dos nossos adversários, mesmo passados muitos anos, quase tanto como a dos nossos amigos.

Será quando percebermos que eles nos fazem falta para serem testemunhas dos nossos brilhantes triunfos.

***

Nada demonstra mais a ignorância do que são os homens do que o alegrar-se como uma prova dos merecimentos e do valor de um homem o fato dele ter muitos amigos: como se os homens concedessem a sua amizade conforme o valor e o mérito! Como se eles não fossem pelo contrário semelhantes aos cães que só gostam daquele que lhes faz festas ou lhes dão ossos, sem se ocuparem mais com eles depois disso! — o que tiver mais arte para afagá-los, ainda que eles sejam as piores bestas, esse há de ter muitos amigos.

***

"Nem amar, nem odiar", é metade da sabedoria humana; "nada dizer e nada crer", outra metade. Mas com que prazer se voltam as costas a um mundo que exige tal sabedoria.

***

A diferença entre a vaidade e o orgulho é que o orgulho é uma convicção bem assente da nossa superioridade em todas as coisas; a vaidade, pelo contrário, é o desejo de despertar nos outros essa persuasão, com a secreta esperança de nos deixarmos por fim convencer do mesmo também.

O orgulho tem, pois, a sua origem numa convicção interior e direta que se tem do alto valor próprio; pelo contrário, a vaidade procura um apoio na opinião exterior para se chegar à estima de si mesmo. A vaidade torna falador, o orgulho torna silencioso.

Mas o homem vaidoso deveria saber que a alta opinião dos outros, objeto dos seus esforços, obtém-se muito mais

facilmente por um silêncio contínuo do que pela palavra, mesmo quando se tivessem as coisas mais lindas para dizer.

Não é orgulhoso quem quer; quando muito, pode-se simular o orgulho; mas, como sucede com todos os papéis de convenção, esse também não é possível sustentar até ao fim. Porque não há senão a convicção firme, profunda, inabalável de que se tem de possuir qualidades superiores e excecionais, que torne a pessoa realmente orgulhosa. Essa convicção pode muito bem ser errônea, ou então não repousar senão sobre vantagens exteriores e de convenção, o que em nada prejudica o orgulho, se é séria e sincera.

Porque o orgulho tem as suas raízes na nossa convicção e não depende, como não depende nenhum conhecimento, do nosso bel prazer. O seu pior inimigo, quero dizer o seu maior obstáculo, é a vaidade, que não disputa os aplausos dos outros senão para edificar uma alta opinião de si mesmo, ao passo que o orgulho faz suportar que esse sentimento está já inteiramente firmado em nós.

Muitas pessoas censuram e criticam o orgulho: são, sem dúvida, pessoas que nada têm em si mesmas que possa torná-las orgulhosas.

A natureza é tudo quanto há de mais aristocrático no mundo: toda a diferença que a classe ou a riqueza na Europa, ou as castas na índia estabelecem entre os homens, é pequena em comparação da distância que, sob o ponto de vista moral e intelectual, a natureza fixou irrevogavelmente: e, na aristocracia da natureza, como nas outras aristocracias, há dez mil plebeus para um nobre, e milhões para um príncipe; a grande multidão é a massa, *plebs*, *mob*, *robble*, canalha.

É por isso que, diga-se de passagem, os patrícios e os nobres da natureza deveriam tão pouco, como os dos Estados, se misturar com a população, mas pelo contrário, deveriam viver o tanto mais separados e inabordáveis quanto mais elevados fossem.

***

A tolerância que se nota e que se louva muitas vezes nos grandes homens, nunca é senão o resultado do maior desprezo pelos outros homens; quando um grande espírito está inteiramente penetrado deste desprezo, deixa de considerar os homens como seus semelhantes, e de exigir deles o que se exige dos seus semelhantes. Então é para com eles tão tolerante como para com todos os outros animais, que não têm culpa da sua falta de tino e da sua bestialidade.

***

A infelicidade do homem de gênio está em que, na mesma medida em que ele parece grande e admirável aos outros, estes lhe parecem pela sua vez, pequenos e lamentáveis. Precisa durante toda a sua vida de reprimir esta opinião, como os outros reprimem a dele. Contudo está condenado a viver numa ilha deserta, onde não encontra ninguém que se lhe assemelhe, e que não tem outros habitantes senão macacos e papagaios. E é sempre vítima dessa ilusão, que lhe faz tomar de longe um macaco por um homem.

7. O homem e os animais

A vontade no homem tem exatamente o mesmo fim que a vontade no animal: se sustentar e reproduzir. Mas que preparativos complicados e artificiais da parte do homem, que estratagemas para chegar aos mesmos fins, que inteligência, que reflexão, que finura, que abstração se aplica mesmo nos negócios diários da vida comum.

E, no entanto, o fim perseguido e alcançado, não é outro senão o do animal. E como se se oferecesse o mesmo vinho ora num vaso de barro, ora numa taça esculpida com arte, o vinho é o mesmo, assim como a folha da espada fica sendo a mesma, quer o punho seja de ouro ou de cobre.

***

O animal é tanto mais simples do que o homem quanto a planta é mais simples do que o animal.

No animal, vemos a vontade de viver por assim dizer mais nua do que no homem, que oculta os seus instintos sob a sua inteligência, e que tem tantos meios de dissimulação, que a sua verdadeira natureza não aparece senão acidentalmente e como que às fugas. Esta vontade se mostra inteiramente nua, mas muitas vezes mais fraca na planta como uma pura impulsão cega para a existência, sem objetivo nem fim.

A planta manifesta todo o seu ser ao primeiro aspecto, e, com uma inocência perfeita, expõe indiferentemente a todos os olhos no ponto mais alto do seu tronco os órgãos da geração, que em todos os animais estão colocados no lugar mais secreto. Esta inocência das plantas provém da sua falta de conhecimento: não é no querer, mas no querer com conhecimento que está a falta.

***

Todas as vezes que um homem morre, é um mundo que desaparece, o mundo que ele tinha na cabeça; quanto mais distinto, claro, importante e vasto é esse mundo, tanto mais horrorosa é a sua desaparição. Com o animal é uma miserável rapsódia ou um esboço de um mundo que desaparece.

***

O homem é uma medalha que tem de um lado esta inscrição "menos que nada", e do outro, "tudo em tudo".

***

A dor profunda que sentimos pela morte de todo o ente amigo nasce deste sentimento: de que em todo o indivíduo há alguma coisa inexprimível, que é só dele, alguma coisa irreparável. *Omne individuum ineffabile* [todo indivíduo é inefável].

É o mesmo caso da personalidade dos animais. Isto será percebido se tivermos ferido mortalmente, sem querer, um animal que se estime e lhe tivermos recebido o olhar de adeus que ele nos dirige: é uma dor cruciante.

***

O cão, o único amigo do homem, tem um privilégio sobre todos os outros animais, um traço que o caracteriza: é aquele movimento de cauda tão benévolo, tão expressivo e tão profundamente honesto. Que contraste a favor desse modo de saudar que lhe deu a natureza, quando o compararmos com as horrorosas caretas que os homens trocam em sinal de polidez; este testemunho de terna amizade e de dedicação da parte do cão é mil vezes mais seguro, pelo menos enquanto ao presente.

***

O que me torna tão agradável a companhia do meu cão é a transparência do seu ser. O meu cão é transparente como vidro.

***

Se não houvesse cães, eu não gostaria de viver.

***

A compaixão, princípio de toda a moralidade, toma também os animais sob a sua proteção, ao passo que nos outros sistemas de moral europeia, há para com eles tão pouca responsabilidade e atenções. A pretendida ausência de direitos dos animais, o preconceito de que a nossa conduta para com eles não tem importância moral, que não há, como se diz, deveres para com os animais, é justamente uma grosseria

revoltante, uma barbaria do Ocidente, cuja origem está no judaísmo.

É preciso recordar a esses tiranos dos animais, a esses ocidentais judaizados que, do mesmo modo que eles foram amamentados por sua mãe, também o cão o foi pela dele.

A compaixão para com os animais está tão intimamente unida com a bondade do caráter, que se pode afirmar confiadamente que aquele que é cruel para com os animais não pode ser um homem bom.

A bondade do coração consiste numa profunda compaixão universal por tudo o que tem vida; mas em primeiro lugar pelo homem, porque à medida que a inteligência cresce, a capacidade de sofrer aumenta na mesma proporção.

***

Devo confessar sinceramente: o aspeto de todo o animal me alegra imediatamente e me faz expandir o coração; sobretudo o aspeto dos cães e depois o de todos os animais em liberdade, as aves, os insetos etc.

Pelo contrário, o aspeto dos homens excita em mim quase sempre uma aversão pronunciada; porque me oferecem com poucas exceções o espetáculo das deformidades mais horrorosas e mais variadas: fealdade física, expressão moral de paixões baixas e de ambição desprezível, sintomas de loucura e de perversidades de todas as espécies e de todos os tamanhos; finalmente uma corrupção sórdida, fruto e resultado de hábitos degradantes; por isso me afasto deles e fujo para a natureza, feliz por encontrar nela os animais.

8. Características dos diferentes povos

O traço dominante no caráter nacional dos italianos é uma insolência absoluta.

***

O caráter próprio do norte-americano é a vulgaridade sob todas as formas: moral, intelectual, estética e social; e não somente na vida privada, mas também na vida pública; não abandona o *yankee*, faça ele o que quiser. Pode-se dizer dela o que Cícero disse da ciência: *nobiscum peregrinatur* etc.

É esta vulgaridade que o opõe tão absolutamente ao inglês; este, pelo contrário, se esforça sempre por ser nobre em todas as coisas; e é por isso que os *yankees* lhe parecem tão ridículos e tão antipáticos. São, para falar com propriedade, os plebeus do mundo inteiro, isso pode provir em parte da constituição republicana do seu Estado, em parte, deles tirarem a sua origem de uma colônia penitenciária ou de descenderem de certas pessoas que tinham razão para fugir da Europa; o clima também pode contribuir alguma coisa para isso.

***

As outras partes do mundo têm macacos; a Europa tem franceses. É uma compensação.

***

Censurou-se aos alemães por imitarem ora os franceses, ora os ingleses; mas foi justamente isso o melhor que puderam fazer, porque, reduzidos aos seus próprios recursos, não tinham nada razoável para oferecer.

***

Lichtenberg conta mais de cem expressões alemãs para exprimir a embriaguez; o que não se admira, já que os alemães foram, desde os tempos mais remotos, famosos pela sua bebedice!

Mas o que é extraordinário, é que na língua da nação alemã, afamada entre todas pela sua honradez, encontram-se mais expressões do que em nenhuma outra língua para designar o embuste, e a maior parte das vezes estas têm um ar de triunfo, talvez por se considerar a coisa como muito difícil.

***

Na previsão da minha morte, faço esta confissão: que desprezo a nação alemã por causa da sua estupidez infinita e que me envergonho de lhe pertencer.

9. As dores do mundo

Se a nossa existência não tem por fim imediato a dor, pode se dizer que não tem nenhuma razão de ser no mundo. Porque é absurdo admitir que a dor sem fim que nasce da miséria inerente à vida e que enche o mundo, seja somente um puro acidente e não o fim em si mesmo. Cada desgraça particular parece, em verdade, uma exceção, mas a desgraça geral é a regra.

***

Do mesmo modo que um riacho corre sem turbilhões, enquanto não encontra obstáculos, assim na natureza humana, como na natureza animal, a vida corre inconsciente e desatenta, quando nada se opõe à vontade. Se a atenção é despertada é porque alguma coisa obstruiu à vontade, e se produziu algum choque.

Tudo o que se ergue em frente da nossa vontade, tudo o que se lhe atravessa ou lhe resiste, isto é, tudo o que nisto há de desagradável e doloroso, o sentimos imediatamente e muito nitidamente. Não reparamos na saúde geral do nosso corpo, mas simplesmente no pequenino ponto onde o sapato nos magoa: não apreciamos o conjunto próspero das insignificâncias, mas sim a minúcia que nos incomoda. O bem

estar e a felicidade são, pois, inteiramente negativos, só a dor é positiva [no sentido de chamar a nossa atenção].

Não conheço nada mais absurdo do que a maior parte dos sistemas metafísicos que explicam o mal como uma coisa de certo modo negativa; pelo contrário só ele é positivo, pois que se faz sentir. Todo o bem, toda a felicidade, toda a satisfação são negativas, porque não fazem mais do que suprimir um desejo e terminar uma pena.

Acrescente-se a isto que em geral achamos as alegrias abaixo da nossa expectativa, ao passo que as dores a ultrapassam muito.

Se querem num relance ficar esclarecidos sobre este ponto, e saber se o prazo é superior à pena, ou se, tão simplesmente, se compensam, comparem a impressão do animal que devora outro, com a impressão daquele que é devorado.

***

A consolação mais eficaz, em todo o sofrimento, é voltar os olhos para aqueles que são ainda mais infelizes do que nós: este remédio está ao alcance de todos. Mas daí o que resulta para todo o conjunto?

Semelhantes aos cordeiros que folgam no prado, ao passo que com os olhos o lobo faz a sua escolha no meio do rebanho, não sabemos, nos nossos dias felizes, que desastre nos prepara o destino precisamente nesta hora — doença, perseguição, ruína, mutilação, cegueira, loucura etc.

Tudo quanto procuramos alcançar nos resiste; tudo tem a sua vontade hostil que é preciso vencer. Na vida dos povos, a história não nos mostra senão guerras e revoltas: os anos da paz não parecem senão curtas pausas, entreatos, uma vez por acaso. E do mesmo modo a vida do homem é um combate perpétuo, não só contra males abstratos, a miséria ou o tédio; mas contra os outros homens. Por toda a parte se encontra um

adversário: a vida é uma guerra sem tréguas, e morre-se com as armas na mão.

***

Ao tormento da existência vem acrescentar-se ainda a rapidez do tempo que nos impele, que não nos deixa tomar a respiração, e se conserva atrás de cada um de nós como um carcereiro com o chicote em punho. Poupa somente aqueles que se entregam ao tédio.

***

Assim, do mesmo modo que o nosso corpo arrebentaria, se fosse subtraído à pressão da atmosfera, também, se o peso da miséria, das penas, dos reveses e dos esforços fosse retirado da vida do homem, o excesso da sua arrogância seria tão desmedido, que o quebraria em estilhaços ou pelo menos o levaria à mais desordenada infâmia e até à loucura furiosa. A todo o tempo, é necessário a cada um certa quantidade de cuidados, ou de dores, ou de miséria, assim como é preciso lastro [pesos no fundo da embarcação] ao navio para se conservar o prumo e navegar direito.

Trabalho, tormento, penas e miséria, tal é sem dúvida durante a vida inteira o quinhão de quase todos os homens. Mas se todos os desejos, apenas formulados, fossem imediatamente satisfeitos, com que se havia de encher a vida humana, em que se havia de empregar o tempo? Se colocássemos esta raça num país de fartura, onde tudo crescesse por si mesmo, e onde as cotovias voassem já assadas ao alcance das bocas, onde cada qual encontrasse a sua noiva e a conquistasse sem dificuldade — então veríamos os homens morrerem de aborrecimento ou se enforcarem ou guerrearem entre si, se degolarem e assassinarem uns aos outros, causando

mais sofrimentos do que aqueles que a natureza lhes impõe agora.

Assim, para tal raça, nenhum outro teatro, nenhuma outra existência poderia convir.

***

Deste caráter negativo do bem-estar e do gozo oposto ao caráter positivo da dor, resulta que a felicidade de uma dada existência não deve ser avaliada pelos gozos e alegrias dela, mas sim pela ausência de pesares, única coisa positiva. Por isso, a sorte dos outros animais parece mais suportável do que a do homem. Examinemos de mais perto uma e outra:

Sejam quais forem as diversas formas sob as quais o homem procure a felicidade ou diligencie evitar a desgraça, tudo se reduz, em suma, ao gozo ou ao sofrimento físico. Quão limitada e acanhada é esta base material: passar bem, alimentar-se, proteger-se contra o frio e as intempéries, e finalmente, satisfazer o instinto dos sexos; ou, então, pelo contrário, ser privado de tudo.

Por consequência, a parte real do homem no prazer físico não é maior do que a do animal, a não ser que o seu sistema nervoso, mais suscetível e mais delicado, engrandeça a impressão de todo o gozo, assim como a de toda a dor. Mas quanto as suas emoções ultrapassam as do animal! Com que profundidade e com que violência incomparáveis é agitado o seu coração, para não obter no fim senão o mesmo resultado: saúde, alimentação, abrigo etc.

Isso provém, em primeiro lugar, de que nele tudo aumenta poderosamente só pelo pensamento do passado e do futuro. Onde nascem sentimentos novos, cuidados, temor, esperança, esses sentimentos atuam muito mais violentamente nele do que o podem fazer o gozo e o sofrimento do animal, imediatos e presentes. O animal, com efeito, não tem a reflexão, esse condensador das alegrias e das penas; estas não podem

portanto se acumular, como sucede com o homem, por meio da lembrança e da previsão: o animal pressente o sofrimento, mas embora ele recomece indefinidamente, é sempre como da primeira vez, um sofrimento do momento presente, e não pode ser acumulado. Daí a indiferença invejável e a alma plácida dos irracionais.

Do homem, pelo contrário, a reflexão e as faculdades que com esta se relacionam, acrescentam a esses mesmos elementos de gozo e de dor que o homem tem em comum com o animal, um sentimento exaltado da sua felicidade ou da sua desgraça, que pode conduzir a transportes repentinos, muitas vezes mesmo à morte ou ainda também a um suicídio desesperado.

Consideradas de mais perto, as coisas se passam deste modo: as suas necessidades que, na origem, não são mais difíceis de satisfazer do que as do animal, ele as aumenta de caso pensado, com o fim de aumentar o gozo: daí o luxo, as gulodices, o tabaco, o ópio, as bebidas espirituais, o fausto e tudo o mais. Também só ele tem uma outra fonte de gozo, que nasce igualmente de reflexão, uma fonte de gozo e por consequência de dor donde derivarão para ele cuidados e embaraços, sem medida nem fim — é a ambição, o sentimento da honra e da vergonha — por outras palavras, em prosa vulgar, o que ele pensa do que os outros pensam dele. Tal há de ser, sob mil formas muitas vezes extravagantes, o alvo de quase todos os seus esforços, que tendem para muito além do gozo ou da dor física.

É verdade que tem sobre o animal a vantagem incontestada dos prazeres puramente intelectuais, que comportam muitos graus diversos desde os mais insignificantes assuntos, ou conversação corrente, até aos trabalhos intelectuais mais elevados; mas então, como contrapeso doloroso, aparece em cena o tédio, o tédio que o animal ignora pelo menos no estado de natureza, porque os mais inteligentes entre os animais domésticos lhe suspeitam já em ligeiros ataques: no homem, porém, ele é um verdadeiro flagelo.

Querem um exemplo? Basta ver essa legião de miseráveis que nunca tiveram outro pensamento senão o de encherem a bolsa e jamais a cabeça e para quem o bem-estar se torna então um castigo, porque os entrega às torturas do tédio. É vê-los, para lhe fugirem, andarem da direita para a esquerda, insinuarem-se aqui e acolá, viajarem por um e outro lado, informarem-se com ânsia dos lugares de prazer e de reunião de uma cidade logo que a ela chegam, como o necessitado se informa dos lugares onde poderá encontrar socorros — e, com efeito, a pobreza e o tédio são os dois polos da vida humana.

Finalmente, nos resta recordar que, nos prazeres do amor, o homem tem seleções muito particulares e muito teimosas, que às vezes se elevam mais ou menos até ao amor apaixonado. Ainda esse é para ele uma origem de longos pesares e de breves alegrias.

Para o cúmulo da miséria, o homem sabe o que é a morte; o animal não foge dela senão por instinto, sem a conhecer, e sem jamais a encarar de frente. O homem tem, sem cessar, diante dele esta perspectiva. Poucos animais morrem de morte natural, e a maior parte deles tem justamente o tempo de se reproduzirem, em seguida são presa de algum outro. Só o homem chegou ao ponto de que, na sua espécie, o que se chama a morte natural se tornou regra, apesar de algumas exceções notáveis; e por esta razão ainda a vantagem é dos animais. Acrescente-se a isto que o homem atinge tão raramente como os animais os limites naturais da sua vida, por causa da sua maneira de viver, tão contrária à natureza, dos seus esforços e das suas paixões e da degenerescência que daí resulta para a raça.

Os animais não querem senão viver e respirar, a planta está absolutamente satisfeita com o seu destino; assim como com os homens, eles têm tanto menos exigências quanto mais possuem estupidez. Dessa forma, a vida do animal contém menos sofrimentos, mas também menos alegrias do que a vida humana.

A primeira razão é porque o animal vive livre de cuidados, de preocupações, e de todos os tormentos que as acompanham,

mas é verdade que lhe falta a esperança; ignora essa antecipação, pelo pensamento, de um futuro ditoso, essa fantasmagoria cheia de felizes promessas criada pela imaginação, essa fonte, a mais abundante, das nossas maiores alegrias e dos nossos maiores prazeres; é destituído de esperança: e isso porque a sua consciência é limitada ao que lhe cai debaixo dos sentidos, isto é, ao instante presente.

O animal é o presente incarnado: assim não conhece senão um grau de receio e de esperança limitada aos objetos presentes e sensíveis; o horizonte do homem abrange toda a vida, e mesmo a ultrapassa. Mas, justamente por esse motivo, os animais, comparados conosco, parecem-nos até certo ponto verdadeiramente ajuizados, isto é, num gozo pacífico do presente que nada vem perturbar; a alma deles tão manifestamente quieta, envergonha muitas vezes o nosso estado de espírito inquieto e o agita por pensamentos e cuidados.

E depois, essas alegrias futuras e esperadas não nos são dadas gratuitamente. Com efeito, gozar com antecedência pela espera ou pela esperança uma satisfação que se tem em vista é diminuir o gozo nessa mesma qualidade, como se dele se tivesse tirado uma parte. O animal está livre de tal gozo antecipado e da diminuição que daí resulta, e goza assim do presente e do real, inteiros e sem redução. Do mesmo modo, os males também não pesam sobre ele, senão com o seu peso real e verdadeiro, ao passo que para nós o receio e a prisão lhe multiplicam muitas vezes a carga.

É essa faculdade particular que os animais têm de se entregarem inteiramente à impressão do momento que contribui muito para a alegria que nos causam os nossos animais domésticos; eles são o presente personificado, e nos tornam sensíveis de certo modo às horas ligeiras e propícias, ao passo que os nossos pensamentos voam muitas vezes para longe e não atentam nelas.

Mas essa faculdade dos animais, de estarem mais satisfeitos do que nós só pelo fato de viverem no presente, o homem egoísta e sem alma frequentemente lhes abusa e explora de tal

modo, que nada mais lhe concede do que essa existência árida e nua: pois não encarcera ele num espaço estreito a ave feita para percorrer um hemisfério, deixando ali o pobre animal gritar e acabando por desejar a morte: *lucello nella gabbia canta non di piacere, ma di rabbia* [o pássaro na gaiola não canta de alegria, mas de raiva]; e o seu mais fiel amigo, o cão tão inteligente, não o prende ele a uma cadeira?

Não se passa uma vez em que eu veja um cão assim amarrado sem sentir por ele um dó verdadeiro e íntimo, e contra o dono uma indignação profunda. Penso com satisfação no facto referido pelo *Times* há alguns anos: um lorde que tinha um grande cão preso, atravessando um dia o pátio onde ele estava, teve vontade de afagar o animal. Nessa ocasião, este, com uma dentada, lhe rasgou o braço de cima até abaixo, e foi bem bonito! Quis, com essa manifestação, dizer o seguinte: "Tu não és o meu dono, mas sim o meu demônio perseguidor, tu que fazes da minha curta existência um inferno". Oxalá aconteça sempre o mesmo a todos os que conservarem cães amarrados. Ter pássaros numa gaiola é também torturar os animais. Estes entes tão favorecidos da natureza, que atravessam como uma seta rápida os campos celestes, encarcerados numa gaiola apertada, para o homem gozar os seus gritos!

***

Assim é um grau superior de conhecimento que torna a vida do homem mais rica em dores do que a do animal; podemos referir este fato a uma lei mais geral e chegar a uma vista de conjunto muito mais ampla.

O conhecimento, em si, é sempre isento de dores. A dor não atinge senão a vontade, e consiste no obstáculo, no impedimento, na contrariedade da vontade; mas é uma condição indispensável que esse obstáculo seja acompanhado do conhecimento. Com efeito, assim como a luz não ilumina o espaço sem haver objetos para refleti-la; do mesmo modo que

o som tem necessidade de ser repercutido e que a gritaria, em geral, se é ouvida a distância, é porque as ondas vibratórias do ar vêm a se quebrar sobre os corpos duros, de modo tal que parece espantosamente débil nos cumes isolados das montanhas, e que o canto produz pouco efeito ao ar livre: assim o obstáculo oposto à vontade, para ser sentido como uma dor, deve ser acompanhado do conhecimento, o qual todavia é em si estranho a toda a dor.

A dor física tem por condição os nervos e a relação deles com o cérebro; a lesão de um membro não é sentida quando são cortados os nervos que o ligam ao cérebro, ou quando o próprio cérebro é paralisado pelo clorofórmio. Pelo mesmo motivo, logo que a consciência é extinta pela morte, consideramos como sem dor todos os estremecimentos do corpo que ainda lhe seguem. Quanto à dor moral, é evidente que tem por condição o conhecimento; e concebe-se facilmente que aumenta com o grau do conhecimento.

Podemos exprimir esta relação por uma imagem: a vontade é como a corda de um instrumento; o obstáculo que a toca produz a vibração; o conhecimento é o fundo sonoro, a dor é o som.

Por consequência, não só o mundo inorgânico, mas as próprias plantas são estranhos a toda a dor, quaisquer que sejam os obstáculos a que a vontade possa ser submetida neles. Pelo contrário, todo o animal, mesmo o protozoário, sofre uma dor; porque o conhecimento, por incompleto que seja, é o verdadeiro caráter do animal. À medida que aquele conhecimento se eleva na escala animal, a dor cresce na mesma proporção. É ainda infinitamente fraca nas espécies inferiores: daí provém, por exemplo, que os insetos cortados ao meio e ligadas as suas partes apenas por um intestino, continuam a comer.

Mesmo nos animais superiores a dor não se aproxima da do homem, em consequência da ausência das ideias e do pensamento. Mas também a faculdade de sofrer não devia atingir o seu grau supremo, senão no ser em que, em virtude da razão e das suas deliberações refletidas, existe também a

possibilidade de negar essa vontade. Sem isso, teria sido uma crueldade, sem motivo.

***

Na extrema mocidade estamos colocados em frente do destino que vai se abrir perante nós, como as crianças diante de um pano de teatro, na expectativa alegre e impaciente das coisas que vão se passar em cena: é uma fortuna não podermos saber nada com antecedência.

Porque, aos olhos daquele que sabe o que há de se passar realmente, as crianças são inocentes culpados condenados não à morte, mas à vida, e que todavia não conhecem ainda o conteúdo da sua sentença.

Mas nem por isso deixa cada um de desejar para si uma idade avançada, isto é, um estado que se poderia exprimir assim: “Hoje é mau e cada dia há de ser pior… até chegar o pior de tudo”.

***

Quando a gente imagina, tanto quanto é possível fazê-lo de um modo aproximado, a soma de miséria, de dor e de sofrimentos de toda a espécie que o sol ilumina na sua viagem pelo céu, há de se concordar que valeria muito mais que esse astro não tivesse mais poder na terra para fazer surgir o fenômeno da vida do que tem na lua, e que seria preferível que a superfície da terra, como a da lua, estivesse ainda no estado de cristal gelado.

***

Pode também se considerar a nossa vida como um episódio que perturba inutilmente a beatitude e o repouso do nada. Como quer que seja, aquele mesmo para quem a existência é pouco mais ou menos suportável, à medida que avança em idade, tem uma consciência cada vez mais clara de que ela é em tudo *disappointment, nay, a cheat* [uma decepção, ou melhor, uma fraude], por outros termos, que ela tem o caráter de uma grande desilusão.

***

Todo aquele que sobreviveu a duas ou três gerações, se encontra na mesma disposição de espírito de um espectador sentado num picadeiro assistindo a representações repetidas duas ou três vezes sem interrupção! É porque as coisas não estavam calculadas senão para uma representação e não produzem mais nenhum efeito, uma vez que a ilusão e a novidade desapareceram.

***

Haveria motivo para perder a cabeça acaso se observasse a prodigalidade das disposições tomadas dessas estrelas fixas que brilham inumeráveis no espaço infinito, e não têm outra coisa a fazer senão iluminar mundos, teatros de miséria e de gemidos, mundos que, no caso mais feliz, não produzem senão tédio; pelo menos se julgarmos segundo a amostra que nos é conhecida.

***

Ninguém é verdadeiramente digno de inveja, e quantos são dignos de lástima!

***

Imagine por um instante que o ato da geração não seja nem uma necessidade nem uma voluptuosidade, mas sim uma questão de pura reflexão e de raciocínio: a espécie humana ainda subsistiria? Não teria, cada um, dó bastante da geração futura, para lhe poupar o peso da existência, ou pelo menos não teria hesitado em impor-lhe a sangue frio?

***

O mundo não é o mundo, é o inferno, e os homens se dividem em almas atormentadas e em diabos atormentadores.

***

Terei, sem dúvida, de ainda ouvir dizer que a minha filosofia é desconsoladora: isso é simplesmente porque digo a verdade, ao passo que o que toda a gente quer é ouvir dizer: “Deus Nosso Senhor fez bem tudo quanto fez”.

Ora, então vão à igreja, e deixem os filósofos em paz. Pelo menos não exijam que eles moldem as suas doutrinas pelo seu catecismo; isso é o que fazem os “pensadores assalariados”: a estes vocês podem encomendar doutrinas mais ao seu gosto.

Perturbar o otimismo destes é tão fácil como agradável.

***

Brama produz o mundo por uma espécie de pecado ou de desvario e fica ele próprio no mundo para expiar esse pecado,

até se ter resgatado. Muito bem!

No budismo, o mundo nasce em consequência de uma perturbação inexplicável, aparecendo depois de um longo repouso naquela claridade do céu, naquela beatitude serena, chamada Nirvana, que será reconquistada pela penitência; é como uma espécie de fatalidade que, no fundo, deveremos entender num sentido moral, ainda que essa explicação tenha uma analogia e uma imagem exatamente correspondente na natureza pela formação inexplicável do mundo primitivo, vasta nebulosa donde há de sair um sol. Mas os erros morais tornam mesmo o mundo físico gradualmente pior e sempre pior, até ele haver tomado a sua triste forma atual. Perfeitamente!

Para os gregos o mundo e os deuses eram ouro de uma necessidade insondável. Esta explicação é suportável, no sentido de nos satisfazer provisoriamente.

Ormuz [ou Aura Masda] vive em guerra como Arimã: ainda se pode admitir isto [Schopenhauer se refere ao zoroastrismo].

Mas um Deus como esse Jeová, que por *animi causa* [divertimento], pelo seu bom prazer e de ânimo leve produz este mundo de miséria e de lamentações e que ainda por cima se felicita e se aplaude com o resultado: “e viu que o mundo estava bem”, isso é que eu acho forte demais!

Consideremos, pois, sob este ponto de vista a religião dos judeus como a última entre as doutrinas religiosas dos povos civilizados; o que concorda perfeitamente com este fato de que ela é também a única que não tenha absolutamente nenhum traço de imortalidade.

Ainda mesmo que a demonstração de Leibniz fosse verdadeira; mesmo que se admitisse que, entre os mundos possíveis, este é sempre o melhor, essa demonstração não daria ainda nenhuma teodiceia. Porque o Criador não criou simplesmente o mundo, mas também a própria possibilidade: por consequência, deveria ter tornado possível um mundo melhor.

A miséria que enche este mundo protesta alto demais contra a hipótese de uma obra perfeita devida a um ser absolutamente bom, e além disso onipotente; e por outro lado, a imperfeição evidente e mesmo a caricatura burlesca do mais completo de todos os fenômenos da criação, o homem, são de uma evidência excessivamente sensível. Há nisso uma dissonância que se não pode resolver.

Pelo contrário, dores e misérias são outras tantas provas em apoio, quando consideramos o mundo como obra da nossa própria falta, por consequência como coisa que não poderia estar melhor. Ao passo que, na primeira hipótese, a miséria do mundo se torna uma acusação amarga contra o Criador e dá motivo a sarcasmo, no segundo caso aparece como uma acusação contra o nosso ser e a nossa vontade mesma, e bem própria para nos humilhar. Porque nos conduz a este pensamento profundo de que viemos ao mundo já viciados, como filhos de pais gastos pela devassidão, e que se a nossa existência é de tal modo miserável e tem por desenlace a morte, é porque nós entendemos esta relação no sentido metafísico e não físico e empírico.

Assim a história do pecado original me reconcilia com o Antigo Testamento; ela é mesmo aos meus olhos a única verdade metafísica do livro, embora ali se apresente sob o céu da alegoria. Porque a nossa existência não se assemelha tanto a coisa alguma como à consequência de uma falta e de um desejo culpado.

Se querem ter sempre à mão uma bússola, segura, que os oriente na vida e que os faça incessantemente encará-la na verdadeira luz, habituem-se a considerar este mundo como um só lugar de penitência, como uma colônia penitenciária, *a penal colony* [idem, colônia penitenciária] — um ergástulo como já o tinham chamado os mais antigos filósofos e, entre os padres da Igreja, como Orígenes o exprimia com louvável arrojo.

A sabedoria de todos os tempos, o bramanismo, o budismo, Empédocles e Pitágoras confirmam esta maneira de ver. Cícero refere que os antigos sábios na iniciação dos mistérios

ensinavam, *nos ob aliqua sielera suscepta in vita superiore, penarum laendarum causa natos sesse* [nascemos para pagar as penas de crimes assumidos em vidas anteriores].

[Lucilio ou Giulio Cesare] Vanini exprime esta ideia do modo mais enérgico — Vanini a quem acharam mais cômodo queimá-lo do que refutá-lo — quando diz: *tot, tantisque homo repletus miseris, ut si christionae religioni non repugnaret, dicere auderem: si daemones dantur, ipsi, in hominum corpora transmigrantes sceleris poeas luunt* [e o homem está cheio de tanta miséria, que se não se opuser a religião cristã, eu ouso dizer: haverá demônios, eles próprios, possuindo os seus corpos para pagar as penas] (*De Admirandis Nature Arcanis*).

Mas mesmo no puro cristianismo bem compreendido, a nossa existência é considerada como a consequência de uma falta, de uma queda. Se nos familiarizarmos com este pensamento, não esperaremos da vida senão o que ela pode dar, e longe de considerarmos como qualquer coisa inesperada e contrária à guerra as suas contradições, os seus sofrimentos, tormentos, misérias grandes ou pequenas, nós as encontraremos inteiramente na ordem, sabendo bem que nela cada um carrega o fardo da sua existência e cada um a seu modo.

Entre os males de um estabelecimento penitenciário, o menor não é a sociedade que aí se encontra. O que vale a sociedade dos homens, aqueles que merecessem tê-la melhor, saberão por si mesmos sem eu ter necessidade de lhes dizer. Uma bela alma, um gênio, podem às vezes experimentar aí os sentimentos de um nobre prisioneiro de Estado que esteja nas galés [pena por trabalhos forçados] rodeado por criminosos vulgares; e assim como este, aqueles procuram se isolar.

Mas em geral esta ideia acerca do mundo nos torna capazes de vermos sem surpresa, com mais razão e sem indignação, o que se chamam as imperfeições, isto é, a miserabilidade, que a própria fisionomia dos homens nos revela.

A convicção de que o mundo, e por consequência o homem são tais que não deveriam existir, é de molde a nos encher de

indulgência uns para com os outros; o que há a esperar, efetivamente, de uma tal espécie de seres?

Parece-me às vezes que o modo mais conveniente dos homens se dirigirem uns aos outros, ao invés de se tratarem por Senhor, Sir etc., seria este: companheiro de sofrimento, companheiro de misérias, *my fellow-sufferer* [meu caro sofredor]. Por muito excêntrico que isto pareça, a expressão é todavia fundamentada, lança sobre o próximo a mais verdadeira luz, e lembra-nos a necessidade da tolerância, da paciência, da indulgência, do amor do próximo, sem o qual ninguém pode passar, e do qual por consequência cada um é devedor.

10. As misérias da vida

A Arcádia nos viu nascer, a todos quantos existimos, como diz Schiller, isto é, todos nós entramos no mundo, cheios de pretensões à felicidade e ao gozo, e nos ligamos à esperança insensata de vermos realizadas essas pretensões. Mas em breve o destino aparece, empolga-nos rudemente e nos faz ver que nada nos pertence, mas que tudo é dele que tem um direito incontestável não só sobre tudo o que nós possuímos e adquirimos, sobre a nossa mulher e o nosso filho, mas sobre os nossos braços e pernas, sobre os nossos olhos e as nossas orelhas, até mesmo sobre o nosso nariz, em pleno rosto.

***

Ao passo que a primeira metade da vida é apenas uma aspiração infatigável para a infelicidade, a segunda metade, pelo contrário, é dominada por um sentimento doloroso de temor, porque então se acaba por perceber mais ou menos claramente que a felicidade não é mais do que uma quimera, de que só o sofrimento é real. Assim os espíritos sensatos aspiram menos a gozos vivos do que a uma ausência de dores, a um estado de certo modo invulnerável.

Na minha mocidade, um toque de campainha à minha porta logo me enchia de alegria, porque eu pensava: “Bom! aí vem alguma coisa para mim”. Depois, amadurecido pela vida, esse

mesmo som despertava em mim um sentimento próximo do temor; eu dizia comigo: “Ah! o que será?”.

***

Não há nada fixo nesta vida fugidia: nem dor infinita, nem alegria eterna, nem impressão permanente, nem entusiasmo duradouro, nem resolução elevada que possa contar com a vida! Tudo se dissolve na torrente dos anos. Os minutos, os inúmeros átomos de pequenas coisas, fragmentos de cada uma de nossas ações são os vermes roedores que devastam tudo quanto nela há de grande e de arrojado…

Não se deve levar nada muito a sério na vida humana; a poeira não o merece.

***

Considerando a vida sob o aspeto do seu valor objetivo, é pelo menos duvidoso que ela seja preferível ao nada; e eu diria mesmo que se a experiência e a reflexão pudessem fazer-se entender, era em favor do nada que elas levantariam a voz. Se batesse na pedra dos túmulos, para perguntar aos mortos se queriam ressuscitar, eles abanariam a cabeça, negando. Tal é também a opinião de Sócrates na apologia de Platão, e até mesmo o amável e alegre Voltaire não pôde se abster de dizer: “Gosta-se da vida, mas o nada não deixa de ter o seu quê de bom”; e também: “Eu não sei o que é a vida eterna, mas esta é um mau divertimento”.

***

A vida de cada homem, vista de longe e do alto, no seu conjunto e nos seus traços mais salientes, nos apresenta

sempre um espetáculo trágico; mas se a percorremos passo a passo, tem o caráter de uma comédia. Porque o curso e o tormento de cada dia, a incessante contrariedade de cada momento, os desejos e temores de cada semana, as desgraças de cada hora, sob a ação do acaso que cuida sempre de nos mistificar, são outras tantas cenas de comédia.

Mas as aspirações sempre iludidas, os esforços vãos, as esperanças que a sorte calca impiedosamente a pés, os erros funestos da vida inteira, com os sofrimentos que se acumulam e a morte no último ato, eis a tragédia eterna.

Parece que o destino tenha querido acrescentar o deboche ao desespero da nossa existência, quando encheu a nossa vida com todos os infortúnios da tragédia, sem que possamos ao menos sustentar a dignidade dos personagens trágicos. Longe disso, no largo cenário da vida, nós representamos inevitavelmente o ridículo papel de cômicos.

***

Se foi Deus que fez este mundo, eu não queria ser esse Deus: a miséria do mundo me partiria o coração.

***

Imagine-se um demônio criador; ainda assim estaríamos no direito de lhe gritar denunciando a sua criação: “Como é que tu ousaste interromper o repouso sagrado do nada, para fazer surgir uma tal massa de infelicidade e de tormento?”.

***

Se se pusesse diante dos olhos de cada qual as dores e os tormentos espantosos a que a sua vida está continuamente exposta, a tal aspecto, ficaria tomado de pavor; e se se quisesse conduzir o otimista mais endurecido através dos hospitais, dos lazaretos [hospitais que cuidam de leprosos] e dos gabinetes de tortura cirúrgicos, através das prisões, dos lugares de suplícios, dos currais de escravos, aos campos de batalha e aos tribunais de justiça, se se lhe abrissem todos os sombrios recantos onde a miséria se insinua para fugir aos olhares de uma curiosidade fria, e se, enfim, o deixassem lançar os olhos para o interior da torre esfaimada de Ugolino — então, seguramente, também ele acabaria por reconhecer de que maneira é feito este melhor dos mundos possíveis.

***

Onde teria Dante ido procurar o modelo e o assunto do seu Inferno, a não ser no nosso mundo real? E, no entanto, é em verdade um inferno completo e verdadeiro que ele nos pintou. Pelo contrário, quando tratou de descrever o céu e as suas alegrias, achava-se em face de uma dificuldade insuperável, justamente porque o nosso mundo nada oferece de análogo. Em vez das alegrias do Paraíso, se viu reduzido a nos passar as instruções que ali lhe deram os seus antepassados, a sua Beatriz e diversos santos. Por onde se vê claramente que espécie de mundo é o nosso.

***

Este mundo, campo de carnificina onde seres ansiosos e atormentados não subsistem senão devorando-se uns aos outros, onde todo o animal de presa se torna o túmulo vivo de milhares de outros, e não conserva a sua vida senão à custa de uma longa série de martírios, onde a capacidade de sofrer cresce na proporção da inteligência, e atinge por consequência

no homem o seu grau mais elevado: este mundo, quiseram os otimistas acomodar ao seu sistema e o demonstrar *a priori* como o melhor dos mundos possíveis. O absurdo é flagrante.

Dizem-me que abra os olhos e que passeie os meus olhares sobre a beleza do mundo que o sol ilumina, que admire as suas montanhas, os seus vales, as suas torrentes, as suas plantas, os seus animais… que sei eu? Então o mundo não é mais do que uma lanterna mágica?

Com certeza o espetáculo é esplêndido de se ver, mas desempenhar nele o seu papel é coisa muito diversa.

***

Depois do otimista vem o homem das coisas finais; este gaba-me a acertada disposição que proíbe aos planetas o irem de encontro uns aos outros no seu curso, que impede que a terra e o mar se confundam numa pasta imensa, e os mantêm limpamente separados, que faz com que não fique tudo coalhado num gelo eterno, ou consumido pelo calor, que, graças à inclinação da órbita elíptica, não permite à primavera que seja eterna e deixa amadurecer os frutos etc.

Mas isso não são mais do que simples *conditiones sine quibus non* [condições sem a qual não poderíamos existir]. Porque se um mundo deve existir, se os seus planetas devem durar, quando mais não seja senão um tempo igual àquele que o raio de uma estrela fixa afastada gasta para chegar até eles, e se não devem desaparecer como o filho de Lessing, imediatamente depois do seu nascimento, é para isso precisamente que as coisas não estivessem arquitetadas tão desastradamente, que o madeiramento ameaçasse já desabar.

Vamos agora aos resultados desta obra gabada, consideremos os atores que se movem sobre este trabalho tão solidamente construído: vemos a dor aparecer ao mesmo tempo que a sensibilidade, e crescer à medida que esta se torna inteligente, vemos o desejo e o sofrimento caminhando a par,

desenvolvendo-se sem limites até que enfim a vida humana não ofereça mais do que um assunto de tragédias ou de comédias.

Agora quem for sincero, estará pouco disposto a entoar a aleluia dos otimistas.

***

A vida não se apresenta de nenhum modo como um presente que nos fosse dado só para o gozarmos, mas sim como um dever, uma tarefa que havemos de cumprir à força de trabalho; daí, nas coisas grandes e pequenas, uma miséria geral, uma fadiga sem repouso, uma concorrência sem tréguas, um combate sem fim, uma atividade imposta com uma tensão extrema de todas as forças do corpo e do espírito.

Milhões de homens, reunidos em nações, concorrem para o bem público, trabalhando assim cada indivíduo no interesse do seu próprio bem; mas caem milhares de vítimas pela salvação comum. Ora preconceitos insensatos, ora uma política sutil excitam os povos à guerra; é preciso que o suor e o sangue da grande multidão corram em abundância para levar a bom fim as fantasias de alguns, ou expiar as faltas deles.

Em tempo de paz, a indústria e o comércio prosperam, as invenções fazem prodígios, os navios sulcam os mares e transportam artigos de luxo de todos os cantos do mundo, as vagas envolvem milhares de homens. Tudo está em movimento, uns meditam, os outros operam, o tumulto é indescritível…

Mas, e qual é o alvo final de tantos esforços? Manter durante um curto espaço de tempo seres efêmeros e atormentados, e no caso mais favorável, os fazer transcorrer a vida numa miséria e numa ausência de dor relativa imediatamente espreitada pelo tédio; depois a reprodução desta raça e a renovação do seu viver habitual.

***

É verdadeiramente incrível quão insignificante e despida de interesse, vista de fora, e que surda e obscura, sentida interiormente, decorre a vida da maior parte dos homens.

Não é mais do que tormentos, aspirações impotentes, andar vacilante de um homem que sonha através das quatro idades da vida até à morte com um cortejo de pensamentos triviais. Os homens parecem relógios a que se deu corda: um homem é gerado e entra no mundo, e o relógio da vida humana recebe de novo corda para repetir mais uma vez o seu velho estribilho gasto de eterna caixa de música, frase a frase, compasso por compasso, com pequenas variações.

Cada indivíduo, cada rosto humano e cada vida humana não são senão um sonho efêmero do espírito da natureza, da vontade de viver persistente e obstinada, não são senão uma imagem fugitiva a mais que ela desenha brincando na sua página infinita do espaço e do tempo, que deixa subsistir alguns instantes de uma brevidade vertiginosa, e que imediatamente apaga para dar lugar a outras.

Contudo, e é esse o lado da vida que dá o que pensar e refletir, é necessário que a vontade de viver, violenta e impetuosa, pague cada uma dessas imagens fugitivas, cada uma dessas vãs fantasias, a preço de dores profundas e sem número, e com uma morte amarga, muito tempo temida, e que chega enfim…

Eis o motivo pelo qual o aspecto de um cadáver nos torna repentinamente sérios.

***

A vida do homem oscila, como um pêndulo, entre a dor e o tédio, tais são na realidade os seus dois últimos elementos. Os homens exprimiram isto de uma estranha maneira: depois de

terem feito do inferno o lugar de todos os tormentos e de todos os sofrimentos, o que ficou para o céu? Justamente o tédio.

11. Resignação e libertação

Quando a ponta do véu de Maya (a ilusão da vida individual) se ergueu diante dos olhos de um homem, de tal modo que ele não faz mais diferença egoísta entre a sua pessoa e os outros homens e que toma tanto interesse nos sofrimentos estranhos como nos seus próprios, pronto a sacrificar-se a si mesmo pela salvação dos outros — e se o homem chegado ao ponto de se reconhecer a si mesmo em todos os seres, considera como seus os sofrimentos de tudo o que vive e deve assim apropriar-se da dor do mundo, nenhuma aflição lhe é desconhecida. Todos os tormentos que vê e que tão raramente pode suavizar, todos os tormentos de que ouve falar, aqueles mesmo que lhe é possível conceber, impressionam o seu espírito como se ele próprio fosse a vítima.

Insensível às alternativas de bens e de males que se sucedem no seu destino, liberto de todo o egoísmo, penetra os véus da ilusão individual: tudo o que vive, tudo o que sofre está igualmente perto do seu coração. Concebe o conjunto das coisas, a sua essência, o seu eterno decorrer, os esforços vãos, as lutas interiores e os sofrimentos sem fim; vê, para qualquer lado que volte os seus olhares, o homem que sofre, e um mundo que se esvai eternamente. Une-se daí em diante às dores do mundo tão intimamente como o egoísta à sua própria pessoa.

Ora, e como poderia ele, com um tal conhecimento do mundo, afirmar pelos desejos incessantes, a sua vontade de

viver, ligar-se sempre cada vez mais à vida, e abraçá-la sempre mais estreitamente?

Pois que o homem enganado pela ilusão da vida individual, escravo do egoísmo, não vê das coisas senão o que o toca pessoalmente, e aí encontra motivos incessantemente renovados de desejar e de querer; mas, pelo contrário, aquele que penetra a essência das coisas em si, que domina o conjunto, chega ao repouso de todo o desejo e de todo o querer. Daí em diante, a vontade desvia-se da vida; repele com susto os gozos que a perpetuam.

O homem chega então ao estado do desprendimento voluntário, da resignação, da tranquilidade verdadeira e da ausência absoluta de vontade.

***

O espírito íntimo e o sentido da verdadeira e pura vida do claustro, e do ascetismo em geral, é o sentir-se digno e capaz de uma existência melhor do que a nossa, e querer fortificar e manter essa convicção pelo desprezo de todos os gozos vãos deste mundo. Espera-se com tranquilidade e segurança o fim desta vida, privada dos seus atrativos enganadores, para saudar um dia a hora da morte como a da libertação.

***

Para aquele que chegou a desprezar seus desejos, não há mais o alvoroço inquieto, a alegria ruidosa, essa alegria precedida e seguida de tantos pesares, condição inevitável da existência para o homem que tem o gosto da vida: o que ele sente, é uma paz inabalável, um profundo repouso, uma serenidade íntima, um estado que não podemos ver ou imaginar sem aspirarmos a ele, com ardor, porque então nos parece o único caminho, infinitamente superior a qualquer

outro, um estado para o qual nos convidam e nos chamam o que há de melhor em nós, e essa voz interior que nos grita: *sapere aude* [ouse saber].

Sentimos então que todo o desejo cumprido, toda a felicidade arrancada à miséria do mundo, são como a esmola que sustenta hoje o mendigo, sem evitar que ele manhã morra de fome; mas a resignação, pelo contrário, é como uma terra que se recebeu em herança, que põe para sempre o seu feliz possuidor ao abrigo de todo o cuidado.

***

Poucos homens, só pelo conhecimento refletido das coisas chegam a penetrar a ilusão do *principium individuations* [princípio de individualização], poucos homens cheios de uma perfeita bondade de alma, da universal caridade, conseguem enfim reconhecer todas as dores do mundo como as suas próprias, para chegarem à negação da vontade. Naquele mesmo que mais se aproxima desse grau superior, as comodidades pessoais, o encanto lisonjeiro do momento, o atrativo da esperança, os desejos incessantemente renascentes são um eterno obstáculo ao desprendimento, uma atração eterna para a vontade. Daí provém ter-se personificado nos demônios a multidão das seduções que nos tentam e nos solicitam.

Assim é preciso também que a nossa vontade seja quebrada por um sofrimento imenso, antes de chegar ao desprendimento de si mesma. Quando tem percorrido todos os graus da angústia crescente, depois de uma resistência suprema, e toca já no abismo do desespero, o homem recolhe-se subitamente em si mesmo, conhece-se, conhece o mundo, a sua alma então transforma-se, eleva-se acima de si mesma e de todo o sofrimento, e purificado, santificado de certo modo num repouso, numa felicidade inabalável, numa elevação inacessível, renuncia a todos os objetos dos seus desejos apaixonados, e recebe a morte com alegria.

Como um pálido clarão, a negação da vontade de viver, isto é, o desprendimento, brota subitamente da chama purificante da dor.

***

Os criminosos mesmo podem ser assim purificados por uma grande dor; são então inteiramente outros. Os seus crimes passados deixam de lhes oprimir a consciência; contudo, estão prontos a expiá-los pela morte e veem de boa vontade extinguir-se com eles esse fenômeno passageiro da vontade, que lhes é agora estranho e como que um objeto de horror.

No tocante episódio de *Gretchen*, deu-nos Goethe uma incomparável e deslumbrante pintura dessa negação da vontade, causada por um grande infortúnio e pelo desespero. É um modelo completo dessa segunda maneira de chegar ao desprendimento, à negação da vontade, não pelo puro conhecimento das dores de um mundo inteiro, com as quais se identifica voluntariamente, mas por uma dor esmagadora, com que foi atormentado.

***

Acaso se reconheça o quanto a miséria e os sofrimentos são na maior parte do tempo necessários para as nossas libertação, se compreenderá que deveríamos invejar menos a felicidade dos outros do que a sua desgraça.

É por essa razão que o estoicismo que encara sem medo o destino, é para a alma, em verdade, uma couraça espessa contra as dores da vida e ajuda a suportar melhor o presente; mas é oposto à verdadeira salvação, porque endurece o coração. E como é que o estoico poderia ser melhorado pelo sofrimento, quando, sob a sua casca de pedra, se torna insensível?

Até certo grau, este estoicismo não é muito raro. É muitas vezes, uma pura afetação, um modo de fazer boa cara à má fortuna (“fazer das tripas coração”): e quando é real, provém a maior parte do tempo da insensibilidade pura, da falta de energia, de vivacidade, de sentimento e de imaginação, necessárias para sentir uma grande dor. A fleuma e a mau humor dos alemães são sobretudo favoráveis para esta espécie de estoicismo.

***

Todo aquele que se mata quer a vida; não se queixa senão das condições sobre as quais ela se lhe apresenta; não é pois a vontade de vida, na qual destrói da sua pessoa um dos fenômenos passageiros…

É justamente porque não pode deixar de querer que deixa de viver, e é suprimindo em si o fenômeno da vida que afirma o seu desejo de viver. Porque era justamente a dor, à qual ele se subtrai, que teria podido, como mortificação da vontade, conduzi-lo ao desprendimento e à libertação.

Acontece que se mata, como um doente que, não tendo a coragem de deixar acabar uma operação dolorosa mas salutar, preferisse ficar com a sua doença. O sofrimento suportado com coragem ainda lhe permitiria suprimir a vontade; mas subtrai-se ao sofrimento, destruindo no seu corpo essa manifestação da vontade, de tal modo que esta subsiste sem obstáculos.

***

O otimismo não é no fundo senão uma forma de louvores que a vontade de viver, única e primeira causa do mundo, tributa sem razão a si mesma, quando se mira com

complacência na sua obra: não é somente uma doutrina falsa, é uma doutrina corruptora.

Porque nos representa a vida como um estado desejável, e como alvo da vida a felicidade do homem. Em consequência disso, cada um se imagina como possuindo os direitos mais justificados à felicidade e ao gozo; se esses bens, como aliás é frequentíssimo, lhe não cabem em partilha, crê-se vítima de uma injustiça; e não errou o alvo da sua vida?

Ao passo que é muito mais justo considerar o trabalho, a privação, a miséria e o sofrimento coroado pela morte, o alvo da nossa vida (assim fazem o bramanismo, o budismo e também o verdadeiro cristianismo), porque todos esses males conduzem à negação da vontade de viver. No *Novo Testamento*, o mundo é representado como um vale de lágrimas, a vida como um meio de purificar a alma, e o símbolo do cristianismo é um instrumento de martírio.

***

Quietismo, isto é, desprendimento de todo o desejo; ascetismo, isto é, imolação refletida da vontade egoísta, e misticismo, isto é, consciência da identidade do seu ser com a totalidade das coisas e com o princípio do universo — três disposições da alma que se ligam intimamente; todo aquele que fizer profissão de uma, é atraído para a outra de certo modo contra a sua vontade.

Não há nada mais surpreendente do que ver o acordo de todos aqueles que nos têm pregado estas doutrinas, através da extrema variedade dos tempos, dos países e das religiões; e não há nada mais curioso do que a segurança inabalável como rocha, a certeza interior, com que nos apresentam o resultado da sua experiência íntima.

***

Na verdade, não é o judaísmo com o seu "e viu que tudo estava bem", mas sim o bramanismo e o budismo que pelo espírito e pela tendência moral se aproximam do cristianismo. Mas o espírito e a tendência moral são o que há de essencial numa religião, e não os mitos nos quais ela os envolve.

Esse "e viu que tudo estava bem", do *Antigo Testamento*, é verdadeiramente estranho ao puro cristianismo: porque, em toda a extensão do *Novo Testamento*, trata-se do mundo como de uma coisa à qual se não pertence, que se não ama, de uma coisa que está sob o império do diabo.

Isso concorda com o espírito de ascetismo, de desprendimento e de vitória sobre o mundo; esse espírito que, junto com o amor do próximo e com o perdão das injúrias, marca o traço fundamental e a estreita afinidade que unem o cristianismo, o bramanismo e o budismo. É sobretudo no cristianismo que é necessário se aprofundar nas coisas e penetrar no íntimo delas.

***

O protestantismo, eliminado o ascetismo e o celibato que é o seu ponto capital, atacou nisso mesmo a essência do cristianismo, e pode, sob esse ponto de vista, ser considerado como uma apostasia [renegação].

Temos visto bem nos nossos dias, quando o protestantismo degenerou a pouco e pouco num chato racionalismo, espécie de pelagianismo moderno, que finalmente se resume na doutrina de um bom pai, criando o mundo, a fim de que a gente nele se divirta bem (o que a ser assim teria sido um formidável fiasco!); e esse bom pai, mediante certas condições, se comprometesse a procurar também mais tarde para os seus fiéis servidores um mundo mais belo, cujo único inconveniente é o de ter uma tão funesta entrada. Isto pode ser

com certeza uma boa religião para clérigos cercados de conforto, casados e esclarecidos: mas não é o cristianismo.

O cristianismo é a doutrina que afirma que o homem é profundamente culpado apenas pelo fato do seu nascimento, e ensina ao mesmo tempo que o coração deve aspirar à libertação, a qual não pode ser obtida senão a preço dos mais penosos sacrifícios pelo desprendimento, pela aniquilação de si mesmo, por consequência por uma transformação total da natureza humana.

***

Parece que o termo de toda a atividade vital seja um alívio maravilhoso para a força que o mantém: é isso o que explica, talvez, aquela expressão de doce serenidade que toma o parecer da maior parte dos mortos. Parece que o instante da morte é semelhante ao despertar, depois de um sono pesado e agitado por pesadelos.

***

Na velhice, as paixões e os desejos se extinguem, uns após outros, à medida que os objetos dessas paixões se tornam indiferentes; a sensibilidade se embota, a força da imaginação se torna cada vez mais fraca, as imagens empalidecem, as impressões passam sem deixar vestígios, os dias correm cada vez mais rápidos, os acontecimentos perdem a sua importância, tudo se decora.

O homem carregado de dias caminha vacilando ou repousa a um canto, não sendo mais do que uma sombra, um fantasma do seu passado. Vem a morte; que lhe resta ainda para destruir?

Um dia o entorpecimento muda-se em último sono, e os sonhos… estes inquietavam já Hamlet no célebre monólogo.

***

Sabemos que os instantes em que a contemplação das artes nos livra dos desejos ávidos, como se planássemos acima da pesada atmosfera da terra, são ao mesmo tempo os mais felizes que conhecemos. Por aí, podemos imaginar que felicidade deve sentir o homem, cuja vontade é apaziguada, não por alguns instantes, como no gozo do belo, mas para sempre, extinguindo-se mesmo inteiramente, de modo que não reste senão a última faísca de clarões vacilantes, a qual sustenta o corpo e se há de extinguir com ele.

Quando esse homem, depois de muitos e rudes combates contra a sua própria natureza, acabou por triunfar completamente, não existe senão no estado de ser puramente intelectual, como um espelho do mundo que nada perturba. Daí em diante, nada poderia lhe causar angústia, nada mais poderia lhe agitar: porque os laços do querer que nos conservam encadeados ao mundo e nos abalam em todos os sentidos com dores contínuas, sob a forma de desejo, temor, inveja, cólera — esses laços ele os quebrou a todos!

Lança um olhar para a retaguarda, tranquilo e sorrindo sobre as imagens ilusórias deste mundo que puderam um dia agitar e torturar o seu coração; diante delas está agora tão indiferente como diante do xadrez, depois de terminada uma partida, ou diante de máscaras de carnaval tiradas pela manhã depois de terem podido nos provocar e comover na noite de terça-feira gorda. A vida e as suas formas flutuam dali em diante, perante os seus olhos, como uma aparição passageira, como um leve sono matinal para o homem semiacordado, um sonho que a verdade trespassa já com os seus raios e que não pode mais nos iludir; e assim como um sonho, a vida também se esvai, por fim, sem transição brusca.

***

Quando se tem considerado a perversidade humana, e se fica inclinado à indignação contra ela, é necessário imediatamente lançar os olhos para a miséria da existência humana; e reciprocamente, se acaso a miséria nos espantar, consideramos a perversidade: então se verá que ambas se equilibram; e se reconhecerá a justiça eterna…

E se verá, enfim, que o próprio mundo é o juízo do mundo.

***

Uma piedade ilimitada para todos os seres vivos, é o penhor mais firme e mais seguro da conduta moral, e isto não exige nenhuma casuística. Pode-se ter a certeza de que todo aquele que a possuir não ofenderá ninguém, não atropelará os direitos de ninguém, não fará mal a ninguém; muito pelo contrário, será indulgente para todos, perdoará a todos, valerá a todos na medida das suas forças, e todas as suas ações serão assinaladas pelo cunho da justiça e do amor dos homens.

Pelo contrário, experimente-se uma vez dizer: “Este homem é virtuoso, mas não conhece piedade alguma”. Não tarda cair na injustiça e na maldade.

***

Nem toda a gente tem os mesmos gostos; mas não conheço mais bela súplica, do que aquela, pela qual terminam as velhas peças do teatro hindu (como outrora as peças inglesas terminavam por estas palavras: “pelo rei”). Eis qual é o seu sentido: “Oxalá todos os seres vivos se conservem livres de dores”.

Epílogo

Trechos de Arthur Schopenhauer em O mundo como vontade e representação *(cap. 34). O comentário ao final é do editor.*

Quando, elevando-se pela força da inteligência, se renuncia a considerar as coisas do modo vulgar; quando se deixa de procurar (à luz das diferentes expressões do princípio da razão) apenas as relações dos objetos entre si, relações que se reduzem sempre, em última análise, à relação dos objetos com nossa própria vontade, isto é, quando já não se considera nem o lugar, nem o tempo, nem o porquê, nem o para que das coisas, mas única e simplesmente sua natureza; quando, além disso, já não se permite nem ao pensamento abstrato, nem aos princípios da razão ocupar a consciência mas, em vez de tudo isto, se dirige todo o poder do espírito para a intuição; quando aí nos submergimos inteiramente e se enche toda a consciência com a contemplação tranquila de um objeto natural atualmente presente: paisagem, árvore, rochedo, edifício ou qualquer outro; ora, desde o momento em que nos perdemos neste objeto, como dizem com profundidade os alemães, isto é, desde o momento em que nos esquecemos da nossa individualidade, da nossa vontade e só subsistimos como puro sujeito, como claro espelho do objeto, de tal modo que tudo se passa como se só tal objeto existisse, sem ninguém que o percebesse, ou seja: que fosse impossível distinguir o sujeito da própria intuição e que ambos se confundissem numa único ser, numa única consciência inteiramente ocupada e preenchida por uma visão única e intuitiva; quando, enfim, o objeto se liberta de toda relação com o que não é ele, e o sujeito, de toda a relação com a [própria] vontade, então,

aquilo que é conhecido deste modo já não é a coisa particular enquanto particular, mas a ideia, a forma eterna, a objetividade imediata da vontade [natural].

Neste grau, por conseguinte, aquele que é arrebatado nesta contemplação já não é um indivíduo (visto que o indivíduo se aniquilou nesta mesma contemplação), mas o sujeito que conhece, puro, liberto da [sua] vontade, da dor e do tempo. Esta preposição que parece surpreendente confirma, sabe-se muito bem, o aforismo que provém de Thomas Payne: "Do sublime ao ridículo há apenas um passo"; mas, graças ao que se segue, ela vai-se tornar mais clara e parecer menos estranha.

Era também isso que, pouco a pouco, [Benedito] Espinosa descobria, quando escrevia: "A mente é eterna, visto que concebe os fatos sob a forma de eternidade" (*Ética*, 5, prop. 31, escólio).

[…] O indivíduo que conhece, considerado como tal, e a coisa particular conhecida por ele estão sempre situados em pontos definidos do espaço e da duração [do tempo]; são elos das cadeias de causas e efeitos. O puro sujeito que conhece e o seu correlativo, a ideia, estão libertos de todas estas formas do princípio da razão: o tempo, o lugar, o indivíduo que conhece e aquele que é conhecido não significam nada para eles.

É apenas quando o indivíduo que conhece se eleva da maneira acima mencionada, se transforma em sujeito que conhece e transforma por este fato o objeto considerado como representação, [e este lhe] aparece puro e inteiro, é então, apenas, que se produz a perfeita objetivação da vontade [natural], visto que a ideia é apenas a sua objetividade adequada.

Esta resume em si, e na mesma qualidade, objeto e sujeito (visto que eles constituem a sua forma única); mas ela mantém entre eles um perfeito equilíbrio: por um lado, com efeito, o objeto é apenas a representação do sujeito; por outro lado, o sujeito que se esgota [ou se dissolve] no objeto da intuição torna-se esse mesmo objeto, atendendo a que a consciência é, daqui para a frente, a mais clara imagem dele. Este

consciência constitui, para falar com propriedade, a totalidade do mundo considerado como representação.

[…] Do mesmo modo que na ideia, quando ela aparece, o sujeito e o objeto são inseparáveis, visto que é preenchendo-se com uma igual perfeição um ao outro que eles fazem nascer a ideia, a objetividade adequada da vontade, o mundo considerado como representação; também, do mesmo modo, no conhecimento particular, o indivíduo que conhece e o indivíduo conhecido permanecem inseparáveis, enquanto coisas em si, visto que se fizermos a abstração completa do mundo considerado verdadeiramente como representação, não nos resta mais nada a não ser o mundo considerado como vontade; a vontade [natural] constitui o "em si" da ideia, a qual é a objetividade perfeita da vontade; a vontade constitui do mesmo modo o "em si" da coisa particular e do indivíduo que a conhece, os quais são apenas a objetividade imperfeita da vontade.

Considerada como vontade [natural], independente da representação e de todas as suas formas, a vontade é uma só e idêntica no objeto contemplado e no indivíduo que ao elevar-se a esta contemplação toma consciência de si mesmo como puro sujeito; ambos, por conseguinte, se confundem, visto que eles são, em si, apenas a vontade [natural] que se conhece a si mesma; quanto à pluralidade e à diferenciação, elas só existem a título de modalidades do conhecimento, isto é, apenas no fenômeno e em virtude da sua forma, no princípio da razão.

Do mesmo modo que sem objeto nem representação não sou sujeito que conhece, mas simples vontade cega, também sem mim, sem sujeito que conhece, a coisa conhecida não pode ser objeto e permanece simples vontade, esforço cego. Esta vontade é, em si, isto é, fora da representação, uma só e idêntica a minha: é apenas no mundo considerado como representação, submetido, em todo caso, à sua forma mais geral que é a distinção do sujeito e do objeto, é somente no mundo assim considerado que se opera a distinção entre o indivíduo conhecido e o indivíduo que conhece.

Uma vez que se suprime o conhecimento, o mundo considerado como representação, não resta em definitivo mais do que simples vontade, esforço cego. Se a vontade se objetiva e se torna representação, ela coloca imediatamente o sujeito e o objeto; se, além disso, esta objetividade se torna uma pura e perfeita objetividade da vontade, ela coloca o objeto como ideia, liberto das formas do princípio da razão. Ela coloca o sujeito como puro sujeito que conhece liberto da sua individualidade e da sua servidão diante da vontade.

Absorvamo-nos, portanto, e mergulhemos na contemplação da natureza, tão profundamente que já só existamos como puro sujeito que conhece: sentiremos imediatamente por isso mesmo que somos, nessa qualidade, a condição, por assim dizer, o suporte do mundo e de toda a existência objetiva, visto que a existência objetiva só se apresenta, a partir de agora, a título de correlativo de nossa própria existência. Puxamos assim toda a natureza para nós, tão bem que ela já nos parece ser um acidente da nossa substância. É neste sentido que [Lorde] Byron diz:

Montanhas, ondas e céu, não serão uma parte de mim mesmo, uma parte da minha alma? Não serei eu, eu também, uma parte de tudo isso?

(*Childe Harold*, 3, 75)

E, como poderia aquele que sente tudo isso crer-se absolutamente mortal, em contradição com a natureza imortal? Não; mas ele será vivamente penetrado por essa palavra dos *Upanixades*, nos *Vedas*:

Eu sou todas as criaturas como um todo, e fora de mim não existe nenhum outro ser.

(*Upanixades*, 1, 122)

***

Comentário

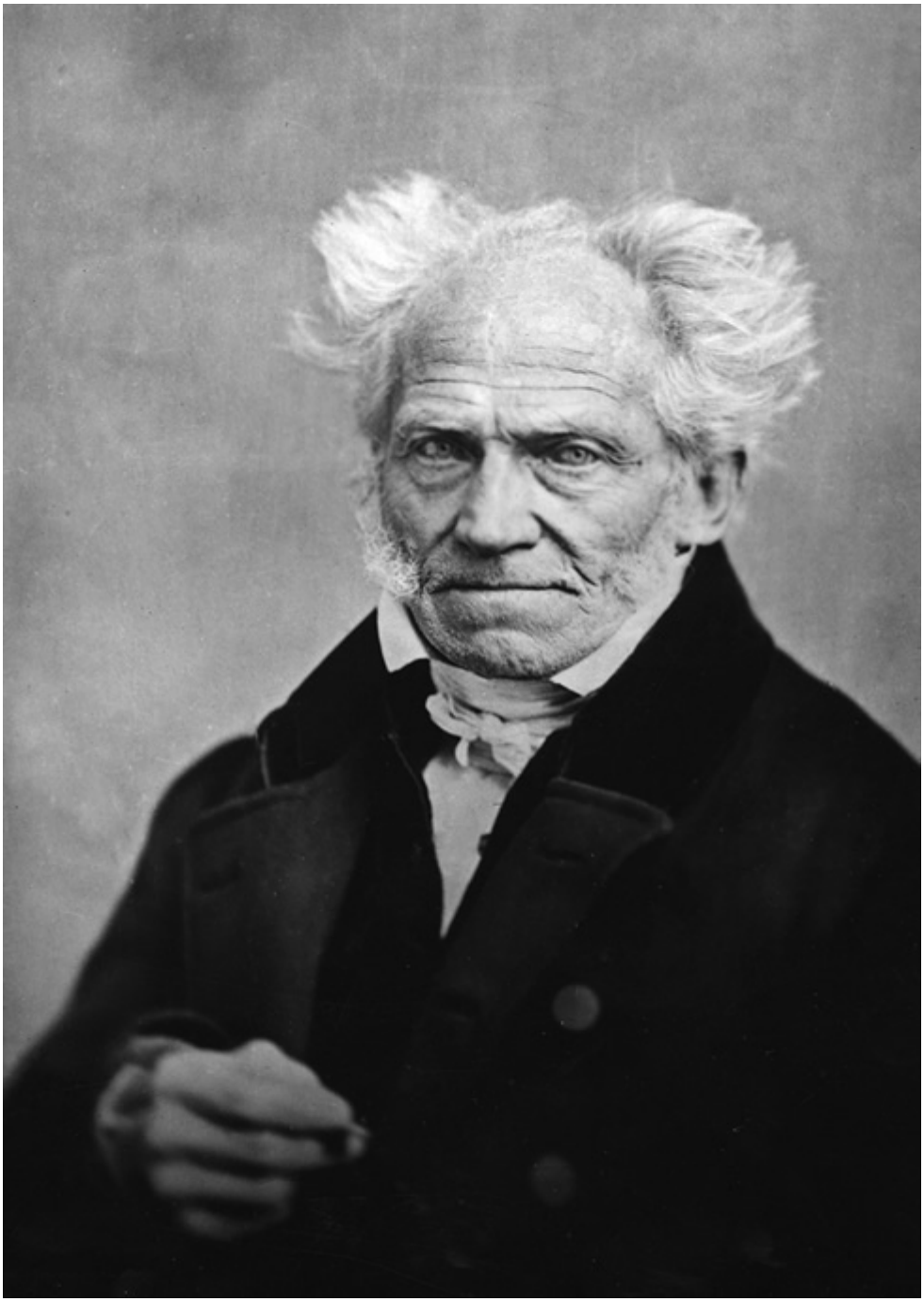
E ainda lhe chamam de "filósofo do pessimismo"… Ora, este que foi um dos raríssimos a quem Nietzsche chamou de mestre, grande filósofo alemão, nada mais fez do que uma leitura ocidental dos textos ancestrais da antiga Índia. O pensamento de Schopenhauer está muito acima da mera filosofia, ele se encontra até hoje ancorado em algo eterno, mas a Academia reluta em admitir a profundidade do seu misticismo – talvez por simplesmente não o haver compreendido.

Assim como Espinosa, que chegou a compreensão de que "uma substância não pode criar a si mesma", e assim como tantos outros antes dele, Schopenhauer se deu conta de uma ideia muito simples: *não existe nada fora de Deus*.

Ocorre que "Deus" é ainda somente uma palavra, e palavras nada mais são do que cascas de sentimento. De nada adianta ler o filósofo alemão de forma acadêmica, é preciso uma certa poesia no olhar e na leitura, é preciso ir além das cascas das palavras. O que quer que seja que cada um compreende por "Deus", fato é que somos todos formados por sua substância. Seja tal substância a poeira estelar que forma nosso corpo, ou elementos mais etéreos e fugidios, como o próprio pensamento, fato é que o mundo de Schopenhauer se reduz a vontade e a representação, e se disto não decorre um entendimento exato da "substância em si", talvez tenhamos de abandonar por um momento a nossa razão, e deixar que nossa mente "se eleve pela força da inteligência, e renuncie a considerar as coisas de modo vulgar" (e, ainda aqui, ele está citando os *Vedas*).

Assim, quem sabe, talvez possamos quebrar um pequeno graveto de madeira, levantar uma pedra do chão, e sentir, vividamente, que também somos parte de tudo o que há. Não existe absolutamente nenhum "pessimismo" em se pensar assim. Ou melhor, talvez seja mesmo necessário o pessimismo

do ego, para que o otimismo do ser possa vir, finalmente, à tona…





Esta foi uma edição
Textos para Reflexão

Muito obrigado por sua leitura.
Para mais obras de grandes autores pelo preço de um café, busque por textos para reflexao na mesma loja em que comprou este livro digital.



Algumas obras que já editamos com carinho...

Assim falou Zaratustra
Friedrich Nietzsche

O Pequeno Príncipe
Antoine de Saint-Exupéry

A Arte da Guerra
Sun Tzu

O Príncipe
Nicolau Maquiavel

Navegar é preciso
Fernando Pessoa

Bhagavad Gita
Anônimo

A Metamorfose
Franz Kafka

Rumi - A dança da alma
Rafael Arrais



Faça-nos uma visita em
facebook.com/textosparareflexao